

VIDA DE SANTA TERESA MARIA MADALENA DE PAZZI

Tradução do Revmo. Pe. Frei Emídio ter Beke, O. Carm.

APRESENTAÇÃO

Atendendo a um pedido, que nos foi feito, para que fizéssemos a tradução duma biografia de Santa Maria Madalena de Pazzi, apresentamos agora o fruto singelo do nosso trabalho.

Servimo-nos de uma biografia da mesma santa, redigida em linguagem arcaica e estilo antiquado, editada em flamengo, no século passado.

Por sua vez, aquela obra é uma tradução do original italiana, escrito pelo Pe. Jesuíta, Virgílio Capari, o qual, além de ter sido autor de outras hagiografias, conheceu pessoalmente a nossa santa irmã. Ele faleceu a 14 de março de 1631.

A tradução por nós apresentada, não é completa. Tomamos a liberdade de cortar, ou abreviar, vários capítulos, narrações, considerações e aplicações.

O primeiro motivo que nos leva a fazer isso, é que, ao ser-nos feito o pedido de tradução, já estava incluída esta condição. O segundo é que, na obra original se encontram muitas descrições prolongadas e supérfluas de visões, comunicações e êxtases, que teve a nossa santa. Destas comunicações e instruções já foi feita uma tradução à parte.

O que nos interessa numa biografia de santos não são tanto as coisas extraordinárias, isto é, os favores especiais, como visões, êxtases, etc; mas sim, os exemplos das suas virtudes, a sua cooperação com a graça divina, na qual consiste essencialmente a santidade de vida que devemos e podemos imitar.

Para tanto não nos esqueçamos dum dizer do grande Papa Bento XIV, cuja obra sobre a canonização dos Servos de Deus é fundamental até ao dia de hoje. Este grande Papa afirmou que não são os milagres, os êxtases, os favores especiais, que comprovam a santidade de alguém; mas, pelo contrário, a santidade da sua vida deve comportar a veracidade daqueles favores.

É verdade que, conforme afirmaram as companheiras de vida da nossa Santa, a vida dela foi quase um êxtase contínuo. Ainda assim, sabendo ler como é necessário, descobre-se muito assunto de instrução prática.

Além do mais, o próprio autor, no Capítulo 7, previne os seus leitores contra o perigo que pode haver em tais coisas; mormente, em se tratando de mulheres que parecem mais inclinadas para apreciar tais fatos.

Ainda assim, creio que restou o suficiente para as nossas monjas, leitoras dessa tradução, se formarem uma ideia exata e esclarecedora desta figura tão fulgurante do Carmelo, que foi e continua a ser a Santa Madre Maria Madalena.

Que elas, por intercessão da mesma, possam chegar a levar uma vida verdadeiramente carmelitana, a qual consiste em viver unicamente para Deus, mediante a meditação contínua da sua Lei e a renúncia completa a si mesmas, conforme nos ensina a oração Litúrgica do dia em que apresentamos este trabalho.

O Tradutor

Jaboticabal, 14 – 11 – 1958

Festa de todos os Santos da Ordem

Vida de Santa Maria Madalena de Pazzi, Virgem da nossa Ordem

CAPÍTULO I

Infância da Santa - As suas práticas de piedade,
durante os 10 primeiros anos da sua vida

A seráfica Virgem, Santa Maria Madalena de Pazzi, teve por pai Dom Camilo Guerino de Pazzi, e por mãe, Dona Maria Lourença Bondelmonte, ambos pertencentes às principais famílias da nobreza de Florença. Ela nasceu nesta cidade, a 11 de abril de 1566, e foi levada à pia batismal, na Igreja de S. João Batista, já no dia seguinte.

Os seus padrinhos foram Dom Randolfo Strozzi e Dona Flameta Minerbetti, que lhe impuseram o nome de Catarina. Este fato já parece ter sido um feliz presságio; já que a sua vida tem tanta semelhança com a da sua celeste padroeira, Santa Catarina de Sena.

A sua mãe, Dona Maria, afirmou mais tarde, que esta sua filha jamais lhe causou qualquer dor física ou desgosto moral, como as demais criancinhas costumam causar às suas respectivas mães.

A pequena Catarina era dotada duma índole mansa e obedecia, sem fazer dificuldades, não somente aos seus pais, como ainda às empregadas encarregadas de cuidar dela. Desde a idade mais tenra, prevenida pela graça, ela não encontrava prazer nos brinquedos ou folguedos, com que se divertem as outras crianças. Pelo contrário, ela dava provas tão grandes de sabedoria e madureza, que as suas coleguinhas receavam aproximar-se dela, por mais amável e afável que ela fosse no seu trato; porque o seu porte nobre e comedido inspirava sumo respeito.

Tendo chegado à idade escolar, ela foi confiada aos cuidados das Religiosas, chamadas Paupertinas. Duas vezes por dia, ela fazia o percurso entre a casa paterna e a escola. Como ela passava frente à prisão, aconteceu, um dia, que alguns detentos lhe pediram uma esmola. Movida por motivos sobrenaturais, ela esvaziou imediatamente o conteúdo todo da bolsa, que costumava ter consigo. Depois ela repetia, diariamente, este mesmo gesto. Dentro da casa paterna, o seu maior prazer consistia em poder distribuir esmolas entre os necessitados que vinham bater à porta; causando desta forma, grande alegria aos seus piedosos pais.

Lá pela idade dos seus 6 ou 7 anos, ela começou a apreciar sumamente as conversações, cujo objeto eram Deus e as coisas eternas, preferindo a companhia daquelas pessoas, cujo gosto consistia nisto mesmo. A sua mãe e a sua governanta pertenciam a este número de pessoas. Sabendo a menina que as duas senhoras se achavam juntas em qualquer parte, falando da perfeição cristã, ia imediatamente à procura das mesmas, pondo-se a escutar com uma atenção extraordinária. Quando, em tais ocasiões, a sua mãe lhe dizia: “Vai passear um pouco, minha filha”, ela obedecia logo, voltando, porém, pouco depois. Mais tarde, ela afirmou muitas vezes, que, embora não tivesse compreendido bem o alcance daquelas conversas, estas a enchiam da mais suave devoção. A própria Dona Maria declarou mais tarde,

que a menina lhe fizera, então, muitas perguntas bem profundas, às quais ela achava melhor não dar resposta, a fim de não embotar a inteligência da criança.

Naquela idade, o seu coração já se sentia suavemente atraído para o mistério sublime da Santíssima Trindade. Às pessoas piedosas ela fazia perguntas acerca desta verdade adorável e não deixava passar nenhuma oportunidade, para adquirir conhecimentos mais perfeitos. Abrindo uma vez um devocionário, a fim de recitar o ofício de Nossa Senhora, deparou com o símbolo de Santo Atanásio, onde se acha uma descrição ou definição tão exata deste mistério. Sobremaneira contente com esta descoberta, ela a percorreu e lia com grande atenção e devoção, embora não alcançasse todo o sentido daquelas palavras. Em seguida mostrou à sua mãe o tesouro encontrado. Naquele tempo, já era grande o seu desejo de receber a Santa Comunhão. Os anos que a separavam do Banquete Eucarístico lhe pareciam séculos. Por isso, cada vez que a sua mãe acabava de comungar ela aproximava-se da mesma e interrogada por que fazia isto, ela respondeu: “Ó, Mamãe, é porque a Senhora está cheirando a Jesus!” Prova de que o Santíssimo Sacramento tinha uma atração toda especial para ela. E este era também o motivo porque ela pedia a sua mãe que a levasse à Igreja, quando fosse receber a Santa Comunhão.

Com a idade de apenas sete ou oito anos, ela começou a santa prática da oração, embora não soubesse bem como devia fazer isto já que não era capaz de ler tratados sobre este assunto. Mas era o próprio Espírito Santo quem lhe dava instruções. Por esta razão, ela gostava da solidão, fugia da companhia dos outros, falava pouco e com grande discrição. Quando vinham parentes ou outras senhoras fazerem visitas à sua mãe, esta mandava que a menina viesse apresentar-se. Esta obedecia prontamente aos desejos da sua mãe. Quando, porém, se oferecia a primeira oportunidade, ela desaparecia e procurava a companhia do seu Amado. Um dia, quando as empregadas, a mandado de Dona Maria, foram à procura da menina, encontraram-na, depois de muitas horas, por detrás duma cama, onde ela estava toda absorta em Deus.

Mais tarde, ela mesma declarou que se entregara a estes santos exercícios, impelida por uma atração interior, que a fazia ajoelhar-se, com o fim de procurar a Deus e de conhecer a sua Santa Vontade.

Às suas orações prolongadas, a menina juntava a prática da penitência. À hora da refeição, ela tomava apenas os alimentos necessários para sustentar o seu corpúsculo, retirando-se, quando os lacaios serviam a sobremesa. Durante o veraneio, passado na casa de campo, as empregadas tomavam refresco na parte da tarde. Nunca conseguiram que a menina atendesse ao seu convite de tomar parte. Por ocasião da refeição noturna, ela tomava não dos alimentos mais saborosos, mas dos mais comuns e em quantidade tão pequena, que sua mãe chegou a declarar que não podia compreender como a sua filha era capaz de continuar a viver. Quando, em certa ocasião festiva, o tempo estava ruim, Dona Maria mandou que se atrelassem os animais, para levar a sua filha do castelo à igreja paroquial, muito distante. Catarina implorou tanto que a deixasse ir à pé, por amor do Salvador pobre, que Dona Maria retirou as suas ordens.

O seu zelo pela glória e honra de Deus era tão grande que não lhe era possível ouvir uma blasfêmia ou mesmo uma palavra mais forte sem que sentisse o seu coração como que

ferido. Pelo mesmo motivo, ela mostrava grande interesse pela salvação das almas. Isto fez com que ela, apesar de tão nova, reunisse em redor de si grande número de crianças ignorantes e destituídas de religião, ensinando-lhes o Pai-Nosso, a Ave Maria, o Símbolo dos Apóstolos ou os 12 artigos e outras coisas. Particularmente, por ocasião de veraneio, ela procedia desta forma, com licença da sua mãe, ela distribuía, entre as crianças pobres da aldeia, vestidos ou presentes com o fim de torná-las mais atentas e assíduas às instruções catequéticas. A uma pessoa que lhe perguntou por que ela dava tantas provas de carinho a estas crianças sujas, Catarina respondeu: “Porque elas me fazem lembrar o menino Jesus; por causa da sua candura e inocência”. Durante toda a sua vida, ela conservou esta predileção para com as criancinhas.

Tendo chegado à idade de 9 anos, o Pe. Jesuíta, André Rossi, que era o confessor de Dona Maria, julgou-a idônea e competente para fazer oração mental metódica. Por esta razão, ensinou-lhe as normas, dando instruções práticas, acerca deste santo exercício. Desde aquele tempo, Catarina acostumou-se a fazer diariamente e de manhã cedinho uma hora de oração. Ela mesma confessou mais tarde que o grande fruto desta prática foi um recolhimento tão grande e profundo que nada era capaz de distraí-la, a não ser o pensamento de se fazer religiosa. Ela, porém, estava intimamente convencida de que este pensamento não ofendia a Nosso Senhor; e, por isso mesmo, quando ia fazer a sua oração costumava até trajar-se e portar-se como uma religiosa.

O seu desejo de fazer oração ia se tornando cada vez mais intenso. Já antes do sol levantar-se ela estava aos pés do Mestre. Evidentemente estas coisas não podiam continuar ocultas à sua governanta, a boa Angélica. Esta mais de uma vez a surpreendeu em oração. Catarina suplicou-lhe que nada dissesse à sua mãe, que talvez quisesse restringir um pouco estas práticas piedosas. Ela foi mais longe. Ensinou à sua empregada a mesma prática. E, para que a esta não faltasse o tempo necessário, a própria menina começou a fazer o serviço de arrumadeira.

A sua inclinação para meditar sobre a Paixão de Nosso Senhor era enorme; tirando como fruto um grande desejo e uma sede intensa de sofrer qualquer coisa por amor do Salvador. Em consequência disso, ela começou a tomar disciplina, a pôr sobre a sua cabeça uma coroa de espinhos por ela mesma fabricada e mais outras coisas semelhantes. Para dormir, deitava-se, não sobre a cama macia, mas sobre um enxergão duro, ou ajoelhava sobre o chão. A sua mãe, chegando a saber destas coisas, resolveu fazê-la dormir nos seus próprios aposentos, a fim de que a menina não passasse todas as noites em oração e penitência.

CAPÍTULO II

Primeira Santa Comunhão de Catarina

Favor recebido do Céu - Os seis anos, que ela passou no Convento de São João de Florença

Quando Catarina completou 10 anos de idade, o seu confessor, Padre Rossi, conhecendo o grande desejo que a menina tinha de receber a Santa Comunhão, resolveu admiti-la. Depois de ter dado às instruções necessárias, ele estabeleceu a data marcando o dia 25 de março de 1575, festa da Anunciação. Catarina recebeu sua Primeira Santa Comunhão na igreja dos Jesuítas, dedicada a S. João Evangelista. Depois de ter recebido a visita de seu Divino Salvador, com todo o cuidado e toda a preparação de que era capaz, ela sentiu um contentamento interior tão grande, como nunca mais experimentou em seguida, conforme ela mesma declarou. O Pão dos Anjos, em vez de lhe saciar a fome, aumentou-a. Ela não conseguiu ocultar ao seu confessor o seu grande desejo. Sabedor dos puríssimos desejos da menina, o Padre consentiu em que ela comungasse semanalmente. Ainda assim, cada semana lhe parecia uma eternidade: chegando a contar as horas que a separavam da comunhão seguinte.

Na quinta-feira santa daquele mesmo ano, data em que ela completava 11 anos de idade, Catarina encontrava-se na Igreja dos Jesuítas. Ela começou a refletir sobre o imenso amor de Jesus para com os homens comprovado pela Instituição do Santíssimo Sacramento. As suas considerações lhe inflamaram o coração excitando nele o imenso desejo de retribuir alguma coisa. Convencida, de que não era possível oferecer a Jesus uma dádiva mais linda do que a sua pureza virginal, ela fez imediatamente a oferta da mesma, consagrando-se a Ele mediante o voto de virgindade perpétua. Imediatamente ela recebeu uma prova de que esta oferta tinha agradado sumamente ao seu Amado porque, no mesmo dia, ela viu o seu dedo ornado duma aliança preciosa, penhor da sua consagração à Divina Majestade.

Desde aquele momento, Catarina fez rápidos progressos na virtude conformando-se, diariamente mais e mais, com seu esposo Celestial e unindo-se a Ele, mediante um amor mais perfeito. Tudo lhe servia de meio para louvar, servir e amar melhor a Deus, e sempre ela estava à procura de algum sacrifício. Quando seu pai foi nomeado governador da cidade de Cortona, Catarina estava com 14 anos. Sendo obrigado a deixar Florença, Dom Camilo consultou o Padre Blanca, Reitor dos Jesuítas, acerca do colégio, onde ficaria melhor a sua filha. O Padre aconselhou que escolhesse o Convento de São João para completar a educação de Catarina. O pai deve ter apreciado este conselho porque havia naquela comunidade religiosa, uma parenta sua, a Irmã Silvágia Morelli, à qual ele recomendou de modo particular a sua filha. A separação foi muito dolorosa para a mãe, Dona Maria. A menina nutria a esperança de poder dar-se mais à oração.

O Pe. Blanca exigiu, ainda, que fosse permitido à Catarina a Santa Comunhão, em todos os dias festivos. As religiosas consentiram nisto, o que foi um grande consolo para a jovem. É verdade que as suas comunhões frequentes foram o objeto de muitas críticas e de tentativas proibitivas. Mas, Catarina continuou firme e fiel ao seu propósito. O seu comportamento edificante fez com que ela conquistasse o coração de todas as religiosas, as quais acabaram por desejar que Catarina continuasse sempre com elas, tornando-se membro da comunidade.

No processo informativo da beatificação, as Irmãs Silvágia Morelli, Diamantina Mazzinglei e Faustina Strozzi, fizeram, sob juramento, um depoimento cujo conteúdo reduzido diz o seguinte:

“Catarina foi confiada aos nossos cuidados pelo seu pai, Dom Camillo de Pazzi, no ano de 1580, quando ele tinha sido nomeado governador de Cortona. Ela tinha, naquela ocasião, 14 anos de idade e permaneceu conosco durante aproximadamente 15 meses, deixando-nos os mais belos exemplos de vida cristã e religiosa. Impossível maior piedade e maior inclinação para a oração: diariamente ela consagrava duas horas à oração, na parte da manhã, e uma hora na parte da tarde. Até o seu repouso noturno ela interrompia. Aos sábados ela percorria o Evangelho do dia seguinte fazendo alguns apontamentos que deviam servir de matéria para a semana seguinte. Muitas vezes ela estava presente ao ofício coral, não somente diurno como também noturno. Durante a oração percebia-se a sua grande união com Deus, edificando pelo seu porte, à comunidade. As suas virtudes também nos edificavam grandemente: todo o seu tempo livre ela o empregava na leitura do Santo Evangelho, das meditações e dos solilóquios de Santo Agostinho. Ela nos exortava à recepção frequente da Santa Comunhão e ao exemplo dela devemos o costume da mesma, em nossa comunidade. Ela evitava as conversações com as demais jovens que educávamos em nosso convento; mas, gostava de manter contato com as irmãs leigas, às quais fazia leituras piedosas. Preferia a companhia das pessoas mais recolhidas e entregues às práticas de piedade. Nunca se ouviu de sua boca uma palavra ociosa ou inútil e nunca se notou nela algum movimento leviano. Era inimiga de toda vaidade e o seu traje simples desprezava qualquer luxo mundano. Nunca, também, enfeitava a sua cabeleira; diferenciando-se muito, neste particular, das outras donzelas nobres.

A sua mansidão era tão perfeita, que nenhuma coisa era capaz de lhe causar aborrecimento, excetuando-se o cuidado, que lhe era dispensado, por ocasião de alguma doença. Mesmo, então, ela obedecia.

A sua caridade não era menos edificante. Cheia de respeito para com o próximo, ela não descobria os defeitos alheios. A tudo ela dava uma explicação para o bem, procurando defender a pessoa atacada na sua presença, ainda que a não conhecesse. A sua humildade fez com que ela gostasse muito de varrer a casa, arrumar os quartos, ocupar-se com os afazeres mais corriqueiros e ordinários. Declarava-se indigna de viver em nossa casa e companhia - a sua mortificação era muito austera. Ela dormia mal acomodada e interrompia o seu sono. A sua comida era muito parca; além disso, jejuava e tomava disciplinas, tanto assim que o seu corpo chegou a um ponto de extenuação e fraqueza que, conforme ela mesma declarou, quase não lhe deixava as forças necessárias para o serviço de costura.

Finalmente, podemos afirmar que ela era excelente na prática de todas as virtudes, edificando a todas nós. O seu porte exterior era tão digno que algumas das nossas religiosas tinham receio de se aproximar dela. Muitas vezes lhe pedimos que permanecesse entre nós, porque esperávamos que ela fosse a reformadora do nosso convento, chegando mesmo a prometer-lhe que voltaríamos ao primitivo rigor da nossa regra, se ela ficasse conosco. A tudo isto ela respondeu pedindo orações, para que Nosso Senhor a iluminasse e lhe fizesse conhecer a sua Santa Vontade. Pessoalmente, ela dava preferência a entrar para uma comunidade já reformada, porque temia a sua própria fraqueza”.

Ao fazer tais declarações, Catarina tinha somente 15 anos de idade.

CAPÍTULO III

Catarina pede aos pais e ao confessor permissão para entrar em algum convento

Depois de ter completado o prazo que lhe fora marcado para governar a cidade de Cortona, Dom Camilo, pai de Catarina, voltou para Florença, com toda a sua família. Logo em seguida, mandou voltar a sua filha para casa. A mãe foi buscá-la, mas ficou triste ao ver sua filha tão magra e abatida que parecia um cadáver ambulante. Sem demora, foram convocados alguns médicos, os quais depois de mútuas consultas, aconselharam que a mocinha fosse mandada para o campo, a fim de respirar o ar livre, passear, tomar banhos e outras coisas semelhantes. Durante todo tempo do tratamento, Catarina mostrou-se muito amável e afável para com todos os de sua família. Tanto os seus irmãos como os serviçais do castelo achavam sumo prazer em estar na companhia dela. A todos edificava. Ela mesma tomava as providências necessárias para que sua vida de piedade não ficasse prejudicada.

Devido aos bons cuidados maternos e fraternais, bem como ao tratamento, Catarina recuperou as forças perdidas, podendo voltar para Florença.

Já vimos que, desde a mais tenra idade ela nutria o desejo de se consagrar a Deus no estado religioso. Somente faltava manifestar este desejo aos seus pais, cujos planos eram diferentes. Tendo completado 16 anos de idade, ela percebeu que os pais estavam preocupados com um bom partido matrimonial para sua filha. Foi, então, que ela resolveu falar, com franqueza, a fim de evitar que se tomasse algum compromisso sério. Depois de ter implorado o auxílio do céu, ela falou, na primeira oportunidade, para seu pai, que já não lhe era mais possível ocultar que ela tinha dado o seu coração a Jesus, desde a sua infância, desejando entrar para algum convento. Caso os planos do pai não concordassem com os seus propósitos, ficasse o pai ciente de que ela preferiria morrer a desistir de seu propósito. Esta franqueza foi como que um raio para o pai, que se desfez em prantos e não soube encontrar respostas. Mas já que ele era um homem temente a Deus e não queria contrariar a sua filha, desistiu dos planos matrimoniais.

Estando Catarina sossegada daquele lado, Deus permitiu que uma senhora lhe falasse muita coisa pesada e ultrajante para o seu modo de viver e o seu desejo de vida religiosa. Sem revidar qualquer palavra, Catarina retirou-se para o seu quarto, onde se prostrou aos pés de uma imagem de Nossa Senhora, a fim de rezar por aquela que acabava de ofendê-la, e de agradecer a Deus por lhe ter outorgado esta ocasião de sofrer alguma coisa por amor a Ele.

Restava, ainda, ganhar a sua mãe para o seu partido. E esta tarefa não era a das mais fáceis. Dona Maria era muitíssima afeiçoada a sua filha, que sempre convivia com ela e lhe dava muitas provas de edificação e de prudência, tornando-se assim, o grande arrimo para a sua felicidade. Todas as palavras, todas as ações, todas as atitudes de Catarina tornavam-na, ainda mais amável e admirável aos olhos de sua mãe, a qual vivia constantemente preocupada com o partido mais vantajoso para a sua filha. Esta, cheia de confiança em Deus, recorreu a um expediente que deu ótimos resultados.

Embora ela amasse muitíssimo à sua mãe, fez um grande esforço sobre si mesma para não deixar perceber exteriormente a sua profunda afeição. Todas as vezes que lhe era possível, afastava-se de sua mãe; evitava os lugares onde certamente havia de encontrá-la; mostrava-se pouco condescendente para com ela, ao que se refere aos divertimentos mundanos ou aos enfeites exteriores. Em vez de trajar elegantemente, como convinha a uma mocinha de sua alta posição social, ela usava, de preferência, vestidos simples a ponto de as outras mães aristocráticas chamarem a atenção de suas filhas nimiamente vaidosas sobre o exemplo de Catarina.

Naquele tempo, a sua mãe encomendou para ela um vestido branco, muito elegante. Catarina não soube encontrar qualquer pretexto para não o usar; mas, através de suas lágrimas, ela deu mostras de quanto achava indigno de uma jovem, resolvida a consagrar-se a Jesus Cristo, o fato de chamar sobre si a atenção dos mortais. Tendo sido conduzida por sua mãe ao convento, onde pouco antes havia vivido, uma das religiosas vendo a jovem tão engalanada, pensou que esta fosse contrair núpcias e começou a falar deste assunto como se fosse coisa de sumo agrado para Catarina. Esta, porém, ficou tão incomodada com tal conversa que teria caído por terra se os parentes não tivessem acudido para segurá-la.

Todas as vezes que sua mãe a interrogava sobre suas orações e práticas de piedade, não dava mais respostas agradáveis como antes. Pelo contrário, ela parecia triste e contrariada. Geralmente, ficava silenciosa; quase não comia mais nada e quanto mais Dona Maria procurava ser carinhosa, tanto mais a filha parecia indiferente ou arredia. Finalmente, embora ela fosse por índole muito afável e amorosa para com sua mãe mostrava-se muito pouco delicada. Tudo isto, porém, não passava de artifícios e espertezas, que ela empregava para extinguir um pouco aquele amor maternal, que ela sabia ser o maior obstáculo para sua vocação.

Deus, que jamais desampara aos que Nele põem sua esperança e sempre favorece aos que desejam prestar-lhe um serviço mais perfeito, sustentava a Catarina e ajudava a jovem, para extinguir, no coração materno, aquele amor excessivo. Esta mãe lembrando-se da grande piedade de sua filha fomentada desde os primeiros anos, das muitas práticas devotas e comunhões frequentes, da aversão da mesma pelos divertimentos mundanos, começou a compreender que Deus a predestinara para ser exclusivamente d'Ele. E, por isso, ela teve medo de ofendê-Lo, resistindo-lhe por mais tempo. De outro lado também ela receava prejudicar ainda mais a saúde de sua filha, a qual ela via tão triste e acabrunhada. Colocada, assim, entre dois fogos ela resolveu consultar o Pe. Blanca, seu confessor, e sujeitar-se ao que este decidiria. Foi uma inspiração divina. O Padre, que a conhecia muito bem lhe respondeu: “Senhora, Nosso Senhor Jesus Cristo quer a sua filha totalmente para si. E ela não pode resistir a este desejo. Além disso, ela lhe tem um amor demasiadamente grande para lhe ser infiel”. E o Padre aduziu mais outros argumentos para convencer a Dona Maria de que ela, sem um grande risco de pecar, não poderia continuar a resistir aos desejos e propósitos de sua filha e de que deveria dar o seu consentimento.

Depois de ter consultado o Padre, Dona Maria retirou-se para os seus aposentos, mandou vir a sua filha e interrogou-a sobre os seus propósitos. Vendo a firmeza de Catarina, respondeu-lhe: “pois bem minha filha, já que é esta a tua decisão, ela será também a minha.

Prometo-te que não farei mais dificuldades ao que Deus te pede"! Depois de ter dado a sua mãe efusivas provas de gratidão, Catarina retirou-se para os seus compartimentos, onde rendeu fervorosas graças a Deus pela vitória alcançada. Desde aquele momento, pensou exclusivamente em quebrar, quanto antes, os laços que a prendiam ao mundo. A própria satisfação que ela experimentava por causa de tudo isto, restituiu-lhe a boa aparência e a força necessária. No entanto, a fim de não provocar novamente as afeições excessivas da sua mãe, ela procurava na presença da mesma dominar a sua alegria, embora tratasse muito bem a todos.

Os pais queriam que o mesmo Pe. Blanca identificasse entre os vários conventos que havia em Florença aquele que mais condizia com as condições e os desejos de Catarina. Entre os demais, o Pe. Blanca indicou o Mosteiro das Dominicanas e o Mosteiro dos Anjos, da Ordem Carmelitana. Catarina que estava presente à consulta respondeu que a sua escolha já estava feita, desde muito às Clarissas, por causa de sua grande pobreza e de seu traje rude e pobre. Tinha em grande estima, também, às Dominicanas; porque estas religiosas viviam em grande Clausura e recolhimento; coisa que devia favorecer muito a oração e ao desprendimento. Preferia, porém, entre todos os Mosteiros, o de N. Senhora dos Anjos, porque além da fiel observância regular, reinava por lá, o costume salutar da comunhão diária.

Este Mosteiro havia sido fundado por quatro senhoras nobres de Florença: Inocência Bartoli, Sara Lapacinni, Madalena Lapacinni (filha da primeira) e Ana Davanzati. Movidas por inspiração divina e por uma grande devoção à Rainha das Virgens, estas quatro damas tomaram publicamente o hábito carmelitano, a 15 de agosto de 1450, na Igreja da Ordem. Terminada a cerimônia, elas voltaram para as suas respectivas residências, onde viviam com grande edificação geral sob o nome de Irmãs da SSma. Virgem. Movidas pelo exemplo delas, outras seguiram pelo mesmo caminho; duas na mesma festa no ano de 1453. Depois disto foram viver juntas numa casa que lhes fora dada e se achava perto da Igreja dos Padres Carmelitas. Ajuntaram-se a elas tantas outras jovens que bem depressa se tornou necessária a construção dum Mosteiro, onde foram viver sob a Regra Carmelitana. Vários breves pontifícios (Leão X, 1520; Pio IV, 1564, e São Pio V, 1610), aprovaram e confirmaram este instituto. Eis um resumo breve da formação religiosa, dada neste Mosteiro.

Depois de um ano de noviciado, as candidatas eram admitidas à profissão. Feita a profissão elas continuavam dentro do noviciado, debaixo da vigilância da mestra, durante três anos. Passados estes três anos, elas passavam para o Juvenato, onde elas deviam viver, durante mais três anos, debaixo da vigilância de outra mestra. Durante aqueles anos, elas não tinham contato direto com as demais religiosas professoras. Terminado aquele prazo, elas passavam para os cuidados especiais da madre subpriora, que exercia uma vigilância especial sobre elas, durante mais três anos. A formação completa das monjas era feita, portanto, em dez anos. Somente depois disto, elas seriam consideradas como membros completos da comunidade. Elas não tinham dentro de seu Mosteiro, internato ou colégio para pessoas estranhas, nem locutórios ou salas de visita, como as outras religiosas. Viviam, portanto, totalmente separadas e afastadas deste século.

Eis os motivos porque este Mosteiro continuou fiel a uma exata observância regular que lhe granjeava a estima da cidade toda e atraía para dentro de seus muros vocações de

moças pertencentes às famílias mais importantes. Basta lembrar aqui duas sobrinhas do Papa Urbano VIII, filhas de Carlos Barbarini. Por ocasião da entrada de Sta. Maria Madalena, o Mosteiro constava de umas 80 religiosas.

O Pe. Blanca podia fornecer dados seguros acerca da comunidade porque os padres Jesuítas, durante muitos anos, haviam dado assistência espiritual a mesma.

CAPÍTULO IV

Entrada e vestição da Santa

Logo depois de obtido o consentimento dos pais, tomaram-se as providências para a entrada de Catarina, a qual se deu no dia 14 de agosto de 1582, quando ela tinha completado 16 anos e quatro meses de idade. Era costume neste Mosteiro que as candidatas fossem admitidas por uns quinze dias, a fim de que elas mesmas e as superiores pudessem verificar se havia ou não as condições e disposições indispensáveis. Decorrido este prazo, elas eram remetidas para as suas famílias para se tomarem as devidas providências. Durante aqueles quinze dias elas eram confiadas aos cuidados de duas religiosas das quais uma era de idade mais avançada e a outra mais nova. Estas tinham o nome de irmãs externas, porque estavam encarregadas de cuidar de pessoas não pertencentes à Comunidade. Além de observarem e guiarem as candidatas, elas apresentavam-nas diariamente à Madre Mestra que lhes fornecia explicações e instruções sobre a Ordem, sobre os costumes internos da casa e demais coisas. A Madre Mestra e as irmãs externas prestavam contas de suas experiências à Madre Priora. Quanto a jovem Catarina, elas não precisavam de muito tempo, para saber que se tratava de uma candidata extraordinária. Todas as palavras, todas as ações e atitudes da mesma forneciam outras tantas provas de sua candura, mansidão, obediência e caridade excepcionais.

Não obstante a sua pouca idade, ela já tinha um domínio completo sobre si mesma. Eis uma prova: certo dia, encontrava-se ela com muitas outras num compartimento destinado a trabalhos manuais feitos em comum. Enquanto todas, sob silêncio, estavam entregues ao seu serviço, caiu de repente e com forte ruído um móvel, o que provocou susto e algazarra entre as pessoas presentes, com exceção de Catarina. Esta, sozinha continuou imóvel e imperturbável no seu lugar sem levantar a cabeça e sem desviar o seu olhar do trabalho com que estava ocupada naquele momento, como se estivesse toda absorta em Deus.

Durante aqueles dias de experiência, ela não deixou de praticar a oração como estava acostumada. Para isto ela ia ao coro ou ajoelhava-se sobre o assoalho do dormitório. Várias religiosas e companheiras o notaram. A sua mestra, Madre Evangelista, lhe disse: “minha filha, querendo permanecer conosco terá que desistir destas orações particulares e contentar-te com as práticas comuns do noviciado.” Ao que Catarina, com grande respeito, respondeu: “Eu sei, minha Madre, que todos os atos de obediência, praticados na Religião, são outras tantas orações”. Esta resposta forneceu à Madre Mestra as melhores provas de que Catarina estava animada do melhor espírito. Era desejo unânime das monjas que esta candidata fosse admitida, enquanto a própria Catarina se encontrava muito com a boa ordem, harmonia e

disciplina que reinavam na casa. Ela chegou a declarar: “Tem-se toda razão em dar a este Mosteiro o nome de N. Senhora dos Anjos, porque a Rainha das Virgens é a sua protetora e suas habitantes parecem anjos do céu”. O seu grande desejo era tomar o hábito, sem tornar a viver com seus familiares. Mas ela teve que sujeitar-se aos desejos destes e ao costume em vigor. Por isso, depois de decorridos 10 dias, a sua mãe foi procurá-la, levando-a consigo para sua casa paterna.

A única coisa que consolava Catarina era a sua esperança de poder voltar, quanto antes, para o Mosteiro amado.

Mas ela teve que esperar durante três meses completos, para satisfazer os seus pais, que com grande desgosto consentia esta separação definitiva e inventavam cada vez mais novos motivos para adiar a entrada. Este tempo, porém, não se tornou um tempo perdido para a jovem, porque ela procedeu com tanta prudência e com tanta perfeição que seria difícil formar uma ideia disso.

Em primeiro lugar ela detestava todo e qualquer luxo, continuando fiel ao seu trajar simples e modesto.

Além disso, ninguém conseguia dela que fosse aos passeios públicos ou aos espetáculos. Catarina contentava-se com visitas feitas à Igreja ou às comunidades religiosas, onde viviam parentes consagrados ao serviço de Deus. De vez em quando ela ia, em companhia de sua mãe, à N. Senhora dos Anjos com o intuito de apressar o seu ingresso. Durante todo aquele tempo, ela não diminuía em nada as suas práticas de piedade procurando o mais possível, a solidão e o silêncio. Um dia, a sua mãe a chamou, a fim de verificar se o enxoval estava em ordem, e perguntou-lhe se não faltava nada, ao que Catarina, contente com as providências de sua mãe, respondeu a esta que estava tudo muito bom e que lhe agradecia muito.

Finalmente, feitos todos os preparativos para a sua entrada e tendo tomado a bênção de seus pais, ela deixou o lar da família, para nunca mais voltar. Isto aconteceu no dia 10 de dezembro de 1582. A sua mãe e várias senhoras de sua família formaram a comitiva que se encaminhava chorosa. Quanto a jovem, ela ia contente e desejosa de se esconder atrás daquelas paredes benditas. Enquanto D. Maria se desfazia em prantos, duas senhoras parentes suas declararam à Madre Priora: “Tomai conta desta jovem, ela é um anjo de inocência, que a meu ver, jamais cometeu um pecado”.

Repleta dos mais profundos sentimentos de gratidão para com Deus, que livrara da corrupção e das vaidades mundanas, Catarina ficou no Mosteiro, cujas religiosas não podiam deixar de experimentar por sua vez, um grande contentamento, por terem recebido em seu meio um tesouro tão grande. Tanto assim que, por ocasião do capítulo conventual do dia 8 de dezembro, em que se tratou da admissão de Catarina ao hábito, os votos favoráveis foram unânimes.

Dona Maria, que já tinha abandonado a esperança de ver voltar para casa a sua filha, desejava ao menos ter um retrato dela. Para tanto ela enviou um completo traje de gala, exigindo de Catarina que assim vestida, fosse feito um retrato. A tristeza da jovem ao saber

desta notícia foi imensa e ela exclamou: “Para retratar um corpo feito de barro e conservar a lembrança de uma criatura tão desprezível? Eu saí do mundo justamente para nunca mais ser avistada, carregada destas vaidades, agora querem que eu, desta forma volte atrás? Isto nunca!

Somente a autoridade do Pe. Blanca, seu confessor, e da Madre Priora conseguiram que ela concedesse aquele desejo da sua mãe. Nos traços do rosto reproduzidos na tela, denota-se, entretanto, uma certa tristeza que não lhe era própria.

Dois dias antes da vestição, Catarina pedia que lhe fosse concedido o favor de passar em solidão o tempo que lhe restava. Ela retirou-se, durante aqueles dias, para o oratório do noviciado, onde se entregou a considerações sobre o seu futuro compromisso com Nosso Senhor; sobre a sua grande dita, proveniente daí; sobre a pureza de coração que ela mesma devia apresentar; sobre os meios de provar a sua gratidão e sobre o teor de vida, que deveria levar. O que ela fez não era costume na comunidade. E como a Irmã porteira não sabia nada daquele piedoso retiro, ela ia avisar a Catarina, cada vez que alguma criada do palácio de Pazzi, encarregada de enfeitar a capela para a cerimônia da vestição, vinha bater à porta, pedindo o favor de falar com a jovem. Esta para não ser perturbada, pediu à Madre Mestra que a livrasse destas visitas incômodas. No que foi atendida.

Finalmente, a 30 de janeiro do ano de 1585, antes de ter completado a idade de 17 anos, Catarina de Pazzi recebeu o hábito da Ordem dos Irmãos da SSma. Virgem Maria do Monte Carmelo, passando a chamar-se Irmã Maria Madalena. Com este nome, havemos de indicá-la desde agora. Durante a cerimônia, ela ficou tão fora de si e absorta em Deus, que as Religiosas que deviam ajudá-la quase não ousavam tocar nela. As próprias pessoas seculares, que presenciavam e testemunhavam a cerimônia, mostraram-se muito impressionadas, julgando ver uma santa. Quando o sacerdote lhe apresentou o crucifixo, e as Monjas começaram a cantar a antífona: “Mihi absit”, isto é, longe de mim procurar outra glória, senão na cruz de Jesus Cristo, Nosso Senhor, a nova esposa sentiu-se interiormente unida ao divino esposo, duma maneira tão suave, que ela mais tarde chegou a declarar nunca ter experimentado alegria maior. Durante aquele rapto ou voo do espírito, ela fez a Deus a imolação completa de seu coração, declarando-lhe que doravante, não desejava outra coisa, senão a cruz, o cuidado de continuar unida a Ele e de cumprir com perfeição tudo o que se referisse ao serviço d’Ele.

Terminado o dia de vestição, a noviça foi se prostrar aos pés de sua mestra e, cruzando os braços sobre o peito, lhe falou com o mais profundo sentimento de humildade: “Minha Madre, entrego-me nas tuas mãos, como se eu fosse um cadáver para não ter mais outro movimento, senão aquele que a senhora me imprimir. Prometo-lhe que jamais transgredirei uma ordem sua, seja esta qual for, e que executarei fielmente as suas menores determinações. Em compensação, lhe peço que me imponha mortificações e que a senhora não deixe passar nenhuma oportunidade de quebrar a minha vontade própria”.

CAPÍTULO V

O noviciado da Santa – a sua profissão – continuação do noviciado.

O fervor com que a Irmã Maria Madalena iniciou o seu noviciado e as virtudes das quais ela dava o exemplo impressionavam profundamente não só as companheiras de noviciado, como também as demais religiosas. A sua mestra que a conhecia melhor, chegou a declarar: “Irmã Maria Madalena é a minha filha, mas seria melhor que ela fosse a minha mãe. Eu que conheço bem as suas virtudes e ótimas qualidades, gostaria muito de ser sua filha e de ser guiada por ela no caminho da perfeição e santidade”. Embora a oração fosse toda ventura de nossa noviça, ela renunciou prazerosamente a esta consolação a fim de viver como as demais noviças. Como a mestra sabia da grande inclinação de Maria Madalena para este exercício, oferecia-lhe de vez em quando uma oportunidade, em horas de trabalhos manuais. Muito gentilmente a noviça agradecia, dizendo-lhe: “Minha Madre, basta que eu faça um santo uso do tempo marcado pelo regulamento para a prática da oração”. A vida comum lhe merecia todo respeito e ela preferia o simples obedecer às mais sublimes contemplações. Às suas companheiras ela declarava que era melhor observar fielmente o horário estabelecido do que entregar-se a devoções particulares, por mais santas que essas fossem, e acrescentava: “Cumprindo as ordens recebidas de nossa Regra, dos nossos costumes ou das superiores, temos a certeza de cumprir exatamente a vontade de Deus e de granjear merecimentos, o que não podemos afirmar quando nos ocupamos com coisas de nossa escolha pessoal”. Assim mesmo, ela sabia encontrar para sua piedade mais tempo do que o prazo estabelecido pelo regulamento. Todos os momentos livres ela empregava para este fim e, com licença da Madre Mestra, ela encurtava o seu repouso noturno para se entregar mais à oração. Nunca, porém, se descuidou dos exercícios comuns, aos quais acorria com grande presteza.

Prontamente, ela obedecia às menores disposições dos superiores. Chegada a hora de algum serviço mais humilde, ela era a primeira a começar a pôr mãos à obra. Continuamente ela era avistada com a vassoura na mão, ou lavando a louça, passando a roupa e outros serviços semelhantes. E isto não porque ela apreciasse o asseio e a ordem, o que também é uma virtude religiosa, mas ela julgava que estes serviços mais lhe convinham e assentavam, porque considerava-se a última, a ínfima das noviças.

Estando intimamente convencida de seu pouco ou nenhum valor, gostava de pedir e de receber conselhos ou instruções das outras. Com extrema delicadeza, ela procurava não causar o mínimo desgosto a outrem. Deparando com alguma companheira triste, dizia-lhe com muita afabilidade: “Minha irmã, restitui a paz a tua alma e seja alegre, porque Nosso Senhor não derrama suas graças sobre corações tristes”. Impossível mostrar-se mais penalizado com as dificuldades alheias e maior inclinação para fazer a vontade de outrem. Desta maneira ela ia ganhando todos os corações.

Animada de um santo zelo pela observância regular e pelo bom espírito religioso, ela os provia entre as suas companheiras de noviciado, tanto pelas suas palavras como pelo seu exemplo.

Um só grande desejo a devorava: o de unir-se ao Divino Esposo, mediante a profissão dos votos. Quando, depois de oito meses de noviciado, sete de suas companheiras foram admitidas, ela não foi mais capaz de manter escondido dentro do coração este desejo e por isso foi manifestá-lo às Superiores, quando estas a encontraram triste e desfeita em prantos. Às

perguntas das mesmas, Maria Madalena respondeu: “É uma ventura tão grande tornar-se esposa de Jesus Cristo mediante a profissão; é uma tristeza tão grande ser privada desta ventura”. Objetaram-lhe o decreto do Concílio Tridentino que estabeleceu um ano inteiro de noviciado para todos os religiosos, acrescentado, porém, que ela não precisava esperar um só dia a mais. Esta promessa lhe restituiu a alegria serena.

Lá pelo fim do ano de 1583, quando as noviças terminadas suas últimas orações comuns e já se achavam dentro de suas respectivas celas, Maria Madalena começou a gemer e suspirar. O seu rosto comumente tão pálido, inflamou-se e ela começou a exclamar: “Ó amor! Como sois ofendido. Ah! Não sois conhecido e não sois amado!” A Madre Mestra percebeu qualquer coisa e veio acudir à noviça, dizendo-lhe que se deitasse no leito. A isto Maria Madalena lhe respondeu: “Ai minha Madre, seria coisa decente que eu me deitasse e descansasse enquanto o meu Deus é duramente ultrajado?” E a madre, entretanto, insistia e a noviça respondeu: “Pois bem Madre, irei dormir, para satisfazer a obediência”. Enquanto isso, chegou a Madre priora, e tendo observado atentamente a cena, disse baixinho à Mestra: “Não te preocupes, eu sei da parte da mãe dela que ainda na casa paterna teve desses ímpetos de amor”. Isto sossegou à mestra. Tendo percebido que a jovem parecia sufocar, por falta de ar, abriram as cortinas do leito e as janelas do compartimento. Passadas umas duas horas, Maria Madalena voltou ao seu estado normal e as duas madres retiraram-se, ainda mais confirmadas no alto conceito que elas tinham de sua santa noviça.

Terminado o ano do Noviciado, Maria Madalena, muito humilde, foi pedir licença para fazer a sua profissão. Contrariamente à promessa dada, as Madres responderam que ela esperasse mais um pouco, até que pudesse fazer sua profissão juntamente com outras companheiras cujo ano de noviciado estava para terminar. Muito mansinha ela respondeu: “Não, minhas Madres, isto não acontecerá, eu não farei a minha profissão juntamente com as outras noviças, das quais me falastes. Um fato triste vos há de obrigar a admitir-me antes”. E, de fato, apenas decorridos seis meses, ela caiu doente de uma febre muito alta, acompanhada de muita tosse e de outros sintomas. Os quatro médicos que foram chamados declararam-se incapazes de estabelecer um diagnóstico. O Dr. Tronconi, que era médico da casa e fazia continuamente suas visitas, afirmou que o caso estava nas mãos de Deus unicamente, mesmo assim ele não deixava de prescrever medicamentos. Estes, porém, não surtiam qualquer efeito, enquanto a doença ganhava em violência. Os acessos de tosse repetiam-se quatro, cinco vezes por dia, causando uma privação quase total da alimentação e uma fraqueza extrema... As dores do coração acompanhadas de mais outras provocavam gritos tremendos não permitindo que a doente se deitasse ou repousasse, nem de dia nem de noite. O espírito de Maria Madalena não sofria com todas estas coisas. Uma das religiosas, desejosa de saber qual era a causa ou origem daquela paz e tranquilidade inalteráveis, perguntou-lhe em que ela estava pensando durante tanto sofrer. A doente, acenando para um crucifixo, respondeu: “eu considero o que meu amado salvador sofreu por mim e isto me dá coragem e fortaleza. Além disso, lembro-me de que todas as dores e todos os sofrimentos suportados pelos eleitos de Deus, passaram por aquela humanidade sacratíssima, haurindo de lá uma doçura que nos convida a imitação deles”.

Entrementes, a enfermidade ia fazendo progresso e os médicos já estavam prevendo o desenlace da jovem. Foi então que as superiores, temendo que ela morresse assim, mandaram

chamar o confessor e tomaram as providências para a profissão. Era o dia 27 de maio de 1584, festa da SS. Trindade, ao romper do dia. Depois de ter ouvido a confissão de Maria Madalena, o Padre queria que ela, durante a cerimônia, continuasse acamada. Vendo, porém, que isto entristecia muito a doente, deu-lhe licença para levantar se ela fosse capaz disso. Maria Madalena, confiando plenamente na bondade de Deus, pediu a Madre Priora que mandasse preparar uma poltrona junto ao altar da SSma. Virgem. Estando tudo preparado, encarregaram-se algumas noviças de transportar a doente para lá. Desta maneira, foi-lhe dada assistir a santa missa, receber a santa comunhão e emitir a sua profissão com um fervor de espírito impossível de descrever. Reconduzida para sua cela, Maria Madalena pediu que se cerrasse o cortinado de sua cama e que a deixassem sozinha, porque ela desejava repousar um pouco. As enfermeiras satisfizeram a estes pedidos, retirando-se. Depois de uma hora inteira, elas voltaram, porque, não ouvindo a tosse costumeira, ficaram preocupadas. Entrando na cela abriram o cortinado e depararam com a doente, deitada sobre o lado esquerdo, tendo o seu olhar fixo sobre um crucifixo pendurado na parede e tão imóvel que nem as pálpebras se mexiam. Parecia que ela não estava mais respirando. A beleza de seu rosto, porém, e a cor muito vermelha da sua face diziam que ela estava bem viva. Não era mais aquela pobre Maria Madalena, pálida como um cadáver e magra como um esqueleto. Antes, dir-se-ia que era um anjo descido do céu. As enfermeiras, admiradas com tal espetáculo, correram para avisar a Madre Priora e a Mestra. Estas vieram imediatamente com as religiosas que puderam apreciar à vontade aquele êxtase, porque Maria Madalena estava completamente fora de si. Passada mais uma hora, ela recobrou os sentidos, voltando a tosse, o aspecto e o mal-estar anteriores. Este fenômeno repetiu-se diariamente durante quarenta dias, depois da santa comunhão. Mas, como Maria Madalena não se mexia e não pronunciava palavra alguma que revelasse o que se operava interiormente, a Madre Mestra perguntou ao confessor o que devia fazer. O Padre respondeu-lhe: “Diga a Irmã Madalena, em meu nome e em virtude da santa obediência, que ela, doravante, deve manifestar à senhora e a Madre priora tudo o que Deus lhe comunicar. Ambas deveis fazer apontamento do que ela vos disser, para podermos examinar qual a origem destas manifestações extraordinárias”.

Ao receber esta ordem, Maria Madalena chorou muito porque ela percebia que estava dando trabalho. Mas, sem a mínima contradição, ela obedeceu. Desde aquele dia, ela prestava contas de tudo o que lhe acontecia durante seus êxtases. E isto lhe custava muito, particularmente quando deveria revelar coisas que tornavam mais conhecidas as suas virtudes e as graças que Deus lhe concedia. Em tais casos um grande rubor ascendia suas faces, fazendo ela um grande esforço sobre si mesma. Ainda assim ela não ocultava nada às duas madres, que faziam um relatório fiel de tudo quanto Maria Madalena fazia.

Quanto aos fatos extraordinários que se deram durante aqueles 40 dias, contentar-nos-emos com as citações dos principais que nos foram relatados pelo Pe. Vicente Puccini, seu confessor, homem digno de fé.

Por vezes, embora se achasse reduzida a uma fraqueza extrema, Maria Madalena pulava de seu leito com uma vivacidade notável, dirigia-se para o altarzinho armado dentro de sua cela, tomava entre seus braços o crucifixo e apertava-o mui amorosamente, exclamando: “Ó amor, amor, que não sois amado de ninguém; nem mesmo conhecido!” Outras vezes tomava pela mão a primeira religiosa que chegasse, dizendo-lhe: “Venha minha Irmã, andemos

juntas e demos a Jesus o nome de nosso amor”. Ela prorrompia em altos brados e lamentações, queixando-se das ingratidões, da insensatez dos pobres pecadores, da ingratidão dos homens para com Jesus; acrescentando que ela pelo menos queria corresponder e convidava as Irmãs a fazerem o mesmo. Estas lhe perguntavam se ela não falava demais e não se cansava. Ao que ela respondia: “Como quereis que eu sofra quando falo com o meu amor? Não sabeis que o amor não causa dor?” Em seguida, dirigindo-se novamente a Jesus crucificado, recomendava-lhe todas as criaturas, particularmente os judeus, os hereges e os infiéis.

A sua devoção para com a Paixão Nosso Senhor era tão grande que, em certa ocasião, ela foi vista em contemplação durante trinta horas.

No dia 24 de março de 1585, vésperas da Anunciação ou da Encarnação do Filho de Deus, ela estava toda entregue à contemplação daquele mistério adorável entrando num êxtase que teve a duração de onze horas. Depois de uma efusão superabundante do seu amor a Jesus e Maria, apareceu-lhe Santo Agostinho que escreveu sobre o seu coração, com letreiros de ouro, estas palavras do Evangelho: “o Verbo se fez Carne”. Enquanto isto, ela exclamava: “Este vosso amor é excessivo, ó Jesus! É demais! Vós sofrestes tanto por mim... e eu experimento só prazer! ”

Em seguida, dirigiu a palavra à Virgem Santíssima. Neste colóquio com a Mãe Virginal de Deus, ela falou da necessidade, da beleza e da excelência da santa virtude de pureza, necessariamente acompanhada da humildade.

Na quinta-feira da Semana da Paixão daquele mesmo ano, ela teve, durante a sua oração, o grande desejo de sentir e de experimentar, na sua própria pessoa, a paixão de Jesus. Este fator lhe foi concedido, e ela ficou entregue a um sofrimento tão grande e tão intenso que a cada momento ela parecia expirar.

Enquanto ela, na segunda feira seguinte, estava passeando no jardim, juntamente com as suas companheiras, ouviu a voz de Jesus dizer-lhe: “Venha ver os efeitos produzidos pelo meu amor, nas almas, e que somente são conhecidos dos que tem o coração puro”. Imediatamente, Maria Madalena foi esconder-se atrás duns arbustos. As Irmãs, vendo o seu rosto inflamado, compreenderam que se tratava de um êxtase e levaram-na para dentro do compartimento mais próximo. Uma vez lá, ela repetiu por cinco vezes estas palavras: “Ó meu Jesus, escondei-me dentro das chagas de Vossa Sacratíssima Humanidade!”. Durante as cinco horas de oração muito sublime, ela recebeu a impressão dos estigmas, assim como São Francisco de Assis. Ela mesma nos conta que das cinco chagas de Jesus saíam raios de fogo que se dirigiam aos lugares correspondentes do seu próprio corpo, transpassando-as e causando uma dor imensa. Esta dor, porém, fora duma certa duração, deixando depois uma impressão de doçura inefável. As chagas eram visíveis exclusivamente para ela mesma.

Durante os dias da Paixão daquele ano, ela participou intimamente, quanto ao corpo e quanto à alma, dos sofrimentos do Salvador. Foi por ocasião destas visões que ela recebeu de Nosso Senhor Jesus Cristo uma aliança. Mas, a um pedido seu, esta aliança era invisível aos olhos das outras pessoas, porque Maria Madalena queria, à imitação do nosso Divino Salvador, uma vida oculta.

Alguns dias mais tarde, achando-se com as outras monjas no coro, ela ouviu uma voz interior dizer-lhe: “Venha, esposa do meu Filho; porque, hoje, cumprir-se-ão as suas promessas de te encobrir com as suas dádivas mais ricas”. Prestando ouvidos a este chamado ela foi pedir licença à Madre Priora e dirigiu-se para o oratório do noviciado. Uma vez lá, ela ajoelhou-se, pronunciando em voz alta as seguintes palavras: “Eu sou a serva de Deus Pai, a esposa de Deus Filho, o templo de Deus Espírito Santo”. Logo depois, ela entrou em êxtase e percebeu que Nosso Senhor queria colocar a coroa de espinhos, por Ele carregada, durante a Paixão, sobre a cabeça de sua esposa. Ela protestou dizendo que era honra demasiada participar do Reino do seu Divino Esposo, tendo em vista, particularmente, que a coroa de espinhos havia sido um instrumento de dor e de ignomínia para Nosso Senhor, enquanto para a sua esposa ela iria ser instrumento de glória e alegria. Ao que lhe foi dada a certeza de que, naquele momento, era realmente assim, mas que, em seguida, ela havia de sofrer muito. O que se realizou, porque ela teve que suportar, depois e particularmente em dias de sexta-feira, uma dor de cabeça tão tremenda que lhe era quase impossível suportar uma conversa, mesmo em voz muito baixa.

Certa noite, estando ela entregue a uma profunda contemplação sobre o sepultamento de Nosso Senhor, este lhe prometeu, para consolar a sua esposa, que havia de dar-lhe o seu próprio coração, como acontecera a Santa Catarina de Sena. Uns momentos depois, ela viu entrar esta santa, acompanhada de Santo Ângelo, mártir da Ordem Carmelitana, que também era um dos seus protetores. Logo, ela começou, em companhia destes santos e alternadamente com eles, a recitação do completório. Em seguida, pediu-lhes que ficassem com ela, para serem testemunhas dum novo favor que ela iria receber. O seu rosto tornou-se radiante e como que inundado de alegria. Em seguida, ela estendeu e elevou os seus braços, cruzando-os sobre o seu peito, como se fosse para abraçar este novo coração. E isto com ímpetos de amor tão fortes que ela parecia desfalecer.

Durante o mês seguinte, Nosso Senhor fez compreender à Maria Madalena quais são as condições indispensáveis para uma alma poder se aprofundar no conhecimento dos mistérios divinos: esta alma deve ser completamente purificada, e, por isso, praticar a renúncia interna, isto é, ao seu entendimento, à sua vontade, à sua memória; a renúncia externa a tudo quanto é terreno e possa macular à alma, a virgindade ou castidade perfeita, e, finalmente, uma humildade ilimitada. Nosso Senhor acrescentou que estas duas últimas são reciprocamente necessárias e inseparáveis, mas, que há no inferno, almas virgens, enquanto não há por lá almas humildes. Sendo perdida a castidade perfeita, ela poderá ser recuperada mediante uma profunda humildade.

Havia uma diferença entre os êxtases matinais e os vespertinos. Durante os primeiros, Santa Maria Madalena permanecia quieta, imóvel e silenciosa. Durante os outros, ela falava, movia-se e fazia muitas coisas, que, no entanto, não distraíam a sua atenção do Divino Esposo. Naquela época ela havia completado a idade de 18 anos somente. Durante os êxtases, ela parecia gozar da mais perfeita saúde; voltando, porém, ao estado normal, recomeçavam a tosse e os outros ataques. Passados aqueles quarenta dias, ela estava tão fraca que as religiosas receavam perdê-la, em breve.

Não tendo mais confiança nos recursos humanos, elas puseram a sua confiança na oração. Uma das irmãs leigas lembrou-se da grande confiança de Maria Madalena na Venerável

Madre Maria Bagnésia, cujo corpo era conservado com grande piedade, na sala do capítulo. A mencionada irmã teve a ideia de fazer uma promessa à Venerável, a fim de obter a cura da enferma. Esta, no dia em que foi feita a promessa, achava-se muito mais doente. Na manhã seguinte, porém, foi encontrada miraculosamente curada. A comunidade toda se alegrou sumamente, mas a Madre priora ordenou que a Irmã Maria Madalena continuasse por mais uns dias, na enfermaria, onde esta se dedicou, muito caridosamente, a cuidar das doentes.

Tendo-se consolidada a cura e vendo que Deus conduzia esta monja por caminhos extraordinários, as superiores inclinaram-se a dispensá-la de passar o resto do tempo de seu noviciado dando-lhe licença para viver em alguma outra parte do mosteiro onde ela poderia servir a Deus, do seu modo e a seu gosto. Maria Madalena informada destes propósitos ficou muito triste e foi-se lançar aos pés das superiores, implorando que desistissem destes planos a seu respeito, porque a coisa que ela mais detestava era formar exceção. Além disso, ela considerava-se como a mais imperfeita de todas as noviças e a mais necessitada de direção. Vendo estas disposições tão humildes, as superiores concederam-lhe o favor implorado. Em consequência disto, a Irmã Maria Madalena permaneceu no noviciado até setembro de 1586, fiel e constante na prática de todas as virtudes e na observância de uma perfeita vida regular e comum. Durante os recreios, ela preferia a companhia das mais humildes e rudes. Em todas as circunstâncias ela sabia escolher o último lugar com uma destreza que não chamava a atenção. O que mais edificava as suas companheiras não era o caminho extraordinário pelo qual Deus a elevava, como elas mesmas podiam testemunhar, mas, a simplicidade e a humildade com que se portava a Santa, fora daqueles estados extáticos, e o respeito, com que ela tratava às suas colegas.

Além disso, ela era muito hábil em mortificações que não chamavam a atenção das outras. Assim sendo, ela ocultava cuidadosamente as suas inclinações e os seus gostos, ou, pelo contrário, mostrava-se interessada por coisas que, duma maneira natural, lhe causavam nojo ou desagrado. Sem que o percebessem, as suas superiores e companheiras que lhe queriam um grande bem, cooperavam eficazmente para mortificá-la: **hora** dando-lhe ocupações desagradáveis, hora afastando-a daquelas que lhe causavam um prazer.

Durante aqueles anos, foi admitida ao hábito uma irmã leiga, muito ignorante e simplória. Esta recebeu do confessor o conselho muitas vezes repetido de se deixar guiar e instruir pela palavra e pelo exemplo duma santa noviça chamada Irmã Maria Madalena. Esta noviça queria obedecer ao confessor, mas a sua inteligência era tão curta que não sabia distinguir as suas companheiras pelo nome. Por isso, ela perguntou às outras: “Quem é esta Santa Maria Madalena?”. As outras companheiras brincavam um pouco com ela, dando-lhe respostas evasivas. Quando lhe acontecia trabalhar junto com a santa, ela desconfiava de qualquer coisa, mas faltava-lhe a coragem para decidir: “Deve ser esta”. O próprio Deus teve que ajudá-la, mediante umas visões do Menino Jesus que acompanhava aquela noviça tão edificante e recolhida. Em outra ocasião, a nossa camponezinha viu ainda que Nossa Senhora tinha uma predileção toda especial para com a sua companheira tão serena. Isto fez com que ela saísse das suas dúvidas e indecisões, tratando doravante, à Irmã Maria Madalena, com muito respeito.

Da sua parte, porém, a própria Santa soube aproveitar a simplicidade ou a ingenuidade duma companheira tão grosseira, para se mortificar. Assim, por exemplo, era-lhe mais fácil, por intermédio desta, privar-se de qualquer prato mais delicado, substituindo-o por outro mais grosseiro, ou mesmo insípido e mal preparado. E quando, mais tarde, a boa irmã leiga ainda se tornou cozinheira, a festa não teve mais fim para Madalena. O mais interessante era que ela tinha obtido daquela alma simples a promessa de não dizer nada a ninguém, e esta se considerava obrigada a um segredo inviolável. Além disso, ela podia ser descoberta, nas suas convívios com as santas espertezas da sua companheira tão boa e serviçal, que lavava até a sua roupa de serviço, a qual não primava pelo asseio. Mais tarde, por ocasião do processo de beatificação, quando ela teve que fazer depoimentos sob juramento, ela revelou estes segredos.

CAPÍTULO VI

AS CÉLEBRES PRIVAÇÕES OU TENTAÇÕES DE MARIA MADALENA

Depois de muitas outras revelações e visões que deviam preparar e animar a santa, fornecendo-lhe instruções práticas, quanto ao seu proceder interior e exterior para com Deus, para consigo mesma e para com o próximo, sobreveio-lhe a grande visão da Vigília de Pentecostes, do ano 1585. Durante oito dias completos de vida extática, da qual ela saía diariamente umas duas horas, a fim de satisfazer as suas necessidades urgentes, a santa recebeu as comunicações mais variadas do Espírito Santo. Sob as aparências de fogo, de água, de pomba, de nuvem escura, de coluna ou de língua de fogo, este Espírito de vida e santidade infundiu-se-lhe na alma. Durante aquelas visões, ela mostrava-se tão alegre e tão exultante, tão iluminada e tão instruída acerca dos mistérios mais profundos e sublimes, que era impossível ter-se dúvidas sobre a origem divina das mesmas. Os conhecimentos por ela adquiridos naquela ocasião, eram tão múltiplos, que acabariam por encher vários volumes. Não trataremos deles, mas tão somente das tremendas provações que Deus lhe anunciou e que lhe sobrevieram, logo depois de terminados aqueles êxtases. Elas tiveram a duração de cinco anos.

Nosso Senhor lhe disse: “Fica sabendo, minha filha que, durante cinco anos, te verás privada do sentimento da minha graça, mas não da própria graça, a qual permanecerá sempre contigo. Recomendo-te, particularmente, duas coisas: a primeira é que nunca perca da vista o conhecimento do teu próprio nada; a segunda é que, com maior fidelidade, prestes atenção às minhas inspirações, procurando executá-las. Sob estas condições, continuarei intimamente unido contigo e a minha paz permanecerá na tua alma, ainda que te pareça, por vezes, que te achas reduzida a uma verdadeira agonia. Feras infernais atacar-te-ão exterior e interiormente. Jamais, porém, permitirei que alcancem a vitória sobre ti. Quanto mais tremendos forem os seus assaltos, tanto mais forte será o meu auxílio, sem que, no entanto, sintas ou experimentes o sabor da minha graça”.

Em seguida, Nosso Senhor acrescentou que ela teria que suportar cinco ataques tremendos, por parte das forças do inferno, mas, que não temesse nada, porque Ele jamais deixaria de protegê-la. Depois de ter ouvido estes avisos, Maria Madalena humilhou-se profundamente diante de Jesus, sujeitando-se às futuras provações e penas, dizendo: “A vossa

graça, Senhor, me basta. Com ela serei segura da vitória e nenhuma coisa será capaz de me perturbar”.

Passada a festa da Santíssima Trindade, a jovem lutadora viu-se, de repente, privada da doçura consoladora da graça e tiveram início as lutas que lhe haviam sido anunciadas. Ela viu-se circundada de uma multidão enorme de demônios, cujo aspecto era horrendo e que não a deixavam sossegar. Dia e noite, ela tinha diante dos olhos as imagens dos crimes mais vergonhosos, cometidos entre os homens. Somente ouvia uivos e blasfêmias tremendas. Uma vez, os demônios agarravam-na em cima da escada lançando-a para baixo; outras vezes, transformavam-se eles em serpentes, cujas mordidas causavam dores insuportáveis. Tudo isto demorou uns quinze dias. Em seguida, Nosso Senhor tendo dó da fraqueza de Maria Madalena quis conceder-lhe algum alívio. Desde o dia 20 de julho até ao mês de outubro, as tempestades amainaram em número e violência. Chegando, porém, aquele mês, os assaltos tornaram-se mais tremendos. Sempre ela saía vitoriosa em virtude da assistência do seu Divino Esposo. Mas estas vitórias somente serviam para tornar o seu inimigo ainda mais assanhado e provocar ataques mais numerosos. Desta forma, ela viu-se forçada a fazer estas perguntas: “Ainda serei uma criatura racional, ou teria perdido o juízo? Não sei! Considerando-me a mim mesma, não vejo nada de bom dentro de mim, a não ser uma vontade fraca de não ofender a Deus. Realmente descobrindo em mim tantas faltas, que são para as outras ocasiões de pecado, não posso compreender como Jesus e as suas esposas ainda possam suportar-me.

Em consequência destes tormentos de espírito, todos os exercícios de piedade tornaram-se para ela insuportáveis. Ela teve que fazer um esforço incrível sobre si mesma para tomar parte nos atos comuns. E, no entanto, tudo isto não passava do início: faltavam ainda os cinco grandes assaltos anunciados pelo seu Divino Mestre.

O primeiro destes dirigiu-se contra a fé, o demônio não poupou nenhum esforço para lhe roubar este tesouro. Depois de ter empregado todas as tentativas infrutíferas para convencê-la de que não existe Deus, nem céu nem inferno, nem vida futura, ele procurou insuflar-lhe a convicção de que Nosso Senhor Jesus Cristo não está realmente presente no Santíssimo Sacramento. Foi em vão, mas de qualquer forma, ele conseguiu mediante aquelas tentações e visões interiores, incutir-lhe um verdadeiro estupor, que dificultava muito a recepção da Santa Comunhão. Chegando o momento de receber Nosso Senhor na Eucaristia, o demônio enchia-lhe a imaginação com as coisas mais horrendas. Tudo isto trazia consigo que a pobre não sentisse mais a mínima atração para as coisas espirituais. A só vista de algum crucifixo ou quadro religioso incutia-lhe horror. Em outras ocasiões, o demônio procurava induzi-la a proferir blasfêmias, particularmente, quando ela estava no coro juntamente com as demais monjas. Então ressoavam aos seus ouvidos exclusivamente blasfêmias, e isto com tanto vigor e ruído que ela era incapaz de perceber a sua própria voz, ou das companheiras. Desfeita em prantos, ela explicava às suas vizinhas: “Ah! minhas irmãs queridas, pedi a Jesus que eu não chegue a proferir blasfêmias contra Deus, em vez de cantar os seus louvores!” O demônio tentava afastá-la da Santa comunhão e das outras práticas. Percebendo, porém, o laço infernal, ela recorreu a um remédio que a Santíssima Virgem lhe havia ensinado. Este consistia em recorrer à autoridade da Madre Priora, pedindo a esta que proibisse em virtude da santa obediência, prestar ouvidos a tais sugestões. Esta humildade restituía-lhe, por alguns dias a paz e o sossego.

Mas o demônio não demorou muito em apresentar-se outra vez. Agora, mudou de tática, dirigindo os seus ataques contra a santa virtude da pureza.

Impossível ter-se uma ideia do horror que aquela jovem angelical sentia ao perceber os primeiros sintomas sensuais excitados por aquele monstro infernal nos seus membros tão castos. Imediatamente, ela lembrou-se do que fizeram alguns santos. Ela foi esconder-se no jardim, onde confeccionou um leito de cardos e espinhos, no qual ela se deitou, a fim de apagar aquele incêndio profano. Outras vezes, ela aplicava a si mesma, tremendas e cruentas disciplinas. A Madre mestra, chegando a descobrir estas práticas, proibiu-lhe que continuasse com as mesmas. Nestas condições, ela refugiou-se junto à Virgem Santíssima, suplicando-lhe, com muitas lágrimas, não permitisse que fosse maculada a sua pureza virginal. Apenas terminada esta oração confiante, a Rainha do céu, circundada de grande glória, apareceu-lhe, assegurando duas coisas. A primeira daquelas tremendas tentações, não havia ofendido a Deus; e a segunda que sua vitória seria ainda mais brilhante, em consequência da grande coragem, com que ela havia combatido. Em seguida, Nossa Senhora cobriu-a com um manto de fulgurante brancura, como se fosse para anunciar-lhe o fim daquelas lutas humilhantes. E, de fato, desde aquele momento até ao derradeiro dia da sua vida, Maria Madalena teve o domínio completo sobre os seus sentidos internos e externos, sob este aspecto. No mesmo dia, teve início um outro sofrimento. Uma febre ardente, acompanhada de terríveis dores nas costas, atacou-a durante uns vinte dias. Mas, em vez de diminuir os seus costumeiros exercícios de piedade, a jovem ficou fiel a eles, permanecendo mesmo durante mais tempo em oração e não diminuindo, em nada, as suas penitências e mortificações. Os demônios enfureceram-se. Conforme o costume da sua comunidade, andava Maria Madalena descalça e usava um só vestido, tanto durante o verão, como durante o inverno. Os demônios, assumindo as feições e aparências de algumas religiosas do Mosteiro, apresentaram-se a ela, dizendo que esta prática desagradava sumamente a Deus e que ela corria o grande risco de perder a graça, por causa de sua imprudência. Pensando estar tratando com verdadeiras religiosas, Maria Madalena foi expor o caso à Madre Priora, a qual não teve maior dificuldade em fazer-lhe ver que se trava alguma astúcia diabólica.

Vendo-se desmascarado, o espírito da mentira recorreu, algumas vezes, a um outro estratagema, desejando que a jovem perdesse a sua fama e o grande renome da sua virtude, frente à Comunidade. Enquanto Maria Madalena estava ocupada com qualquer ato comum, o demônio, assumindo as feições exteriores da Santa, metia-se na cozinha ou dispensa praticando algum ato de gulodice, à vista de qualquer outra Religiosa. Esta naturalmente, devia servir de veículo, para tornar conhecida a suposta falta de nossa monja, tão conhecida e reputada, justamente por causa do seu alto espírito de mortificação. A consequência era inevitavelmente a humilhação pública, até que se chegasse a saber que, naquelas mesmas horas, a coitada tinha estado em outros lugares e ocupada com coisas muito mais sérias e santas.

Algumas vezes, como que para animar a Santa, Nosso Senhor lhe concedia durante todo aquele tempo, algum êxtase ou favor especial. Assim, por exemplo, ela mereceu ver a Jesus Menino, apertá-lo entre os seus braços.

As tentações, em vez de diminuir, aumentaram, tornando-se cada vez mais terríveis. Ora eram imaginações de vaidade e grandeza, que lhe enchiam o espírito; ora pensamentos de desânimo e desespero, que lhe cansavam o coração; ora nojo da vida religiosa, que lhe tornava insuportável qualquer prática piedosa. E tudo isto, de uma forma tão viva, que lhe parecia ter dado o seu consentimento; desde a manhã até à noite.

Certo dia, ela passava por um corredor do Mosteiro e lançando o seu olhar sobre um quadro que representava o seu Mestre Amado, ela entrou num êxtase súbito o qual durou duas horas. Foi então, que Nosso Senhor lhe fez conhecer todas as faltas que ela tinha cometido, até então. Desfeita em prantos, ela exclamou: “Ah! meu Deus! Que posso fazer para reparar tantas ingratidões. Bem gostaria de ir para o inferno, se com isto eu pudesse conseguir que jamais Vos tivesse ofendido!” Saindo daquele êxtase, ela foi ter com sua Madre pedindo-lhe que a tratasse como uma malfeitora, atando-lhe as mãos sobre as costas. Este ato de humildade foi tão agradável a Deus, que durante a semana inteira, comunicou à Santa, os dons do Espírito Santo, de vários modos.

E bem ela estava precisando deste auxílio especial, porque o demônio começou imediatamente a renovar os seus assaltos. Desta vez, contra a pobreza. Diante dos olhos da jovem, ele fez uma exposição maravilhosa de todas as riquezas e de todos os luxos do mundo, incutindo-lhe, ao mesmo tempo, a ideia da pobreza religiosa ser a coisa mais detestável. Depois de ter sustentado, durante algum tempo, esta nova tentação, o próprio céu veio em seu auxílio. Como já vimos, o demônio enfurecera-se contra a Santa, porque esta, mesmo por ocasião dos maiores rigores do inverno, usava um só hábito leve. Ora, ele queria que Maria Madalena usasse mais um outro e o próprio Deus o queria também. E foi justamente essa mudança em seus costumes que fez com que a jovem alcançasse a vitória nesta luta pela pobreza. Estava-se, então, num maior rigor do inverno, e as religiosas, vendo que Maria Madalena andava tão mal protegida contra o frio, receavam pela saúde dela. Por isso, elas dirigiram-se à Madre Priora, pedindo-lhe que procurasse um meio para agasalhar melhor a jovem, sem contrariá-la. Depois da recitação do ofício noturno da festa de São João Evangelista, a Madre mandou à Santa que se postasse no meio do coro. Em seguida dirigiu-lhe estas palavras: “Minha filha: resolvi aperfeiçoar a sua pobreza, e, por isso, quero que dispa esse hábito, e que vista um outro”. Sem esperar uma palavrinha da jovem, ela mandou a uma outra monja que executasse as suas disposições. Feito isto, ela acrescentou: “Minha filha: dou-lhe este hábito por amor de Jesus, e quero que faça uso do mesmo, até eu ordenar o contrário”. Foi quanto bastou para afugentar as terríveis tentações contra a pobreza, suportadas por nossa Santa.

Se bem que convencido de que seus ataques contra Maria Madalena não lhe daria qualquer resultado, o demônio não deixava de incomodá-la, com as suas manhas mentirosas. Assim, por exemplo, pois à Santa a ideia de que esta faria um bem muito maior se voltasse para o mundo, onde poderia trabalhar pela salvação dos outros. Vendo-a, porém, firme no propósito de perseverar, o demônio recorreu a expedientes horríveis. Ele assumia aspectos medonhos e horripilantes, ameaçando-a com os piores maltratos, se ela não atendesse. A jovem ria-se dele. Uma vez, vendo-se muito fortemente tentada, neste particular, ela foi buscar as chaves da portaria, colocando-as nas mãos de uma imagem de Nosso Senhor. Outra vez, sentindo-se terrivelmente impelida para atentar contra a própria vida, ela foi buscar um facão

da cozinha, voltou para o coro e colocou aquela arma entre as mãos de Nossa Senhora. Em seguida, como que para mostrar que ela detestava tais tentações, começou a pisar e repisar em cima do facão.

Quanto as tentações de gula e gulodice que contrariavam a santa, não somente sob o aspecto sobrenatural, mas até sob o aspecto natural, ela empregava os meios puramente naturais para vencer. Tomando qualquer alimento de paladar mais agradável, para praticar a obediência, ela entregava-se a considerações sobre a paternal providência de Deus, que lhe enviava tal coisa. Era o bastante para nem perceber o sabor dos alimentos.

Quando um grande cabo de guerra quer tomar de assalto uma praça forte, bem defendida e guarnecida, ele começa com pequenas escaramuças, a fim de cansar os defensores. Em seguida, julgando ter conseguido seu objetivo, ele ordena o assalto definitivo. O demônio segue essa mesma tática, em relação àquelas almas que se consagraram a Deus no estado religioso. Com permissão divina, ele dirige os seus ataques iniciais, ora contra a pobreza e a castidade, ora contra a fé, a esperança, a mortificação e outras virtudes. Isto, porém, não costuma passar de ataques iniciais e preparatórios e servem tão somente para amedrontar e enfraquecer estas almas. Quando ele quer apoderar-se da alma, o demônio dirige o seu assalto definitivo contra a obediência. Esta tentação foi também a derradeira suportada por Maria Madalena, e a que lhe conferiu a vitória suprema, depois de cinco anos de lutas tremendas. Impossível descrever como o demônio soube tornar-lhe horroroso tudo quanto se referia à obediência. A violência sofrida por vezes era tão grande que ela chegava a responder à priora: “Não minha Madre, não posso cumprir a sua ordem”. Mas, apenas pronunciadas tais palavras ela desfazia-se em lágrimas, declarando em alta voz que preferia morrer a não obedecer. Em seguida, prostrava-se aos pés da sua superiora e renovava a sua profissão. Não obstante, a compaixão que ela experimentava para com a sua filha, a Madre Priora conformava-se com as disposições de Deus, o qual visava o progresso espiritual da sua eleita, através destas provas. Na presença de todas as monjas, a priora impunha a Maria Madalena grandes humilhações e pesadas penitências. E esta, com o rosto alegre submetia-se a tudo, edificando desta maneira a toda a comunidade.

Finalmente, passados os cinco anos terminaram aquelas tremendas tempestades.

CAPÍTULO VII

O que acontecia com Maria Madalena, por ocasião
dos seus êxtases – como ela recebeu a certeza de não andar enganada.

As coisas narradas até agora, sobrevieram à Maria Madalena, durante o tempo que ela teve que passar dentro do noviciado. Depois daquela época, ela teve tantos êxtases, visões ou raptos, que se pode afirmar que toda a sua vida religiosa foi um êxtase contínuo, ininterrupto. Estas coisas aconteciam-lhe, não somente por ocasião da Santa Comunhão ou da oração, como ainda durante o recreio, o trabalho manual e em qualquer lugar e circunstância. Bastava ver uma flor, ouvir pronunciar o nome de Jesus. As Noviças, sabendo disso, forneciam-lhe muitas oportunidades!

Os êxtases, como já foi dito, duravam horas, dias e até uma semana inteira. Nestas ocasiões, ela falava com tanta rapidez que uma só pessoa não bastava para fazer anotações. Por isso, ela ocupava seis secretárias. Cada uma, por sua vez, escrevia uma frase. Ao fim ajuntavam tudo, conforme numeração das frases anotadas, e apresentavam o trabalho a Maria Madalena, que devia aprovar ou corrigir. Desta maneira chegaram até nós muitos colóquios da Santa com Deus, com Nossa Senhora e outros santos.

O aspecto exterior de Maria Madalena, por ocasião dos seus êxtases, variava: o seu rosto, macilento em consequência das suas grandes penitências, tronava-se cheio e rosado. Os seus olhares, brilhantes, dirigiam-se para o alto. A sua beleza exterior, tornava-se uma coisa tão impressionante e cheia de majestade, que os corações das pessoas presentes se enchiam de devoção e dos sentimentos mais puros e mais elevados.

Por ocasião de contemplações mais profundas e mais sublimes, cujos objetivos eram a natureza ou os atributos divinos, o seu rosto parecia inflamado, incendiado de um grande braseiro, e, ao mesmo tempo mais alegre e mais imóvel. As suas pálpebras não se fechavam, e seu peso tornava-se maior. Em tais ocasiões, as suas companheiras, fizeram tentativas baldadas de removê-la do lugar onde se achava, de abaixar um dos seus braços, ou mesmo uma das suas mãos.

Quando, porém, os objetos das suas contemplações eram mais tristes, por exemplo, a paixão do Salvador, o pecado, o purgatório, ela tornava-se triste, acabrunhada e trêmula, proferindo palavras ou fazendo gestos de tristeza e de compaixão.

Em outras ocasiões, ela não somente se tornava imóvel, mas ia de um lugar para outro, por vezes com uma rapidez incrível. Ou, então, executava trabalhos que lhes seriam absolutamente impossíveis, em circunstâncias e condições ordinárias.

Na vida religiosa e espiritual é difícil encontrar coisa que seja menos perigosa do que ter visões, raptos, êxtases e outros semelhantes. A razão é que, neste particular, o demônio muito mais facilmente se transforma em anjo de luz, e que a própria imaginação, tendo chegado a um certo ponto de exaltação é capaz de produzir tais efeitos. E quando a inclinação ou predisposição da pessoa já vão para aquele lado, o perigo é maior. O que se dá mais facilmente e mais frequentemente, com mulheres. Basta ler os avisos sábios e práticos que Santa Teresa de Jesus nos deixou em suas obras.

A própria Maria Madalena temia muito este perigo. Cada vez que lhe sobrevinha alguma coisa extraordinária ela desconfiava que houvesse qualquer engano e pedia a Deus que a livrasse das manhas do demônio. Levada por sua humildade, ela pedia conselho aos seus confessores. Esta desconfiança de si mesma, acompanhada de uma pureza de vida tão grande, era já uma prova da origem sobrenatural do que lhe acontecia. O próprio Deus, no entanto, dignou-se intervir e fornecer maiores provas.

Durante os êxtases de Pentecostes do ano de 1585, Nosso Senhor já lhe havia dado o aviso de que, passados os cinco anos de provações, ela iria ter como confessor um Pe. Jesuíta e mais outro sacerdote, os quais haviam de sossegá-la plenamente, quanto aos seus êxtases. De fato, a comunidade perdeu, ao cabo daqueles cinco anos, o seu confessor, o qual foi

substituído pelo Cônego Penitenciário do Cabido, Francisco Benevenati. Maria Madalena prestou a este contas completas do seu estado espiritual, enquanto a Madre Priora lhe fez a comunicação dos apontamentos, feitos durante os êxtases. O confessor aprovou tudo. Mas, não querendo confiar unicamente no seu próprio juízo, em matéria tão delicada e importante, ele conseguiu a nomeação do Pe. Fabrini, reitor dos Jesuítas, para confessor extraordinário. Este era o padre que havia sido prometido a Maria Madalena para o consolo da sua alma. Deus lhe mandou que fizesse a este sacerdote uma comunicação completa de seu estado, como ela havia feito com o Cônego. Obedecendo, Maria Madalena foi ter com a Madre Priora e o confessor ordinário. Ambos estavam de acordo, fazendo ainda a entrega de quatro volumes de apontamento. Depois de ter ouvido e lido tudo, com grande atenção, o Pe. Fabrini declarou que não encontrava nada de suspeito e que se podia admitir a origem divina daquelas iluminações.

CAPÍTULO VIII

Os eventos confirmam o espírito profético de Maria Madalena

Deus comunicou a Maria Madalena uma luz especial que a tornava conhecedora do futuro. Citaremos, agora, somente alguns fatos.

Quando, no ano de 1586, o Cardeal Arcebispo de Florença, Alexandre de Medici, devia vir ao mosteiro, a fim de presidir ao Capítulo Conventual, Nosso Senhor fez conhecer a nossa monja alguns segredos, referentes a este Cardeal. O confessor e a Madre Priora, informados pela santa, quiseram tomar providências, para que esta não conseguisse entrevistar-se com o prelado. Aconteceu, porém, que a irmã entrou num êxtase de onze horas, justamente no dia e no local das eleições. Quando o Sr. Cardeal chegou, ela ainda se achava neste estado. Imediatamente, ela começou a comunicar-lhe o que se desejava que Sua Eminência soubesse da parte de Deus. Terminadas as cerimônias, o Sr. Cardeal manifestou o seu desejo de ter uma entrevista pessoal com ela. Antes de se retirar do Mosteiro, ele declarou às superiores que a sua impressão pessoal era que aquela religiosa era iluminada e guiada por Deus. Os fatos comprovaram esta impressão, por que conforme predição da santa, este Cardeal subia a Cátedra de Pedro, treze anos mais tarde. O seu Pontificado foi de uma duração curtíssima, vinte e seis dias. Também isto, Maria Madalena havia predito.

Por ocasião dum êxtase, durante o ano de 1590, ela falou que estava vendo uma jovem, chegando duma terra muito longínqua, que desejava tornar-se religiosa, no seu mosteiro. As monjas, que estavam ouvindo estas coisas, ficaram perturbadas, porque não gostavam de acolher uma pessoa desconhecida. Maria Madalena percebendo a perplexidade das suas companheiras, acrescentou que esta estaria dotada do espírito de pobreza e dum profundo desprezo de si mesma. Cinco anos mais tarde, quando ninguém mais pensava no caso realizou-se esta profecia, apresentou-se ao Mosteiro uma jovem, filha do fidalgo português, Rodrigo Ximenes. Maria Madalena afirmava, imediatamente, que esta era a jovem em questão. Depois de um mês, ela recebeu o hábito, com o nome de Irmã Catarina Angélica. Na mesma ocasião, teve Maria Madalena uma visão, durante a qual, ela predisse à candidata muitas coisas, que deveriam acontecer a esta. O êxito confirmou estas predições.

A respeito de muitas outras candidatas ao Mosteiro de Florença, Maria Madalena mostrava-se informada e esclarecida, de uma maneira sobre-humana. Ela sabia, também, com antecedência, da morte das suas companheiras, prevendo e avisando-as. Sabia quem havia de morrer antes ou depois dela mesma.

CAPÍTULO IX

Maria Madalena era conhecedora de acontecimentos longínquos e de coisas secretas

Acontecimentos que se davam em lugares muito afastados eram do conhecimento de Maria Madalena como se ela fosse testemunha ocular. Vejamos alguns exemplos. Certo dia, ela exclamou: “O Sr. Pedro Francisco Santucci acaba de falecer. Pelos merecimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, e pela intercessão de São Francisco, a quem se recomendava diariamente, ele está salvo!” A Irmã Maria Ângela, filha deste senhor, estava presente. A notícia da morte do pai lhe causou admiração, e isto tanto mais, que ela nem soubera da doença do seu pai. A empregada do Mosteiro, que fora enviada, para obter informações, voltou com a confirmação do fato.

Certa noite, durante uma ceia comum, Maria Madalena levantou-se do seu lugar para se dirigir à Madre Priora com estas palavras: “Minha Madre, aquela alma está de partida”. Ora, tratava-se da Irmã Maria Focardi. Esta religiosa, em consequência duma ferida na perna, havia passado algum tempo na cama. Naquele mesmo dia, porém, ela tinha tomado parte nos trabalhos manuais, juntamente com as outras religiosas, sem dar qualquer sinal de morte próxima. Indo para a cela da mesma, as Monjas encontraram-na agonizante, restando-lhes apenas o tempo necessário para a recitação das orações dos moribundos.

No tempo em que ela era instrutora das noviças, interrompeu uma entrevista com a Madre Mestra, pedindo licença para se afastar. A Mestra lhe perguntou o motivo, ela respondeu: “Irei a tal e tal lugar, onde se encontram duas irmãs, que não estão falando bem”. De fato, ela encontrou as duas confabulando sobre alguns pequenos defeitos de companheiras, e deu-lhes uma repreensão em regra.

No recreio noturno, vésperas da Festa de Corpus Christi, ela chamou a si a Noviça Maria Berti, a qual, antes de entrar, havia sido penitente do Pe. Reitor dos Jesuítas. Como que para brincar com a jovem, lhe fez esta pergunta: “Serias capaz de me dizer com que está ocupado Pe. Reitor, neste momento?” A Noviça respondeu: “Acho, que deve estar em oração” – “Engano”, respondeu a Madre: “com alguns dos padres, ele está tratando de tal e tal assunto; e estou vendo que o Espírito Santo lhe põe na boca as palavras que ele pronuncia”. No dia seguinte, o Pe. Reitor foi ao Mosteiro atender às confissões. Maria Madalena indagou sobre que ele tinha conversado com alguns de seus confrades na noite anterior. A resposta confirmou os dizeres da Madre.

Além disso, ela era conhecedora de segredos íntimos; o que não é coisa diabólica. Durante a recitação coral do Ofício, uma noviça viu-se de repente, assaltada de tentações terríveis, capazes de lhe mancharem a alma. Sem dar mostras exteriores, ela defendeu-se corajosamente. A Madre, porém, sabia do sofrimento íntimo da jovem e dirigindo-se a ela, lhe

disse: “Minha filha: acabado o Ofício será preciso convocar um capitulozinho”. O que se fez. Foi, então, que Maria Madalena deu aquela Noviça a ordem de tornar manifesto os seus pensamentos que a haviam atormentado durante a recitação do Ofício. Esta humilhação foi penosa, mas a recompensa enorme. Depois da manifestação pública, aquela alma nunca mais se viu atacada por tais tentações.

Certo dia, uma das suas filhas espirituais, obedecendo a uma instigação, resolveu não receber a Santa Comunhão juntamente com as outras religiosas. Chegado o momento da Comunhão da Santa Missa, Maria Madalena aproximou-se da coitada, dizendo-lhe “Minha filha: Jesus está a tua espera; é preciso comungar”. Outra Noviça veio pedir-lhe uma mortificação, não por que ela fosse mortificada, mas, por motivos de vaidade ela queria passar por mortificada. A Santa indeferiu o pedido, dizendo: “Não são estes os sacrifícios que Nosso Senhor quer, mas, sim, a intenção reta e pureza de coração”. Outra noviça apresentou-se para se desculpar dalguma falta, não que ela estivesse arrependida, mas, porque queria seguir um conselho recebido. A Madre responde: “Tal arrependimento não merece perdão”. A jovem, iluminada por esta repreensão, reconheceu sinceramente a sua falta e saiu consolada.

Outra noviça fomentava dentro do seu coração sentimentos de desprezo para com uma das suas companheiras, cuja simplicidade lhe parecia exagerada. A Madre chegou a ver que a noviça tinha a ideia de manifestar esta tentação, mas que o amor próprio tinha sido o grande obstáculo para isto. Chegada a hora oportuna, disse para a noviça: “Minha filha, se aquela companheira não tem as tuas qualidades e os teus dotes, fica sabendo que a gente não se fez a si mesma, mas, que é Deus quem nos fez”. Esta repreensão foi tão eficaz, que o sentimento de desprezo cedeu imediatamente o lugar a um amor sincero para com a companheira.

Não era costume no Mosteiro de Florença admitir as noviças à recitação do Ofício coral, juntamente com as professoras. O demônio, que procura tirar proveito de tudo, inspirou a uma noviça um grande sentimento de inveja e ciúmes, e o desejo de ser admitida. A Santa, conhecendo os segredos daquele coração, tomou à Noviça pela mão, dizendo: “Venha Irmã Ângela, quero satisfazer a este desejo do teu coração”. A noviça toda envergonhada, teve que ficar ao lado da Mestra, durante o Ofício. Mais tarde, quando esta mesma religiosa estava encarregada do ofício de enfermeira, junto à Madre Maria Madalena, na mesma noite em que esta iria entregar a sua alma a Deus, ela pensou lá consigo: “Meu Deus? Que coisa terrível seria, se minha Madre viesse a falecer, estando eu sozinha com ela”. No mesmo instante, Maria Madalena, conhecedora deste pensamento, chamou-a para junto de si, dizendo: “Venha, Irmã Ângela, venha sem temer qualquer coisa. Quando eu estiver para morrer a comunidade toda estará presente”.

CAPÍTULO X

Maria Madalena tinha conhecimentos do mundo invisível.

Querendo falar deste assunto, avisamos que pretendemos citar somente alguns fatos.

Entre os muitos favores recebidos de Deus, deve-se citar o do conhecimento que Santa Maria Madalena tinha, do estado de almas, no outro mundo. Começamos com a visão que ela teve da glória de São Luiz Gonzaga.

No dia 4 de abril de 1607, entrando Maria Madalena em êxtase, abriram-se-lhe os céus, mostrando a alma gloriosa de Aloísio (São Luiz). Esta era tão bela e brilhante, que a Madre se mostrou maravilhada, prorrompendo nestas exclamações: “Ó que glória a de Luiz, filho de Inácio. Nunca teria acreditado que essa fosse tão grande, se o meu Jesus não me tivesse feito testemunha ocular. Quer me parecer que poucos bem-aventurados gozam duma glória, que seja superior à dele”.

- “Eu quisera percorrer o mundo inteiro para anunciar a todos que Luiz, filho de Inácio, é um santo. Foi a sua vida oculta e interior que o tornou tão glorioso. Luiz foi um mártir desconhecido, porque aquele que Vos ama, ó meu Deus, reconhece que sois tão grande e tão infinitamente amável, que o fato de não Vos amar quanto ele o quisera, se transforma para ele, num verdadeiro martírio”.

Em seguida, ela viu que este Santo no céu intercedia, com um fervor particular, por aqueles que lhe haviam prestado auxílios espirituais durante a sua vida terrestre.

Quando os padres Jesuítas de Florença chegaram a saber desta visão, eles foram ter com a Madre Priora do Mosteiro, pedindo que lhe fosse fornecida uma descrição autêntica. Este favor foi lhes concedido porque estes Padres sempre haviam prestado grandes serviços espirituais ao Mosteiro. Mas, para maior garantia, os padres quiseram que o fato fosse examinado por homens competentes. E por isso, a pedido deles, o próprio Sr. Arcebispo, acompanhado de alguns padres Jesuítas e outros Eclesiásticos, bastantes autorizados, foi ao Mosteiro e submeteu Maria Madalena a um rigoroso interrogatório. A Santa, humilde e reverente, respondeu satisfatoriamente ao prelado, confirmando tudo quanto ela havia declarado, durante aquela visão. Somente uma coisa contrariava profundamente: a atenção, que os homens davam a uma criatura tão mesquinha, como ela mesma se chamava.

Nosso Senhor, que desejava alegrar um pouco à sua esposa, depois de tantas lutas e tentações, mostrou-lhe numa visão a alma da sua mãe, falecida uns quinze dias antes. Maria Madalena viu a alma da sua mãe, revestida duma glória brilhante, no meio de muitos santos. Em seguida, ela ouviu à sua mãe dar-lhe três conselhos que nunca mais se apagaram da sua memória. “Cuida, minha filha, de abaixar-te o mais possível, na santa humildade; de ser muito exata na observância da obediência e de executar diligentemente todas as ordens recebidas”.

A respeito do estado de muitas outras almas, particularmente de companheiras de vida claustral, Maria Madalena recebeu revelação. Umas vezes ela as viu na glória celeste; outras, sujeitas às penas do purgatório. E estas não eram poucas, nem pequenas! Um dos seus próprios irmãos, que durante a vida terrestre não prestou bastante atenção aos conselhos duma irmã tão santa, teve que pagar duramente!

CAPÍTULO XI

Outros favores recebidos por Santa Madalena

Já durante sua vida mortal, Maria Madalena entrou muitas vezes em contato com os habitantes da pátria celeste. Entre estes, devemos distinguir além dos seus padroeiros Santo Agostinho, Santo Ângelo Mártir, Santo Alberto e Santo Inácio. Estes Santos ensinavam-lhe coisas práticas referentes à sua própria vida espiritual, bem como à observância regular em geral, e à observância do seu próprio Mosteiro em particular.

Sobretudo, porém, ela tinha uma intimidade indescritível com a Virgem Santíssima, cuja vida ela procurava imitar e reproduzir.

O próprio Jesus Cristo aparecia-lhe muitas vezes. Em uma destas ocasiões, logo depois de ter recebido a Santa Comunhão, Nosso Senhor apareceu-lhe prometendo que ela, doravante, por Ele seria tratada com o doce nome de “esposa”, e que sempre teria sob os olhos, não somente os do espírito como também os do corpo, a Figura adorável do seu Divino Esposo. Tendo-lhe Nosso Senhor perguntado sobre que figuras ela desejava vê-Lo, a Santa respondeu, sob três. A primeira, como criança pequena, foragida no Egito; a segunda, como menino em Jerusalém; a terceira como sofredor. Estes pedidos foram pedidos como satisfeitos imediatamente.

Além disso, durante os seus êxtases, ela ditou muitas cartas, dirigidas ao Santo Padre, ao Sacro Colégio Cardinalício, ao Sr. Arcebispo de Florença, a Superiores Religiosos, nas quais ela tratava de assunto relativos à reforma do Clero Secular e Regular, à observância religiosa e à salvação das almas, em geral.

CAPÍTULO XII

Maria Madalena teve os dons dos milagres

Deus ornou a sua serva fiel, ainda com o carisma dos milagres. Estes realizaram-se, não somente dentro do Claustro de Florença, mas até em lugares distantes. Citaremos alguns, que foram submetidos aos competentes tribunais eclesiásticos, por ocasião do processo de beatificação.

Coisa milagrosa era que a Santa, por ocasião dos seus êxtases, não interrompia os trabalhos manuais com que estava ocupada no momento. As suas companheiras desejando verificar se, em tais ocasiões ela fazia uso de seus órgãos visuais, vedavam-lhe os olhos. Outras vezes, fechavam as janelas e cortinas a ponto de não deixar passar a luz do dia. Verificou-se, então, que Maria Madalena acabava com perfeição, qualquer serviço de pintura ou de costura. No Mosteiro de Florença, conservaram-se peças de linho do altar, confeccionadas por ela durante os seus êxtases.

Uma das religiosas, irmã Fides de Liguoria, sofria duma hidropisia total, que lhe tolhia qualquer movimento, causando-lhe grandes dores. Os médicos já haviam declarado que o caso era desesperador. A doente sentia uma inspiração interior que lhe aconselhou um recurso à Irmã Maria Madalena. Esta, porém, respondeu que não era chegada a hora e que a doente tivesse mais um pouco de paciência até ao dia seguinte, quando lhe faria uma visita. Na hora marcada, a Santa estava fazendo umas preces a Nossa Senhora no oratório do noviciado. Terminadas estas, ela levantou-se, tomou a imagem da Virgem nos seus braços carregando-a até à sela da doente, onde a colocou sobre o leito da mesma. Em seguida, tendo feito mais

umas preces, ela lançou uma bênção sobre a doente, com a imagem de Nossa Senhora, levantou os olhos ao céu dizendo: “Meu Deus, que se faça a Vossa Santa Vontade”. No mesmo instante, cessaram as dores da doente que se sentiu completamente curada. Tanto assim, que ela pediu alimentos e se levantou, retornando imediatamente às suas ocupações habituais.

Outro beneficiado foi o confessor da comunidade, o Pe. Agostinho. Este já havia recebido a extrema-unção, e esperava-se o desenlace a cada instante. Maria Madalena interessou-se e rezou por ele. E, se bem que o padre já havia alcançado a idade de 70 anos, sentiu-se imediatamente curado, levantando-se do leito. Poucos dias depois, já estava atendendo as confissões das monjas e celebrando a Santa Missa.

No dia 31 de dezembro de 1591, enquanto estava assistindo a Santa Missa, Maria Madalena entrou em êxtase. Voltando ao estado normal, ela percebeu que já passara a hora da comunhão; o que foi para ela um motivo de tristeza. Aconteceu, porém, que o sacerdote retirou do Sacrário o Santíssimo Sacramento, a fim de administrar o viático à irmã Querubina, a qual estava para morrer. Maria Madalena foi à sela desta monja, recebendo, também, a Santa Comunhão. Logo depois, ela teve um arroubamento. Neste estado, ela aproximou-se do leito da enferma, dizendo: “minha irmã, lembre-se de pedir juntamente comigo a cura”. Esta procurou de todo coração conformar-se com a Santa Vontade de Deus, enquanto a Santa traçou três vezes o sinal da cruz sobre a ferida, e fez uma oração, retirando-se depois. A ferida fechou-se depressa, desaparecendo a febre. Passados alguns dias, a irmã Querubina estava tão curada que os médicos se viram obrigados a reconhecer em tudo isto, a intervenção divina.

A irmã Maria Benigna Orlandini, viu-se atacada de uma doença contagiosa, que lhe causava grandes sofrimentos e anunciava uma morte próxima. Reduzida ao extremo, esta monja pediu as orações de Maria Madalena, a qual, depois da Santa Comunhão foi ter com a doente, descobrindo-lhe a orelha, onde a lepra tivera início e lambendo aquele foco da doença. A cura foi instantânea!

No Processo de Beatificação de Maria Madalena encontram-se descrições de muitos outros fatos milagrosos, particularmente daqueles que ela realizou em virtude da Santa Obediência.

CAPÍTULO XIII

Vários ofícios desempenhados por Maria Madalena – o seu governo prudente e sábio do juvenato e do noviciado.

No mesmo dia em que ela saiu do noviciado, para passar para o juvenato, tendo somente vinte anos de idade, Maria Madalena viu-se nomeada irmã externa, juntamente com outra monja mais idosa. Como já vimos estas duas monjas, deviam tratar diretamente das candidatas que se apresentavam ao Mosteiro. Este ofício não lhe causou grandes afazeres, porque, durante aquele triênio, poucas foram as candidatas. À 4 de Outubro de 1589, ela foi nomeada assistente ou ajudante da Mestra de Noviças, Madre Evangelista Giucundi. A Santa aceitou esta nova incumbência, não sem algum temor, e por causa da importância deste ofício, por causa das suas dificuldades pessoais. Ela mesma encontrava-se, ainda, no meio daqueles cinco anos de tremendas provas. Por amor à obediência, ela não fez dificuldades. Além

disso, era-lhe mais fácil, em virtude mesmo do ofício, entrar em contato diário com a Madre Evangelista, na qual ela tinha toda a confiança, como numa pessoa santa, dotada de todas as virtudes. Entre estas brilhavam e destacavam-se mais um grande amor de Deus e do próximo, uma devoção terníssima e filial à Virgem Maria, um grande zelo pela observância regular e uma profunda humildade e simplicidade. A uma grande prudência natural, esta Monja aliava muito conhecimento das coisas divinas.

Assim sendo, compreende-se facilmente que Maria Madalena, não obstante a sua profunda humildade, tinha gostado do seu novo ofício, porque este a tornava companheira duma madre tão perfeita. Em pouco tempo, porém, a discípula sobrepujou à mestra. Fiquemos agora, com Madre Maria Madalena, que nos deixou exemplos tão eloquentes de virtude e governo. A sua convivência com as noviças era tão cheia de bondade, caridade e amabilidade, que ela parecia mais uma irmã do que mestra delas. A sua intimidade provocava, por vezes, admiração. Interrogada pelos motivos deste seu proceder, ela respondeu que agia assim para lavá-las ao amor de Deus. E acrescentava: “Já que fomos criadas por amor e para o amor, devemos retornar a nossa origem, pelos mesmos caminhos”. Apresentando-se, porém, uma ocasião, ela não se descuidava de dar repreensões ou avisos às suas noviças acerca dos defeitos das mesmas.

O ofício de sacristã foi lhe confiado no dia 1º de outubro de 1592. Desnecessário será frisar, com quanta religiosidade ela cuidava dos vasos sagrados, dos paramentos e demais utensílios, destinados ao Culto Divino.

Tendo chegado à idade de trinta anos, em 1598, ela foi nomeada Mestra do Juvenato, desempenhando este ofício durante três anos, com grande zelo e eficiência. Ela experimentava e ensinava às suas alunas, no caminho das virtudes sólidas, não somente com a palavra, mas, sobretudo com o seu próprio exemplo.

Pelo Capítulo de 11 de outubro de 1598, ela foi eleita, com votos unânimes, para o ofício de Mestra de Noviças; sendo confirmada, no mesmo ofício até o Capítulo de 1604, quando foi eleita subpriora. No exercício deste ofício, a morte a encontrou.

Quanto à direção das noviças e jovens professoras, Maria Madalena procedia com uma prudência tão grande, que esta poderá servir de norma para todos quantos forem encarregados de semelhantes ofícios. Em primeiro lugar, o seu amor para com suas filhas era imparcial. Ela queria bem a todas. Os cuidados por ela dispensados às jovens eram sem exceção. Vendo algum hábito rasgado, ela o consertava; estando algumas sobrecarregadas de serviço, ela as ajudava; achando-se alguma doente, ela a tratava, continuamente, permanecendo noite e dia, ao pé da cama, dispensando-lhe todos os cuidados possíveis, incutindo-lhe, com as suas palavras afáveis e animadoras, a coragem para suportar de maneira meritória, os incômodos e as dores da doença. As suas noviças ela exortava que tomassem a liberdade de bater à sua porta, fosse de dia, fosse de noite, acrescentado que, em caso de necessidade, ela passaria a noite com elas. Quando as noviças, vendo que a Mestra estava doente, lhe suplicavam que fosse tomar seu repouso tão necessário, ela respondia que não se preocupassem com a sua saúde, porque ela confiava na bondade de Deus. Até ela estava pronta a sacrificar a sua hora de oração e as suas práticas de piedade, pelo bem das suas filhas.

Ao mesmo tempo, ela tinha um conceito tão baixo de si mesma que chegava a declarar: “Como faríeis maiores progressos na perfeição se tivésseis uma outra Mestra”.

Enquanto ela era irmã externa, encarregada de receber e instruir as jovens candidatas à vida religiosa, Maria Madalena as estudava e observava atentamente, não descuidando de nenhum meio para obter certeza da realidade das vocações. Para tanto, ela experimentava as jovens, de todas as maneiras, ensinando-lhes, ainda, toda a extensão e todo o peso da vida religiosa. Encontrando, em algumas, resistência, ela falava com fraqueza: “Se o nosso modo de viver não for do vosso agrado, podereis escolher outro convento. Quanto a nós, temos amor a nossa Regra, e não desejamos introduzir mudanças na mesma!” Ela tinha um coração terno e compassivo; em se tratando, porém, da disciplina regular, mostrava-se severa e inexorável. E nem a nobreza, nem a fortuna, nem qualquer outro dote das postulantes tirava à Madre Maria Madalena a liberdade de dizer o que ela pensava.

A fim de imprimir nos corações das suas Noviças um amor forte e generoso para com sua Ordem, ela procurava aos poucos acostamá-las à observância da Regra e dos costumes da casa. Para justificar este seu procedimento ou sistema, ela explicava às outras monjas: “Quando estas jovens abandonam o mundo, elas deixam, por lá, todos os objetivos das suas afeições. E por isso, é preciso que elas, por aqui, encontrem alguém que as anime amorosamente a abraçar com generosidade todas as dificuldades da vida religiosa”.

Quanto às noviças, ela procurava infundir-lhes um amor verdadeiramente filial para com as superiores, e um amor de irmãs para com as demais religiosas. Tudo isto, porém, por motivos sobrenaturais, fundamentados em Deus. Os recreios permitidos pela Regra, ela os queria alegres: contribuindo, da sua parte, quanto podia. Para tanto, ela aduzia muitos motivos e argumentos. Eis aqui um exemplo, entre muitos outros. “Desejando obter para nós mesmas, uma grande graça, pedi dois ou três graus para as nossas Irmãs, certas de que elas merecem muito mais do que nós mesmas. Desta forma, preparar-vos-eis a receber aquela graça, purificando a nossa intensão de qualquer sentimento de soberba e de procura própria; porque sois obrigadas a tender à perfeição mais alta possível. Querendo chegar a ela, bem depressa, tomai a Jesus Cristo como vosso Mestre, prestando grande atenção às suas lições e instruções; porque Ele falará continuamente aos vossos corações, particularmente, depois da Santa Comunhão. Que a oração seja o vosso maior prazer. Uma alma acostumada a se entreter com Deus, não quer mais outra ocupação, porque só Deus lhe basta. Que o fato de terdes abandonado os vossos pais, ou qualquer outra afeição terrena, não encha de tristeza o vosso coração, porque em Deus haveis de reencontrar tudo quanto tiverdes abandonado, bem como a plena satisfação de todos os vossos desejos. Finalmente: para não cairdes nas ciladas do demônio, procurai não ter qualquer segredo, sede francas e manifestai os vossos mais íntimos pensamentos”.

A Santa Madre ensinava, com grande empenho, como as suas noviças deviam recitar o Divino Ofício, procurando incutir-lhes um amor profundo para com esse dever, porque ele é um dos principais da vida religiosa e contribui mais para homenagear a Deus. Antes de dar início à recitação, ela reunia em redor de si as suas filhas, explicando-lhes os motivos porque se deviam comportar com o maior respeito possível. Chamava a atenção das mesmas para o santo temor, com que os anjos estão em redor do trono da Majestade Divina, entoando-Lhe

incessantemente os seus louvores e cantos de adoração. Por isso, ela ensinava às jovens que, antes de procederem a recitação do Ofício se humilhassem profundamente, reconhecendo-se indignas de uma missão tão santa e sublime. Ela preferia a assistência ao ofício coral a todos os demais atos comuns ou particulares. Quando uma das suas filhas lhe pedia dispensa do ofício coral, por qualquer motivo, ainda que fosse para se entregar à oração mental, ela respondia: “Não, minha filha! Da minha parte, eu te enganaria, se concedesse esta licença. Porque eu te faria crer que uma devoção particular dará maior honra a Deus; enquanto, justamente, a oração particular, comparada ao culto público, é de pouco valor.”

Durante a recitação, ela prestava uma grande atenção ao que estavam fazendo as suas noviças, para ver se estas não cometiam faltas. Percebendo que alguma não se comportava como devia, chamava a atenção da culpada, dando-lhe uma repreensão.

Outra grande preocupação da Madre era ensinar às suas filhas espirituais que procurassem realizar todas as suas obra com uma intensão reta e pura de agradar a Deus, em tudo. Ela afirmava que uma alma acostumada a fazer tudo, até os mínimos movimentos, por amor de Deus, entraria diretamente no céu, sem passar pelo purgatório. Muitas vezes, para experimentar a fidelidade das noviças, sob este aspecto, ela fazia uma pergunta repentina a qualquer uma indagando pelos motivos, com que estava agindo naquele instante. E, conforme a resposta, ela dava uma animação ou repreensão.

Outro conselho, que ela costumava dar era o de fazer tudo em união com Jesus Cristo, explicando que as nossas boas obras, por si mesmas, não passam de lodo ou chumbo, mas que as mesmas, unidas às obras de Jesus Cristo, se transformam em ouro puríssimo.

Uma coisa que ela considerava como um grave dever seu, era ensinar às suas filhas a prática da presença de Deus. A fim de acostamá-las a este santo exercício, ela fazia-lhes perguntas, como estas: “Onde está o teu coração, minha filha? Em que estais pensando? Quantas vezes, já destes graças a Deus, por que Ele te chamou para a vida religiosa? Ou por causa do grande dom da Comunhão?”

Por meio destas santas indústrias, ela conseguia acostamá-las a viver na presença e sob o olhar de Deus, a escutar a sua voz e atender aos seus pedidos.

A fim de levar as noviças à mortificação de si mesmas, Maria Madalena ensinava-lhes que Deus espera das almas religiosas uma verdadeira morte, sem a qual é impossível chegar à vida divina. E, conforme ela ensinava, esta mortificação abrange tudo, abrange a pessoa toda. Eis uma das suas explicações: “A vida da nossa carne consiste no prazer sensual; a sua morte consiste na privação do mesmo, e esta morte é efetuada pelas vigílias, abstinências e outras penitências ou autoridades. A vida do nosso entendimento e da nossa vontade consiste em nós mesmos dispormos de tudo quanto é nosso conforme nosso bel-prazer, a sua morte consiste na obediência e em viver sujeito ao juízo alheio. A vida da nossa vaidade consiste na procura da estima e da consideração dos homens, a sua morte em ocupações humilhantes, no desprezo de si e numa vida oculta. A alma, que pensa poder morrer espiritualmente e gozar, simultaneamente de consolações interiores e exteriores, anda muito enganada. Para merecer o belo título de serva de Deus é preciso ter trabalhado e sofrido muito no serviço d’Ele. Não é na doçura e nos gozos celestiais que se encontra Deus, mas na prática assídua da virtude, cujo

berço esteve no calvário, e cujo alimento vem a ser os frutos da cruz. As consolações não têm valor, a não ser que elas tornem a alma mais corajosa no serviço de Deus, mais paciente no sofrimento, mais desejosa de cumprir a Santa Vontade de Deus”.

Tendo-se em vista tais ensinamentos e tais máximas fundamentais, é fácil de entender que Santa Maria Madalena não confiava muito em almas, cujo único alimento no Caminho de Perfeição, parecia ser o mel e o leite. Deparando com qualquer noviça, cujo caminho parecia ser exclusivamente de paz e sossego, ela declarava francamente: “Tenho um grande receio, minha filha, de que tudo quanto estais a fazer, somente servirá para acomodar o homem exterior (o velho homem de São Paulo), sem causar-lhe algum aborrecimento interior ou exterior. A verdadeira virtude necessita de provações; ela cresce, vinga, torna-se vigorosa e constante, no meio de tentações, contrariedades e provações, sejam estas provenientes de Deus, das criaturas ou dos demônios”.

CAPÍTULO XIV

Continua o mesmo assunto

Encontrando nos dons sobrenaturais que ela recebera um grande auxílio, a nossa Santa era conhecedora de todas as inclinações e aptidões naturais das suas filhas, acomodando-se às mesmas, com facilidade e prudência. Conforme a índole das noviças, variava também as táticas da Madre, levando todas à perfeição, conforme os dotes naturais, e confirmando-as na prática de virtudes sólidas, à medida das graças recebidas. Era coisa maravilhosa e edificante ver como ela tratava aqueles corações. Sentada no mesmo lugar, ela animava a umas com um sorriso, a outras ela confundia e humilhava, com um olhar severo. A umas ela dava uma repreensão severa por causa de qualquer falta leve, a outras uma repreensão muito mansinha, por causa de faltas mais graves, enquanto a uma terceira categoria ela não dizia nada, deixando passar a coisa, como se não tivesse visto nada. Ela fugia das que a procuravam, ia à procura das que lhe fugiam. Mas, tudo isto com uma habilidade tal que não só não feria a ninguém, como ainda todas reconheciam que era este o método exato, que lhes convinha. O zelo da Madre visava particularmente atingir o amor próprio, que cada qual tinha, procurando incutir às suas filhas uma sólida humildade. Para alcançar este fim, ela as humilhava de várias maneiras, tanto em particular, como em público. E o seu expediente era tão grande, que lhe bastavam umas poucas palavras para levá-las a reconhecer os defeitos e as faltas cometidas. Por vezes, ela mandava que alguma das noviças se colocasse no meio das outras, e, então, dizia: “Esta menina pensa ter prestado um grande favor, vindo a nós, enquanto eu posso afirmar que ela se pode dar por muito feliz, sendo recebida por nós”. Descobrimos em qualquer uma, grandes dons e qualidades de inteligência, de juízo e de habilidades especiais, ela utilizava-se poucas da mesma, para fazer algum serviço, ou então, descobria muito habilmente defeitos, no serviço prestado, a fim de conservá-la na humildade.

Agora uma palavrinha sobre as penitências públicas, impostas pela Santa. A uma postulante ela deu ordens de servir à mesa, trajada com os seus vestidos ricos, elegantes, trazidos do mundo. Antecipadamente, Maria Madalena já havia combinado com algumas das monjas mais idosas, que estas tratassem à postulante em questão como uma tresloucada. Notando, em qualquer outra, uma tendência à vaidade ou vã glória, a Mestra encarregava a algumas outras noviças de fazerem uma exposição bem clara e nítida das faltas e deficiências

observadas naquela tolinha. Havia, entre as postulantes, uma de 19 anos, filha de família importantíssima e moça muito prendada. Esta teve a presunção de declarar publicamente, no meio das noviças: “Quanto a mim, eu não quero ser religiosa de nome tão somente, mas religiosa de verdade”. A Madre deixou passar aquele momento. Uns dias após, ela chegou a saber que a tal pretendente a uma grande santidade não queria saber de praticar certos costumes ou usos da casa. Foi a hora que Maria Madalena aproveitou para dar uma boa lição. Ela mandou vir a pretenciosa e, na presença de todas as outras, deu-lhes a conhecer o seu grande espírito de soberba, acrescentando ao fim: “Estas, no entanto, são as moças nas quais o mundo sabe descobrir tantos dotes e prendas!” A postulante ou noviça em questão, teve que ouvir outras vezes, semelhantes repreensões, para que aprendesse a prática da humildade. Quantos olhares severos e como que desdenhosos da Madre ela não teve que suportar. Antes de ser admitida à tomada de hábito, esta mesma candidata forneceu à Madre um novo motivo de apreensões. Num dia de recreio, a jovem chegou a declarar que lhe havia custado muito a resolução de ingressar para este Mosteiro, porque ela sabia que não teria grandes sofrimentos no mesmo. A mestra, vendo nisto uma prova do grande despeito da postulante, queria dar-lhe uma oportunidade para se curar deste defeito. Ela mesma começou a tratá-la com maior severidade, impondo-lhe penitências ou dirigindo-lhe palavras duras, por ocasião de qualquer faltinha. Às outras noviças ela mandou que criticassem a companheira, de todos os modos, como se fosse por conta própria. Vendo, então, que a moça chegava a derramar lágrimas, por causa destes tratos, dizia-lhes: “Minha filha: lembre-se das lutas que teve de suportar para poder entrar neste mosteiro, onde não se sofre!” Este tratamento forte continuou até a cura definitiva da paciente. Mais tarde, como para dar-lhe algum consolo, a Madre lhe disse: “Minha filha, para a alma poder levar uma vida deiforme, é preciso que ela comece por morrer a si mesma”. Esclareceu, ainda, que tudo isto havia sido para o maior bem daquela alma. Para com as almas mais simples e menos generosas, ela procedia de outra maneira, animando-as, por meio de provas de benevolência, a percorrer o caminho da perfeição.

A Madre combatia da mesma forma a opinião e a vontade própria que as suas filhas mostravam ter. Descobrimo, por exemplo, que alguma delas tinha afeição exagerada aos exercícios da oração, dava-lhe ordens de ir descansar ou de fazer trabalhos manuais, exatamente na hora destinada à prática da oração. Vendo, pelo contrário, que tal outra estava mais inclinada a trabalhos manuais, dava-lhe ordens de se entregar à oração, quando soava a hora do trabalho, ou, então, ensinava-lhe como podia e devia realizar os seus trabalhos exteriores, com um espírito interior.

Em tudo isto, porém, ela procedia com tanta prudência e caridade, que as próprias penitenciadas chegavam à conclusão de que a coisa estava muito bem feita. Havia nos seus traços fisionômicos um misto tão atraente de bondade e severidade de imponência e humildade, que ela ganhava os corações. Nunca ela impunha uma penitência ou mortificação, sem ter feito, sobre si mesma, uma experiência antecipada. Nunca ela dava uma ordem, sem ter consultado o seu crucifixo. O que ela não permitia era que alguma das suas filhas espirituais, depois de ter cometido qualquer falta, se entregasse ao repouso noturno, sem ter dado a reparação necessária. Ela procurava distribuir as repreensões com o seu coração totalmente apaziguado e calmo. Uma noviça sentia para com ela uma aversão secreta, chegando mesmo à imprudência de dizer isto à Madre. Esta em vez de dar uma resposta, deixou passar a coisa. Mais tarde, quando a jovem reconheceu o seu erro, foi novamente falar

com ela, manifestando-se arrependida. A Madre tratou-a com a maior benevolência e afabilidade possível, restituindo-lhe, assim, a paz e o sossego da alma.

Notando qualquer defeito em algumas das suas filhas, ela fazia um exame de consciência para verificar se, na sua própria pessoa, não havia culpabilidade, sobre o mesmo objeto. Somente depois ela dava repreensão necessária. Até acontecia que, dada a repreensão merecida, ela se apresentava à Madre Priora acusando-se mais culpável e pedindo alguma penitência.

Uma coisa ela não suportava, no seu noviciado: a tristeza. Vendo uma fisionomia triste, ela dizia: “Tu não amas a Deus, minha filha; porque estás sentindo tristeza no serviço d’Ele. Para que ocupar-te continuamente contigo mesma? Pensa na salvação das almas... oferece esta oração... o Sangue Precioso de Jesus... Um dos motivos porque Deus nos chamou do mundo é que nós devemos ajudar à Santa Igreja na obra da salvação das almas”.

A sua hora preferida para distribuir repreensões ou penitências, era a que seguia imediatamente a oração; porque então, as almas deviam estar nas melhores condições. Percebendo que assim mesmo alguém se perturbava ou entristecia, ela dizia que a oração não tinha sido bem-feita.

O que ela mais exigia era a obediência pronta, alegre, perfeita e total. O sacrifício do “eu”. Impossível encontrar-se uma madre mais condescendente. Duas coisas, no entanto, Santa Maria Madalena não pôde suportar nas suas alunas e filhas, impondo-lhes severas penitências e repreensões, quando caíam nas mesmas. Estas duas coisas eram: dizer: eu quero ou eu não quero; e falar mal do próximo, ainda que fosse coisa pequenina.

Quanto a esta última, ela aconselhava frequentemente as suas noviças que não falassem do próximo nem mesmo coisas boas; porque, dizia, a gente começa por falar bem deles, mas depois começa a falar mal. E acrescentava, ainda, que da pessoa ausente não se falasse no que na presença da mesma não se teria coragem de dizer. Quanto a ela, estava pronta a declarar Santa uma pessoa que nunca tivesse falado o menor mal do próximo. Chegando, a saber, que uma das suas filhas era culpável de qualquer maledicência leve, ela não permitia a entrada da mesma na capela, a não ser depois de lhe ter infligido alguma penitência. Sendo a maledicência leve, ela mandava a culpada que traçasse o sinal da cruz sobre o soalho; sendo, porém maior, ela mandava as outras noviças, que em sinal de desprezo pusesse o seu pé sobre a boca da culpada. Para penitenciar e castigar as palavras: eu quero e eu não quero, ela empregava o mesmo método e isto com tanta eficiência que estes dois defeitos desapareceram do seu noviciado.

Outro defeito que ela guerreava impiedosamente nas suas filhas, era o egoísmo; fosse qual fosse o aspecto sob o qual este defeito apresentava. Ela costumava dizer que uma pessoa que é boa e compassiva, exclusivamente para consigo, não é boa nem para si própria. Pelo contrário, ela apreciava muito aquelas que, sabiam compartilhar com outrem aquilo que recebiam. Certa ocasião, encontravam-se reunida algumas das noviças já mais adiantada para tratarem de assuntos espirituais, uma das mais novas desejava unir-se a elas, mas não foi admitida. Quando a mestra percebeu isso, ela deu uma repreensão severa naquele grupinho de noviças, dizendo que elas não eram nada devotas, mas sim, egoístas; acrescentando ainda

uma boa penitência. Pelo mesmo motivo, ela não permitia que as suas alunas tivessem um mínimo apego a qualquer coisa. Com o fim promover e fortificar no coração dos jovens aquele ditoso desejo, ela ensinava-lhes que mensalmente, fizessem um balanço dos objetos deixados para o uso pessoal; e que encontrando algum objeto, ao qual elas talvez tivessem apego, o sacrificasse imediatamente.

Um dia, ela descobriu um apego forte de uma noviça a um manuscrito espiritual, confeccionado pela mesma. Na mesma hora, ela mandou que o queimasse. Outra tinha uma afeição toda especial para com o seu rosário. A mestra tirou-lhe este objeto, por uns seis meses. Passado este prazo, lhe restituiu, sob condição de que a jovem, cada noite, fosse entrega-lo à Madre Mestra. Desta forma, a noviça chegou à convicção que todos os objetos a seu uso, lhe tinham sido emprestados pela comunidade.

Sendo a própria Santa muito exata na observância do silêncio prescrito pela Regra, ela era também muito exigente neste particular, para com as almas, confiadas aos seus cuidados. Ela afirmava que é impossível que uma alma religiosa encontre gosto nas coisas divinas sem o amor e a prática do silêncio. E as transgressões das suas noviças eram severamente punidas. Ela mesma se penitenciava por causa da falta de silêncio de suas filhas.

Finalmente, com grande empenho, ela preparava, mediante prática, instruções e conselhos espirituais, a profissão das mesmas. E na véspera da cerimônia, pediam humildemente perdão a ela, porque estava convencida de não ter cumprido bens seus deveres de Mestra.

CAPÍTULO XV

Grande estima e zelo de Santa Maria Madalena pelo estado religioso em geral, e pela sua Ordem, em particular.

Para dar mostras do seu grande amor ao estado Religioso, a nossa Santa costumava chamá-lo de: a menina dos olhos de Deus, o paraíso de delícias, e, por vezes, a pátria celeste. Por ocasião dos seus êxtases, ela afirmava que não tinha inveja dos monarcas deste mundo, nem mesmo dos Anjos do céu, porque estes não podiam emitir os três votos pelos quais os Religiosos fazem profissão pública da vida do Salvador. Falando ou ouvindo falar do estado religioso, ela, frequentemente, entrava em êxtase, começando a elogiar e glorificar este estado com os elogios mais honrosos e os conceitos mais profundos. Por causa deste seu grande amor, ela não queria que se admittissem à vida religiosa candidatas desprovidas de verdadeira vocação. Da sua parte, não se cansava de exortar às suas filhas espirituais a uma correspondência generosa a esta graça da vocação, por ela considerada a maior, depois da graça do santo batismo.

Ela queria ainda que as suas filhas amassem à sua Ordem como à sua Mãe. “E isto se faz, dizia, quando se observam a sua Regra, as suas Constituições, os seus costumes, por menos importantes que estes pareçam. Tudo isto é obra do Espírito Santo”. Ela repetia tantas vezes estas palavras: **“Amai a vossa Ordem”**, que umas das suas filhas, cansada de ouvir sempre a mesma coisa, lhe perguntou por que a Madre em todas as suas conversas e em todas as suas alocuções repetia invariavelmente este conselho. A Santa respondeu: “Porque pouco adianta a posse dum diamante quando não se conhece o seu valor. O que não se conhece, não se ama.

Fostes chamadas a servir um Deus, cujos servos são reis, como ensina a Escritura, e a fazer, desde já e na terra, o que deveis fazer mais tarde, no Céu: entoar os louvores divinos. Por isso: amai a Vossa Ordem”. Em certas ocasiões, ela dizia às suas filhas: “Amai a Ordem; amai a minha Ordem”. Interrogada por que ela chamava à Ordem de sua Ordem, respondeu: “Porque Deus me deu esta Ordem e Ele quer que eu a conserve e guarde cuidadosamente. Por isso, também, desejo que vós a acheis bela e que tenhais amor a ela”. Desejando dar provas exteriores deste seu amor, ela chegava a beijar as paredes, dizendo: “São velhas é verdade e prestes a ruir; mas, quanto elas me são caras!” Isto, porque aquelas paredes a separavam do mundo e das coisas que eram capazes de distraírem o seu espírito de Deus. Em outras ocasiões ela afirmava que as almas, que não percebiam a doçura do jugo religioso, eram pessoalmente responsáveis, porque elas não procuravam carregá-lo com diligência. A uma noviça, que lhe pedira uma jaculatória edificante, ela aconselhou esta palavra do Salmista: “Prefiro ocupar na casa do meu Deus o último lugar, a morar na mansão dos pecadores”.

Quanto à pobreza ou à simplicidade religiosa, a Madre Maria Madalena era muito exigente. Uma das suas filhas tinha pintado uns santinhos muito lindos que deviam servir de presentes para pessoas de fora. A Santa não permitiu que estes santinhos saíssem do Mosteiro. Como, naqueles tempos, o Mosteiro era relativamente pobre, a alimentação não era abundante nem muito boa. Uma jovem Noviça perguntou-lhe, um dia, como era possível que religiosas tão malnutridas eram capazes de suportar tantos trabalhos e penitências. A resposta da Madre foi: “Isto é porque Deus comunica a estes alimentos, santificados pelo estado religioso, uma força especial, para sustentar os corpos. No dia em que Deus quiser que tenhamos melhores alimentos, Ele no-los fornecerá”. E, de fato, Ele o fez pouco depois. Ela não permitia que se mostrasse algum desdém para com a simplicidade ou pobreza da mobília, da comida ou dos vestidos, dizendo: “Nós fazemos profissão pública de pobreza. Ora, os pobres contentam-se com as coisas piores, sabendo que as melhores não são para eles”. E os seus atos confirmavam as suas palavras.

O seu respeito para com as determinações das Constituições, inclusive as mínimas, era costume porque ela as considerava como inspiradas pelo próprio Deus. Por este mesmo motivo, ela procurava inculcar nas suas filhas um respeito igual. O melhor ensinamento era o seu próprio exemplo de observância regular e de vida comum, na qual ela fielmente tomava parte, a não ser que as suas enfermidades o impedissem. E isto era, então, como grande penitência para ela. Das dispensas, que lhe eram concedidas, ela fazia uso somente quando obrigada pela obediência.

Não contente com a sua própria fidelidade à observância regular, Madre Maria Madalena esforçava-se por comunicar a outras este mesmo zelo. Muitas vezes ela repetia que as suas filhas espirituais deviam preferir derramar o seu sangue ou dar a sua vida pela fiel observância, a permitir o menor relaxamento. A fim de garantir melhor a continuação desta fidelidade, ela exigia daquelas entre as suas alunas, que mais tarde poderiam ser superiores, a promessa expressa de nunca permitirem qualquer prejuízo à observância regular. A outras religiosas de ótimo espírito, ela aconselhava que fizessem uma espécie de testamento espiritual, destinado às futuras Monjas.

Com o intuito de que outras não perdessem os atos comuns do ofício coral, recreio, etc. a Santa Madre encarregava-se de adiantar o serviço delas. Mas, se, assim mesmo, aquelas faltavam, dava-lhes uma repreensão ou tomava outras providências cabíveis. Além disso, ela não queria que se sacrificasse qualquer ato comum por uma prática de piedade particular, porque, dizia, tomando parte no ato comum a religiosa sabe que está cumprindo a vontade de Deus, o que não acontece quando satisfaz a um desejo individual ou particular por piedade. E noviças, que davam mostras destas preferências pessoais, não lhe inspiravam muita confiança.

Como já vimos um dos atos que lhe eram mais caros era o serviço coral, do qual ela nunca se eximia, a não ser por motivos de doença ou de obediência. E, nestes casos, ela gostava de recitar o Ofício em companhia de alguma religiosa para poder participar do espírito de oração da outra. Uma Monja que geralmente lhe prestava este obséquio, percebeu, num dia do mês de dezembro, que Maria Madalena, ao pronunciar as palavras “Glória Patri”, empalidecia e começava a transpirar, quase não conseguindo pronunciar aquelas palavras. Interrogada pela companheira, por que lhe acontecia isto, a Santa respondeu que um Padre Jesuíta, seu Confessor, lhe havia ensinado que, ao pronunciar aquela fórmula, ela oferecesse a sua vida, como se um algoz estivesse prestes a cortar-lhe a cabeça.

Ouvindo o sinal, que convoca a Comunidade para o serviço coral, o coração da Madre inflamava-se do desejo de ir cantar os louvores do Altíssimo, e este fervor manifestava-se no seu rosto. Pela força da sua palavra e do seu exemplo, ela procurava comunicar às suas filhas espirituais, este mesmo fervor e zelo. Não se contentava apenas com a sua presença assídua ao serviço coral. Ela procurava comunicar, ainda, a sua devoção. Notando que a recitação se tornava excessivamente acelerada, o seu coração se constrangia e ela chegava a dizer: “Me parece que não é decente, nem permitido, despachar o serviço coral como qualquer outro serviço caseiro”. Um dia, quando as horas canônicas estavam sendo recitadas, com uma pressa exagerada, a Santa, com muito zelo e grande humildade, saiu do seu lugar e foi-se prostrar aos pés da Madre Priora, dizendo: “Para que toda esta pressa: Minha Madre; teríamos outros afazeres, mais importantes para a glória de Deus?” Estas e mais outras tentativas suas fizeram com que o mencionado defeito deixasse de existir no Mosteiro. Sem dúvida, foram a sua grande virtude e comprovada santidade que lhe conferiram este prestígio junto à sua Comunidade.

Embora ela mesma não tivesse boa voz e não soubesse cantar bem, não deixava de se esforçar o mais possível. Além disso, ela conseguiu que Nosso Senhor, para este fim, fizesse um milagre a favor duma Monja que tinha uma voz maravilhosa e era um dos esteios do canto coral. A coitada, porém, era muito doentia e fraca, e por isso, muitas vezes ela era obrigada a desistir do canto, que lhe causava grande cansaço. Maria Madalena pediu a cura dela e prometeu-lhe que, durante trinta anos, ela poderia cantar. Os fatos comprovaram as palavras da Santa.

Nas mãos de Deus, Madre Maria Madalena foi ainda o instrumento para introduzir nas Constituições do Mosteiro reformas e melhoramentos. Dos avisos recebidos durante os êxtases, ela fez apontamentos, entregando-os aos superiores, pelo fim da sua vida, pedindo aos mesmos, que com o aproveitamento daqueles avisos, se procedesse a uma nova redação

das Constituições. Depois da sua morte, isto foi feito, com aprovação de Sua Santidade, o Papa Paulo V.

O zelo da nossa Santa não se restringia ao seu próprio Mosteiro, mas, abrangia, também, outras famílias religiosas. Um dos seus maiores desejos era que todas as Ordens Religiosas retornassem ao seu primitivo fervor e à observância primordial. Nas suas orações fervorosas, extáticas, proferidas em altas vozes, ela pedia este favor a Deus, chegando ainda, a oferecer-se como vítima, com o mesmo fim.

Os avisos e ensinamentos da Santa Madre a respeito do estado religioso constam num outro opúsculo traduzido à parte.

CAPÍTULO XVI

O grande amor de Maria Madalena para com Deus e seu Divino Esposo, Nosso Senhor Jesus Cristo

Que dizer das chamas de amor que ardiam no coração de Maria Madalena e que se manifestavam, em todas as ocasiões e circunstâncias, através das suas palavras e ações? O amor de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo a devorava. Em primeiro lugar, devemos afirmar, que o seu espírito estava continuamente unido com Deus e ocupado com pensamentos santos e piedosos. Cada vez que se lhe perguntasse em que ela estava pensando, a sua resposta imediata e constante era: “Estou pensando em oferecer os meus trabalhos a Deus”. Ou “Estou unindo os meus trabalhos com o que Nosso Senhor Jesus Cristo realizou quando estava neste mundo”, ou “Congratulo-me com as infinitas perfeições do meu Criador”, e muitas outras expressões semelhantes. E, no entanto, estes pensamentos não lhe perturbavam ou estorvavam as ocupações exteriores, às quais ela continuava a entregar-se, no meio dos seus êxtases. A sua alma andava tão maravilhosamente unida a Deus, que ela mesma durante o seu sono exteriorizava as coisas mais sublimes sobre o seu Amado. O seu estado de união chegou a tal ponto que ela pôde afirmar às suas Noviças: “Para mim, tanto faz, que se me diga – Vai fazer a tua oração no coro, ou – Vai ao refeitório, ao locutório ou ao recreio – a diferença de lugares não produz nenhuma mudança na minha alma. Penso dizer a verdade, quando afirmo que, nos lugares mais distrativos, me é mais fácil encontrar a Deus”.

Ela tinha uma grande predileção pela contemplação das obras e dos mistérios do Verbo Encarnado. Com estas coisas, ela ocupava e alimentava o seu espírito, mesmo durante as refeições corporais. No seu Mosteiro havia, naquele tempo, o costume de se interromper a refeição e a leitura, por três vezes. Os momentos de silêncio e de recolhimento eram empregados, pelas Monjas, para fazer qualquer ato de piedade ou mortificação. A nossa Santa tinha adquirido o seguinte costume. Na primeira ocasião, ela juntava as suas mãos, unindo-se às adorações prestadas pela Sacratíssima Humanidade de Cristo Jesus na sua Divindade, bem como às homenagens e às adorações da Virgem Mãe. Na segunda ocasião ela lembrava-se das delícias, que Jesus Cristo encontrava no cumprimento da Vontade do Pai, e qual era o seu alimento, conforme nos ensina o Evangelho. Na terceira, ela cruzava as suas mãos, lembrando-se de Jesus crucificado e moribundo, saturado com este pão da vontade do Pai. Em seguida, ela já não desejava mais outro alimento. Estes santos pensamentos perseguiam-na, mesmo durante o dia, em qualquer lugar e circunstância.

A alma amante não quer outra coisa, senão o que deseja a pessoa amada. Por isso, a Santa não conhecia desejo mais ardente do que o de conhecer e cumprir a vontade de Deus, em sua própria pessoa e no próximo. Já desde a sua infância era devorada por esta sede, não querendo morrer, senão depois de se ter cumprido nela, a Vontade de Deus. Durante a sua vida, ela foi muitas vezes, ouvida afirmar que nunca fizera qualquer coisa, sem averiguar primeiro se esta estava em conformidade com a vontade de Deus, e que estava sempre pronta a abandonar qualquer ocupação, se lhe passasse pelo espírito a ideia de que tal ocupação, não concordava com a Vontade divina. Até a sua própria vida ela queria sacrificar pela mesma. Ela pôde afirmar que nunca negará a Deus a mínima coisa, quando esta lhe parecia conforme os planos ou desejos d'Ele, acrescentando, ainda, que a sua alegria consistia em cumprir a vontade de Deus, não porque esta estivesse de acordo com a sua, mas, simplesmente, por ser a Vontade d'Ele.

No meio das suas provações corporais ou espirituais, era bastante que alguém, na sua presença usasse esta expressão: “a Vontade de Deus”, para ela exultar de alegria. Para ela, a maior prova da presença de Deus, em alguma alma, consistia no desejo sincero de cumprir a sua Santa Vontade. Foi este o ensinamento profundo, que ela legou às suas filhas espirituais, declarando-lhes que bem depressa chegariam à mais alta perfeição, se procurassem fazer tudo, com o único intuito de cumprir a Vontade divina.

De outro lado, a alma amante deve odiar tudo quanto desagrade ao Amado. Daí, podemos compreender o grande horror que Santa Maria Madalena tinha a qualquer pecado. A só palavra: ‘pecado mortal’ lhe enchia a alma de terror. Ela exclamava: “Será possível que uma alma cristã seja capaz de ofender a Deus tão gravemente?” Quinze dias antes da sua morte, ela declarou que ia deixar este mundo, sem jamais ter conseguido compreender como é possível que uma criatura racional cometa um pecado mortal contra seu Criador.

Este seu amor a Deus e ódio ao pecado ela procurava incutir e comunicar a todas as almas, especialmente às suas filhas. Ela queria ter percorrido o mundo e morrido milhares de vezes com este único fim: procurar promover a maior glória de Deus. Gemendo, ela exclamava que não podia compreender que tão poucas almas procurem realmente esta glória.

Foi esta a união constante da alma com Deus que a Santa Madre ensinava às Noviças. Elas lhe replicavam que tal união era coisa muito difícil, para não dizer, impossível. A sua resposta era que elas teriam razão, se entendessem sob tal expressão ou terminologia, a união atual, mas não, se entendessem, sob a mesma, a intenção de procurar, em tudo, a glorificação de Deus.

Embora fossem enormes as chamas de amor que a Santa soube acender nos corações das suas filhas e demais religiosas, nenhuma delas pôde ser comparada com ela mesma. Do seu próprio coração prorrompia uma como que labareda de fogo! Quando, por ocasião dos êxtases, Deus lhe fazia o favor de desvendar o Amor divino para com as criaturas tão mesquinhas, que são os homens, Maria Madalena não se continha mais, externando os seus sentimentos, com as palavras mais sublimes e comoventes. Citemos um só exemplo. “Ó Deus! Ó Amor! Ó Amor! Que amais às vossas criaturas com amor tão terno! Ó Deus de amor! Não nos amais mais ainda: Basta! Chega, ó meu Jesus! O vosso amor excede a toda medida e todo limite. Ele é desproporcionado, já não digo com a vossa grandeza, mas com a nossa

mesquinhez! Meu Senhor, e meu Deus! Porque me amais tão ternamente, a mim, que não sou mais do que uma indigna criaturinha!”

Em um dos seus êxtases, dirigindo-se às religiosas presentes, ela disse, mostrando-lhes o Crucifixo: “O meu Jesus não é outra coisa, senão Amor. Sim, e digo mais: Ele é louco de amor”. Continuando a sua conversa, ela disse a Nosso Senhor: “Vós o ouvistes: eu Vos declarei louco de amor. Ainda o repito e repetirei sempre: Sois louco de amor, e ao mesmo tempo, sois todo amável e agradável”.

O fogo que ardia dentro do seu coração, tornava-se por vezes, tão veemente que, mesmo nos rigores do inverno, ela se via forçada a beber água fria, em grande quantidade, e a humedecer os seus braços e o seu rosto. Ela sentia-se como que acesa e devorada por aquele incêndio interior. Nestas ocasiões, ela levantava os seus olhos ao céu e exclamava: “Basta, meu Deus, basta! Não posso suportar mais este ardor!”

Por ocasião de uma festa da Santa Cruz ela entrou em êxtase, e tomando o seu Crucifixo, começou a externar os seus sentimentos, dizendo: “ Ó Amor, Ó Amor! Quão pouco sois conhecido e amado! Se não puderdes encontrar neste mundo, um lugar de repouso, vinde ao meu coração todo e inteiro... ó almas criadas pelo Amor, por que motivo não amais o Amor?” – As pessoas que estavam presentes a tais transportes, sentiam-se, por sua vez, animadas e inflamadas.

Daqueles atos de amor foram feitos apontamentos que se encontram, ao menos parcialmente, no opúsculo já citado.

CAPÍTULO XVII

O grande desejo, que Santa aia Madalena tinha de receber a Santa Comunhão – Ela comunicava este desejo aos outros.

O terno amor de Maria Madalena para com Jesus Cristo fazia com que ela desejasse ardentemente unir-se com o Esposo Divino. Como já vimos, ela experimentou aquela fome devoradora desde a sua infância. Depois da sua entrada para o Mosteiro, ela comungava diariamente, a não ser que uma doença muito grave a forcesse a tomar remédios. Mesmo quando a febre a tornava tão fraca, que ela dificilmente se mantinha em pé, a Santa levantava-se, de manhã cedo, a fim de poder receber a Santa Comunhão, juntamente com as outras Monjas, embora a sua cela se achasse muito distante e ela tivesse que subir três escadas, para chegar ao lugar. Ela desistia de fazer isto somente quando as outras tinham que carregá-la nos braços. Nesta única condição, ela consentia em receber a Santa Comunhão, no seu leito. Isto, porém, não acontecia sem que ela tivesse que fazer um grande esforço sobre si mesma, porque a seu ver, era grande irreverência aceitar tais provas de benevolência do seu Amado. Houve uma época em que lhe era impossível tomar, por ocasião da refeição noturna, alimentos suficientes para sustentar a sua grande fraqueza. Era necessário então fornecer-lhe comestíveis de três em três horas; porque, em caso contrário, os acessos de fraqueza e de tosse se tornavam excessivos. Mas, a fim de não se ver privada do Pão dos Anjos, ela suportava estas coisas até ao momento em que o confessor vinha dar-lhe a Santa Comunhão. Se uma das suas irmãs queria, neste caso, dar-lhe algum alimento a fim de aliviar os sofrimentos, a santa

respondia: “Estou mais necessitando do alimento espiritual de que do alimento material. E meu Jesus merece sacrifícios bem maiores do que este. É verdade, que não experimento qualquer consolo sensível, por ocasião das minhas comunhões, porque o meu Jesus me privou do mesmo. Em todo caso encontro na Comunhão a paz e o sossego para o meu coração. Além disso, é ela o meu único alívio, no meio dos meus sofrimentos”. O Santíssimo Sacramento lhe restaurava até as forças físicas, muito mais do que os alimentos e os remédios.

A veemência do seu desejo de receber a Santa Comunhão a fazia entrar em êxtase. Acontecendo que, por ocasião do sinal da Comunhão, ela se achava em algum local muito afastado da Capela, a Santa corria para lá, com a rapidez dum relâmpago sem deixar de lado o trabalho, com que estava ocupada no momento. Assim, por exemplo, ela comungou um dia, com as mangas arregaçadas e tendo nas mãos uma pelota de massa, porque, naquela hora, ela havia estado ocupada na padaria do mosteiro. As suas irmãs fizeram todo o possível para detê-la ou pelo menos, para lhe tirar a massa das mãos. Tudo em vão, porque ela estava extasiada.

A sua Madre Mestra foi, uma vez, a causa involuntária dum grande sofrimento moral para a noviça Maria Madalena. Aconteceu que o Confessor, por não estar passando bem de saúde, atrasou a hora da comunhão. A Mestra, compadecendo-se da fraqueza da sua filha, deu-lhe ordens de ir tomar qualquer coisa. Apenas esta acabara de engolir o primeiro bocadinho, e já ressoou pelo mosteiro, o sinal da chegada do Padre e, por tanto, da Santa Comunhão. Foi um golpe tremendo para Maria Madalena, não por motivos de devoção sensível e corriqueira, mas porque tinha um profundo conhecimento do valor da Santa Comunhão.

Para recompensar à sua esposa, Nosso Senhor deu-se a ela na Santa Comunhão, de uma maneira milagrosa. A primeira vez foi na Quinta Feira Santa do ano de 1585; a segunda, na Festa de Santo Alberto do mesmo ano, e a terceira novamente na Quinta Feira Santa do ano 1592. As superiores haviam percebido qualquer coisa extraordinária, por ocasião dos êxtases, e obrigaram à Santa a comunicar-lhes o acontecido.

A piedade e a humildade com que ela se preparava à recepção do Santíssimo Sacramento, era uma coisa sem par. A viveza da sua fé lhe iluminava o espírito, com clarões tão profundos sobre a infinita grandeza e majestade de Deus, oculto sob as sagradas Espécies, e da sua própria abjeção e mesquinhez de criatura, que por vezes lhe faltava a coragem necessária para receber tão augusta dádiva divina. Somente a lembrança do Sangue de Jesus, por ela derramado, lhe dava ânimo.

Durante o dia, ela acostumava fazer muitas visitas a Jesus Sacramentado para lhe dizer todos os seus afetos de amor e gratidão. Geralmente, ela ficava a uma grande distância. Acontecendo-lhe, porém, que enxergava as Sagradas Partículas através da âmbula, ela aproximava-se o mais possível das grades do coro. A uma das religiosas, com a qual era muito íntima, ela chegou a dizer, um dia: “Ó minha irmã, se soubesse como eu me sinto intimamente satisfeita, certamente estaria muito contente e participante da minha alegria!” Interrogada pelo motivo da sua alegria, Maria Madalena respondeu: “É que o nosso Pe. confessor pretende fazer a exposição do Santíssimo durante um dia inteiro! Que alegria! Que favor!”

Embora acostumada à Comunhão diária, a Santa deixou de recebê-la uma vez. Este fato deu-se, quando ela, decorrida uma semana, não encontrou oportunidade para se confessar, ainda que a sua consciência estivesse tranquila. E ela declarou, então: “Ó como deve ser puro o coração para se receber nele tão grande Hóspede!”

O ardor do seu amor fazia com que ela desejasse muito que as outras religiosas, mormente as da sua comunidade apetecessem grandemente este alimento sobrenatural, tanto para a glória de Deus, como para a própria santificação. Chegando, a saber, que uma das suas companheiras havia perdido a Santa Comunhão por motivos de somenos, ela derramou lágrimas, e, tendo oportunidade de se dirigir à mesma, ela procurava convencê-la do erro cometido, dizendo: “Não sabe, minha irmã, de que grande bem te privaste hoje não recebendo a Santa Comunhão, e que grande prejuízo causaste ao amor de Jesus!”

Além disso, ela exortava as suas irmãs a que em união com ela, pedissem a Nosso Senhor a graça de ver estabelecido no seu mosteiro, até ao fim do mundo, o costume da Santa Comunhão frequente, mesmo diária. Um dos seus motivos era que, a seu ver, a boa disciplina ou observância regular que reinava na comunidade, devia ser atribuída a este santo costume. Era o que ela afirmava frequentemente. Às suas noviças, que perguntaram qual era o melhor modo de se preparar a Santa Comunhão, a Santa Madre respondeu: “Antes de tudo, deveis considerar atentamente que é o próprio Deus, a quem se recebe neste sacramento; e, em seguida, aproximai-vos dele, com as devidas disposições de pureza de coração, de humildade e de lembrança da sua Paixão”. Ela acrescentou ainda: “continuai a vossa ação de graças a Deus pela comunhão recebida, até a hora das vésperas, e desde aquela hora preparai-vos à comunhão de hoje é a melhor preparação à do dia de amanhã. Pra este fim, ofereci a Deus todos os trabalhos do dia, com o espírito de gratidão e de amor, e com o desejo de vos tornar agradáveis a um Senhor e Mestre tão bom. Fomentai, em vós, o desejo ardente de poder tornar a todos os corações sedentos desta água viva, da qual a comunhão é a fonte. Lembrai-vos de que a ação à qual vos preparais, é a maior que podeis realizar neste mundo, pois, trata-se de receber ao Deus de toda Majestade”. Finalmente, ela recomendava como preparação à Santa Comunhão, a mais terna e a mais generosa caridade fraterna para com as companheiras de vida claustral.

Em outras ocasiões, esta Mestra fazia às suas filhas lembrar-se das horas que as separavam da Comunhão seguinte, e acrescentava que uma só comunhão bem feita seria suficiente para a santificação total duma alma. Infelizmente, porém, as almas não consideravam bastante a grandeza daquela ação, durante a qual o próprio Deus continua velar, a sua própria vida, a sua Vida Trinitária.

Mediante todas estas instruções e considerações, Santa Maria Madalena conseguia atear e alimentar nos corações das suas alunas, o fogo sagrado da devoção eucarística.

Além do que, ela não permitia que as suas noviças se entregassem às suas ocupações diárias, logo depois da Comunhão, mas exigia que elas continuassem, durante um razoável prazo de tempo a ação de graças, oferecendo ao Hóspede Divino as suas adorações, os seus louvores, apresentando-lhe as suas próprias necessidades e as das almas, da Igreja toda. A melhor ação de graças, conforme ela, não se encontra nos livros, mas no próprio coração de quem comungou.

Para recompensá-la, Nosso Senhor de vez em quando, mostrava à Santa Maria Madalena, o fruto da Santa Comunhão, produzido nas almas das noviças.

CAPÍTULO XVIII

Maria Madalena conhecia e praticava um grande amor ao próximo e um idêntico zelo pela salvação das almas.

O amor que a nossa Santa tinha ao próximo era ilimitado. A esse amor correspondia o seu zelo pela salvação das almas. Esta é a razão por que ela empregava, prazerosamente, todas as suas forças físicas e morais, a favor do próximo, não recusando frente a qualquer dificuldade, contanto que lhe pudesse ser útil, sob qualquer aspecto. Nisto, porém, ela não se deixava guiar por nenhum motivo de ordem natural. Em certas ocasiões, ela chegou a declarar: “Se eu amo ao próximo, então é porque Deus o fez à sua imagem e semelhança e porque Nosso Senhor Jesus Cristo o amou a ponto de dar o seu Sangue por ele. Como tenho inveja dos pássaros que podem voar onde bem entendem. Ah! quem me dera azas como eles tem! Quem me dera poder voar, por toda parte e, sem prejuízo dos meus votos e do meu estado religioso, partir para as Índias! Lá, eu haveria de chamar em redor de mim os filhos destes pobres infiéis, a fim de ensinar-lhes os princípios fundamentais da nossa Santa Fé, comunicar-lhes o conhecimento de Nosso Senhor e conduzi-los a Ele”.

Este seu desejo era tão ardente que até durante seu sono ela não cessava de falar da conversão aos pagãos. Quando no refeitório se fazia a leitura de cartas provenientes das Índias ou do Japão, e pelas quais se comunicava o martírio dalguns Jesuítas, transparecia no rosto da Santa o grande desejo que ela alimentava de poder participar dos trabalhos apostólicos e dos sofrimentos destes heróis. Por ocasião duma leitura dos feitos gloriosos de São Francisco Xavier, ela dirigiu as suas noviças esta exortação: “Peçamos a Deus a conversão de algum infiel, e, para este fim, ofereçamos todo o bem que nos for possível realizar hoje, ou melhor ainda: peçamos a Deus que se digne de dar a graça da conversão a tantas almas, quantos passos nós dermos hoje, ou quantas palavras pronunciarmos por ocasião do Divino Ofício!”

Era desta forma que a Madre acendia e ateava nas almas das suas filhas o fogo do zelo pela glória de Deus e salvação das Almas.

Em certa ocasião, ela disse: “Se Nosso Senhor me perguntasse, como fez a Santo Tomás de Aquino, qual o prêmio que eu espero da Sua bondade, eu lhe responderia: A Salvação das Almas!” Gostaríamos de afirmar que ela não deixava passar uma hora sequer sem se preocupar com este problema tão urgente, quão importante. Tendo sido interrogada por que estava derramando copiosas lágrimas, a Santa Madre respondia: “É porque eu estou levando uma vida ociosa, sem realizar a mínima coisa em prol do serviço de Deus e da salvação das almas!”

Às suas companheiras de vida claustral ela dirigia esta exortação: “Não nos deixemos vencer em generosidade pelos seculares, os quais muitas vezes nos dão tantas provas de zelo pela salvação das almas. Quem sabe se algumas destas não deixam de se converter por causa da nossa falta de generosidade. Teremos que prestar contas a Deus, não somente do mal cometido, como também do bem omitido!”

O que ela pedia a Deus, por ocasião das suas múltiplas visitas diurnas e noturnas ao Santíssimo Sacramento, era justamente a conversão e salvação das almas. E as suas orações ela acrescentava tremendas disciplinas e penitências.

Se lhe interessava muito a salvação e santificação das almas, quanto mais a daquelas que devem ser o sal da terra e a luz do mundo. Chegando a saber que alguma alma sacerdotal se tornara infiel a sua sublime dignidade e vocação, ela redobrava as suas orações e penitências.

A pessoa e o ofício pastoral do Papa lhe eram coisas particularmente caras. Num dia de Pentecostes, ela perguntou a uma das suas Irmãs se esta tinha rezado pelo Santo Padre. Tendo recebido uma resposta negativa, a santa reagiu dizendo: “Olhem, que bela esposa de Jesus Cristo. Nem se lembrou de rezar pelo Vigário de seu Esposo!”

Se o amor generoso se estendia tanto às pessoas, estranhas à sua comunidade, que dizer, então da sua caridade fraterna praticada para com as da sua família religiosa? Todas elas ocupavam um lugar enorme no coração da Madre Maria Madalena. Geralmente dava-se-lhe o nome de: a Madre Caridade ou simplesmente a Caridade do Mosteiro.

Esta sua caridade fraterna, porém, não era uma manifestação fingida, ou uma inclinação natural do coração. Ela era sincera, sobrenatural e purificada de qualquer interesse pessoal. Para Maria Madalena valia tão somente a alma do próximo.

De todos os modos a Madre Maria Madalena socorria as demais religiosas nas necessidades espirituais e corporais. Se para um determinado mister caseiro faltava o pessoal entendido no assunto, ela ia aprender o ofício a fim de poder auxiliar. Vendo que uma das religiosas estava triste, ela ia-se lançar aos pés da Virgem Maria, rezando por aquela alma até que voltasse a reinar a serenidade. Ela era muito mais sensível aos sofrimentos alheios do que dos próprios, mesmo quando pessoalmente estava doente. Durante aqueles cinco anos de provas terríveis, ou por ocasião da sua derradeira doença, ela não conhecia maior consolo do que ajudar as outras de todas as maneiras. Uma das suas máximas era que a alma deve estar pronta a sacrificar até a própria oração para poder auxiliar a quem sofre do corpo ou da alma. Em certa ocasião, ela já tinha iniciado o seu retiro espiritual, mas interrompeu-o imediatamente a fim de poder consolar uma Irmã muito acabrunhada. A uma outra Religiosa, que parecia escandalizada com este procedimento, a Santa respondeu: “Abandonei a Deus por Deus”.

A sua caridade brilhava mais em relação a três categorias de pessoas: as Noviças, as Irmãs leigas e as doentes. Quanto às Noviças, pode-se afirmar que o trato da Madre era tão afável, tão terno, que ela poderia realmente passar por Mãe das mesmas. A todas as necessidades corporais e morais das jovens ela acudia e socorria com uma bondade extrema. Durante os doze anos que exerceu o cargo de Mestre ela não poupou nenhum esforço para ensinar as suas filhas a prática das virtudes cristãs e da perfeição religiosa. Sabendo que os seus êxtases aumentavam, por ocasião das grandes festividades, ela antecipadamente providenciava tudo a fim de que não faltasse nada às suas pupilas. E mesmo durante os êxtases não se esquecia delas.

Adoecendo alguma das suas filhas, a Santa zelava e velava dia e noite. E isto com tanta bondade, doçura e prontidão que as próprias jovens chegavam a afirmar que nas suas respectivas casas paternas dificilmente teriam tido um trato igual.

E que dizer dos serviços prestados por Maria Madalena às Irmãs Leigas? Incalculável o número dos trabalhos por ela realizados a fim de aliviar as mesmas. Para poder ser prestimosa, ela fatigava em extremo o seu próprio corpo. Sozinha prestava mais serviço do que quatro Irmãs Leigas! Durante seis anos ela ajudou a uma na padaria. Para tanto levantava-se cedo, começava a amassar o pão, acendia o fogo, enfornava os pães. E não foi unicamente na padaria que ela trabalhou. Ora, era na lavanderia; ora, na sala de costuras; ora, em qualquer outra oficina que as Irmãs encontravam o serviço já feito, ou bem adiantado. Para isto a Madre sacrificava o seu repouso e todas as suas forças físicas tão minguadas. É lícito afirmar que não havia no Mosteiro uma Religiosa de quem ela não se fizesse empregada.

E que dizer de sua caridade para com as enfermas? O único ofício capaz de provocar os seus ciúmes era o de enfermeira! Ela exclamava por vezes: “Quem me dera eu poder ser enfermeira! Como havia de tratar, confortar e consolar os pobres doentes! Que serviços havia de prestar-lhes! Mas, agora que sou superiora, o meu cargo não me permite fazer isto!” ainda assim, ela não deixou passar nenhuma oportunidade que lhe oferecia para ajudar, aliviar e consolar, de todos os modos, as doentes e convalescentes. Estando ela mesmo doente, procurava privar-se de guisados e quitutes especiais, em benefício de outras doentes.

Uma Monja de nome Maritas ficou cega e tísica. Durante um ano, Maria Madalena prestou-lhe os serviços imagináveis. Chegando a doente ao extremo, a Madre não se afastou mais do leito da moribunda durante dez dias e dez noites. Interrogada pela Madre Priora, porque ela procedia daquela forma, a Santa respondeu que Nosso Senhor lhe aparecera dizendo que se quisesse prestar serviço agradável a Ele, o fizesse a favor da Sua esposa.

Com a mesma constância, ela assumiu a uma outra Religiosa a qual sofria de uma grande ferida na perna que exalava um cheiro insuportável. A Santa, conforme revelação da própria doente, chegou ao extremo de pousar seus lábios sobre aquela ferida fétida.

Os seus cuidados, porém, não se estendiam exclusivamente as necessidades corporais das enfermas. A estas ela prestava todo o auxílio espiritual e moral de que precisavam. Consolava-as, animava-as mediante leituras ou conselhos espirituais. As próprias doentes, sentindo que vinha chegando ao fim, faziam questão de serem assistidas pela Santa. Esta nunca se negava. Mesmo doente ela ia ainda que fosse carregada por outras. Permanecendo com as moribundas até ao momento do desenlace.

CAPÍTULO XIX

Conselhos e avisos recebidos por Maria Madalena

Ensinada por uma luz divina, a Santa Madre deixou entre seus apontamentos vários ensinamentos a respeito do seu proceder pessoal. Assim, por exemplo, viemos a saber como ela iniciava seu dia, mediante vários atos de adoração de louvor ou de oferecimento em honra da Santíssima Trindade, do Verbo encarnado ou da Virgem Santíssima. Além disso, vários propósitos ou pedidos de força e luz para poder e saber observar uma perfeita observância religiosa.

Quanto a este último ponto, encontramos entre os apontamentos ou avisos o relato dum êxtase, durante o qual o próprio Deus lhe ensinou que em todas as comunidades religiosas deveriam ser feitos os seguintes cinco pedidos:

1º A união com Deus e com o próximo, mediante os laços suaves da caridade;

2º A observância perfeita do Voto de Obediência;

3º Superiores que fossem conforme o coração, o desejo de Deus;

4º A prática austera da Santa Pobreza;

5º A graça de todos os Religiosos compreenderem a importância de uma abnegação completa e da observância dos menores preceitos da disciplina regular.

CAPÍTULO XX

Profunda humildade da Santa

Entre as muitas virtudes praticadas por Maria Madalena e que a tornaram agradável aos olhos de Deus e dos homens, destacaremos a sua humildade. Esta transparecia em todas as suas palavras e ações. Cheia do desprezo mais profundo para com a sua própria pessoa, ela considerava-se sinceramente como a mais ignorante, a mais desprezível, a mais abjeta Religiosa da casa e como a maior pecadora do mundo. Disto ela estava tão profundamente convencida que não era capaz de compreender como Nosso Senhor, os Anjos e os Santos a poderiam suportar.

Por vezes ela chegava a perguntar a qualquer uma das suas companheiras: “Que a Senhora diria se a terra se abrisse debaixo dos meus pés e me tragasse?” e isto não era nenhum belo dizer de sua boca, mas, tão somente, a tradução exterior da sua convicção íntima. Cada vez que via a Madre Priora se aproximar, ela pensava que fosse para dizer-lhe: “Irmã Maria Madalena: deixa esta casa e volta para seus pais, porque a senhora não é digna de viver numa sociedade tão santa, composta de esposas dignas de Jesus Cristo!” toda trêmula, ela entrava no coro: porque julgava-se indigna de comparecer na presença de Deus e de entoar os seus louvores em companhia da madre e Irmãs, que aos seus olhos eram grandes santas.

Falando das mesmas, ela sempre exaltava as virtudes e boas obras que descobria nas suas companheiras. A sua humildade fazia com que se julgasse eivada de todos os defeitos, indigna de viver num lugar tão santo e de desempenhar funções tão sublimes como a recitação

do Ofício coral. Durante as Horas Canônicas, ela conservava um porte todo humilde porque receava que as suas Irmãs descobrissem naquele momento todas as suas faltas. Para com aquelas que a tinha admitido, ela considerava-se muitíssimo obrigada e penhorada, chegando mesmo a beijar as pegadas dessas Religiosas. Descobrimo em qualquer Monja algum defeito, ela dizia que os seus próprios não eram nada menores. Quando se lhe fazia o pedido de rezar por determinado pecador, protestava: “Ai de mim! Rezo pelos outros, mas praza a Deus que eu mesma não me torne pior do que eles!”. Em outras ocasiões, ela dizia: “Não há crime, por maior que seja, que eu não seria capaz de cometer, se Nosso Senhor afastasse de mim a sua graça!”. Ela exagerava tanto as suas faltas que quem a conhecesse seria capaz de julgá-la uma péssima Religiosa.

Durante o ano 1602, foi admitida ao Noviciado uma jovem fidalga, dotada de grande bom senso e de prudência. Por isso, ela soube avaliar imediatamente os merecimentos e as virtudes da Sua Mestra, dando-lhes muitas mostras do seu respeito e amor. A Santa Madre, descobrimo estas coisas, procurou uma oportunidade para tirar de sua filha esta afeição. Lembrou-se de contar a esta Noviça todas as tentações e lutas horríveis que ela tivera que suportar durante cinco anos. Logo foi pedir licença à Madre Priora. Esta não quis saber dum tal expediente. Santa Maria Madalena recorreu ao Confessor o qual deu o seu consentimento. Cheia de alegria, a Madre foi à procura da Noviça e, levando-a para um local afastado, prostrou-se aos pés da jovem. Desfeita em prantos, lhe disse: “Minha filha, desejo que saibas que espécie de Mestra te deram, a fim de aumentar os merecimentos da obediência que me deves em virtude de meu cargo. Peço-te que continues a prestar-me esta obediência, não obstante as coisas que vais saber agora!”

Em seguida a Santa Madre fez uma descrição dos cinco anos de lutas com o poder infernal, em cores tão vivas que a jovem teve a impressão de que as já conhecidas provações e tentações tinham sido verdadeiros pecados da gula, de fingimento, de roubo, de mentira, de infidelidade, de soberba, de sensualidade, de apostasia. E, durante toda aquela enumeração, a Madre não cessava de derramar copiosas lágrimas, declarando, ainda, que se Deus a tivesse deixado no mundo, ela por certo teria sido condenada à decapitação. Exaltou em seguida a caridade e a penitência com que as Religiosas do Mosteiro tinham suportado todas estas tremendas. “Veja minha filha”, assim ela terminou: “que bela Mestra é a tua. Reza por mim para que Deus não me condene ao inferno, como tenho merecido!”

A Noviça ficou perturbada, sem saber o que pensar de tudo isto. A primeira ideia que lhe veio foi esta: se a minha Madre foi realmente pecadora tão grande, Deus não deixaria de ser-lhe propício, tendo em vista, particularmente, esta humilde confissão. Em seguida, ela fez um balanço de todos aqueles horrendos crimes mencionados pela Madre, sem poder acreditar que esta realmente os tivesse cometido, tendo em vista o alto grau de santidade da qual ela dava provas contínuas. Não podendo livrar-se das suas dúvidas, a Noviça, atendendo a um apelo interior, foi ao coro e, prostando-se aos pés de Jesus Sacramentado, disse-lhe: “Senhor, não sei se a minha Madre foi assim como ela mesmo se pintou. O que eu sei é que ela agora é uma fiel serva de Vossa Majestade. E Também que quero conservar o respeito e a veneração que tenho para com ela”.

Apenas pronunciada estas palavras, voltou-lhe a paz do espírito e ela compreendeu que a sua Madre, levada por profunda humildade, queria ser considerada como uma grande pecadora. Mais tarde, ela foi informada por Religiosas mais idosas acerca daquelas lutas e vitórias da nossa Santa. Esta, pensando ter deixado no espírito da sua filha espiritual uma péssima impressão e um conceito muito baixo sobre a sua própria pessoa, lhe dizia muitas vezes: “Reze muito por mim, porque já sabes o quanto sou devedora para com Deus!”. Um dia a Noviça replicou: “Minha Madre, para ofender a Deus é preciso ter dado o consentimento livre e consciente”. Ao que a Santa respondeu: “Ah sim, mas isto nunca fiz: enquanto eu estava pecando, sempre conservei o desejo sincero de venerar e respeitar a Deus. Sempre amei a meu Jesus que tanto me amou!” foi desta forma que ela se viu forçada a confessar a sua inocência.

Quando se falava de faltas e de transgressões contra a Regra ou Constituições, Madre Maria Madalena fazia confissão pública de culpabilidade. Certa de sua fraqueza, ela pediu a uma Monja que lhe fizesse a caridade de querer observar bem de perto todas as suas faltas e de comunicar-lhe fielmente as más impressões. A Monja, querendo ser-lhe agradável, começou a observar escrupulosamente todo o comportamento da Santa; no refeitório, no coro, na capela. Em todas as ocasiões de vida comum ela estava com os seus sentidos voltados para a Madre. Tudo em vão!

Quando, em outra oportunidade, algumas Monjas, para satisfazer ao pedido da Santa, lhe inventaram coisas que nem tinham aparências de imperfeição, ela dava fé à palavra das suas companheiras e dizia que não tinha reparado nestas suas faltas por causa da sua grande soberba ou ignorância.

Até ao momento da sua morte ela conservou esta profunda convicção de ser uma grande pecadora. Vendo-se forçada pela esperteza das Religiosas ou das Noviças, a reconhecer que ela não cometia pecados, a Santa acrescentava e explicava sempre que isto era devido somente à graça misericordiosa de Deus, sem a qual ela certamente seria a maior e a pior pecadora do mundo. Quanto aos grandes favores sobrenaturais por ela recebidos, ela pôde afirmar, com toda lealdade e franqueza, que estes não lhe causavam qualquer sentimento de vanglória, porque tudo isto era de Deus e exclusivamente de Deus.

CAPÍTULO XXI

Outros exemplos de humildade da Santa

Não somente ela não desejava ter qualquer ofício ou cargo de superioridade, como ainda se julgava indigna destas coisas. Sob este aspecto, ela ensinava a humildade através das palavras e das ações. Em certa ocasião ela perguntou a uma das suas Noviças se esta gostaria de se tornar Religiosa, sob a condição de nunca receber um voto no Capítulo. Quando a jovem respondeu que não, porque ela queria ser Religiosa como todas as demais, a Madre replicou: “Pois bem: eu gostaria muito de viver neste grau de humilhação e, com muito prazer, cederia o meu lugar e o meu voto a quem fizesse melhor uso deles”. Além disso, Maria Madalena era muito cuidadosa em manter ocultas as suas virtudes, pretextando que ela não agia por motivos sobrenaturais, mas por uma inclinação natural. O seu grande prazer consistia em ler a biografia

dos Santos que haviam encontrado meios para passarem despercebidos ou para serem tratados como loucos. E, se isto tivesse sido possível, ela os teria imitado. Tanto no seu estado natural, como nos êxtases, ela não desistia de pedir a Deus a graça de não se manifestarem os favores recebidos. Os seus êxtases causavam-lhe grande confusão. Por esta razão, a Madre Priora costumava mandar embora as outras Monjas quando ela percebia que a extática voltava ao seu estado natural.

Às suas Monjas a Santa proibía que publicassem qualquer boa obra por ela praticada. Na época em que ela andava descalça, entrou uma nova postulante. Imediatamente a Madre começou a usar a parte superior duns sapatos, a fim de que a jovem não percebesse nada. Muitas vezes acontecia que as doentes pediam uma benção da Madre Maria Madalena, ou que a Madre Priora lhe dava ordens de atender a um pedido desta natureza. Em tais circunstâncias ela costumava levar consigo uma outra Monja para poder atribuir ao poder da oração desta o milagre eventual.

Das suas obras e ações ela tinha um conceito tão baixo que não somente pedia perdão a Nosso Senhor por quaisquer coisas, mas também pedia às suas companheiras o grande favor de lhe indicar todos os defeitos possíveis.

Vendo que uma das suas Noviças aceitava, humilde e reconhecia uma repreensão sua, a Santa Madre costumava dizer: “Não se perturbe minha filha, em seu lugar eu teria feito muito pior”. Reconhecendo as boas obras das suas alunas, ela dizia: “Eu não seria capaz de fazer tais coisas”. O seu zelo pela glória de Deus a induzia, por vezes, a dar repreensões severas às Noviças. Se então qualquer outra Monja lhe dizia que tal severidade não faria bem, ela o reconhecia e humilhava-se, confessando: “É mesmo, eu me enganei”.

O trato com os grandes deste mundo lhe causava horror. Em certa ocasião, a duquesa de Bracciano desejava falar com ela. Quando a porteira foi levar-lhe este recado, a Santa exclamou: “Oh! Se esta duquesa soubesse que a Irmã Maria Madalena é a vergonha do Mosteiro, ela, em vez de mandar chamá-la, evitaria de pronunciar o nome da mesma”. A Princesa Maria de Medici, antes de se tornar Rainha da França, escreveu-lhe uma carta pedindo conselhos espirituais. Esta carta causou grande tristeza a Maria Madalena. Vendo, porém, que a Madre Priora desejava que ela satisfizesse ao pedido, a Santa respondeu: “Minha Madre, a Senhora deseja que eu seja tratada como se fosse uma santa, e que, por causa da minha soberba, eu vá para o inferno. Mas, uma vez lá, aquelas grandes damas irão me tirar daquele lugar?”. Antes de partir para França, esta mesma Princesa pediu uma última entrevista com a Madre. Ela quis atender, sob a condição de que a Princesa viesse sozinha.

Quando, porém, lhe davam o aviso de que gente pobre e simples desejava falar com a Madre Maria Madalena, ela mostrava-se contente e alegre. Neste caso não apresentava desculpas.

Já que se considerava como a mais abjeta da Comunidade, ela preferia para o seu próprio uso o que havia de pior em matéria de alimentação, de traje e de serviço. Num prato velho ela colhia os restos da comida deixados pelas suas Irmãs, comendo-os, prazerosamente, no dia seguinte. O hábito mais surrado e mais gasto era para ela. As suas oficinas preferidas eram a lavanderia, a padaria e a cozinha. A sua presença neste último local não deixava de ser

vantajosa para a Comunidade. Como já vimos, a casa, naqueles tempos, era pobre e nem sempre dispunha do necessário para o sustento das Monjas. Quando a Religiosa, encarregada da dispensa, percebia qualquer penúria, ela recorria à intervenção da Madre, pedindo-lhe que alcançasse de Nosso Senhor o necessário para a Comunidade. Esta costumava responder: “Tenha confiança, minha Irmã”. Chegada a hora de distribuir as provisões, a dispenseira via, com grande admiração sua, que não só havia o suficiente, mas até o mais do que isso. Citemos só um fato. Durante o ano de 1587, aconteceu que não havia nem a metade da provisão necessária. Além disso, o tempo reinante estava tão ruim que não havia meio de mandar buscar fora de casa. Colocada diante desta necessidade premente, a Dispenseira recorreu aos bons serviços da Santa. Esta, não querendo passar por milagreira, respondeu: “Vamos nós duas rezar um Pai Nosso e uma Ave Maria, em honra dos nosso Anjos da Guarda, pedindo-lhes que inspirem ao Pai da Irmã Pacífica a ideia de nos enviar o estritamente necessário”. Não obstante o temporal, apresentou-se uma hora depois o empregado daquele senhor trazendo o necessário.

Que dizer mais da maravilhosa humildade da Madre? Basta acrescentar que a só vista da sua pessoa inspirava às outras Religiosas sentimentos profundos de humildade e de desprezo de si mesma. Entre os escritos deixados pela Santa, encontram-se nove práticas de humildade, em honra dos nove coros angélicos. Ela costumava fazer estas práticas com o fim de alcançar por intermédio dos Anjos a virtude mencionada.

CAPÍTULO XXII

A Obediência e a Pobreza de Maria Madalena

Mediante a Profissão Religiosa, a alma consagrada a Deus lhe faz o sacrifício de três categorias de bens. A Primeira é a dos bens exteriores, aos quais ela renuncia pelo Voto de Pobreza; a segunda é a dos bens corporais, aos quais ela renuncia pelo Voto de Castidade; e a terceira é a dos bens internos, dos bens do próprio espírito, aos quais ela renuncia pelo Voto de Obediência. Sendo o objeto deste último o mais sublime e o mais nobre dos três, segue-se daí que a prática perfeita do mesmo, isto é, a virtude da obediência, contribui mais eficazmente para a santificação da alma.

Pode-se afirmar que a obediência da Santa Madre foi uma coisa toda excepcional, porque durante toda a sua vida ela cumpriu perfeitamente, não só os mandamentos de Deus e da Igreja, mas também todas as ordens das pessoas que tiveram qualquer autoridade sobre ela. A começar com seus pais, estes nunca tiveram a mínima dificuldade com ela sob este aspecto. Mais tarde, no colégio, ela nunca deu o menor desgosto às suas mestras. Durante a vida religiosa, porém, a sua obediência chegou às culminâncias da heroicidade. Acostumada a ver na pessoa dos Superiores o próprio Jesus Cristo, ela nunca fez a mínima tentativa de conformar a vontade deles com a sua. Antes, muito pelo contrário, dobrava a sua vontade completamente ao bel-prazer e aos desejos dos mesmos. E isto até em coisas que, por sua natureza, lhe deviam ser desagradáveis.

Esta virtude lhe era tão cara que ela nunca executaria sem o beneplácito das Superiores, qualquer ordem divina, recebida por ocasião de seus êxtases. Eis um exemplo. No dia 21 de maio de 1583, Nosso Senhor, por ocasião dum êxtase, comunicou-lhe que exigia dela um método singular de vida. Ela deveria se alimentar unicamente com pão e água, salvo aos domingos e dias de festa, quando poderia se conformar com a Comunidade. Maria Madalena desconfiando muito de singularidade, não teve pressa alguma em obedecer. No dia seguinte, ela ocupada com a recitação do Ofício, Nosso Senhor repetiu a mesma ordem. A Madre ainda não obedeceu. O terceiro aviso veio no dia seguinte, quando ela estava trabalhando, juntamente com as suas Noviças. Nosso Senhor, então, lhe disse: “Amanhã, comerás somente pão e beberás somente água. Se não me obedeceres afastarei de ti os meus olhares afetuosos; se, pelo contrário, me obedeceres, serás para mim um objeto de complacências como fostes até agora. Mas, se quiseres que esta mortificação me seja muito agradável, faça com que ela seja plenamente voluntária”. Depois deste terceiro aviso, a Santa já não tinha mais dúvidas. Antes de executar a ordem recebida ela foi expor o seu caso à Madre Priora e ao Confessor. Ambos eram de opinião que atrás desta singularidade facilmente podia haver algum engano diabólico, e, por isso, deram-lhe ordens de se conformar com as outras. Eles raciocinavam que, se Deus quisesse realmente estas coisas, Ele daria provas disso. Foi o que aconteceu. Durante o almoço do dia seguinte, quando, por ordem da Madre Priora, foi servida à Maria Madalena a porção costumeira, esta não conseguiu engolir o menor bocadinho, por maiores que fossem os seus esforços para obedecer. A Priora mandou que fosse repetida a experiência por vários dias. Tudo inútil. A Santa não conseguia comer. Vendo nisto a vontade de Deus, a Priora e o Confessor permitiram que Maria Madalena se submetesse a ela.

Tanto era o seu amor à obediência que, mesmo durante seus êxtases, ela se lembrava das ordens recebidas dos seus Superiores e as executava prontamente. Eis um exemplo: quando o Arcebispo de Florença, posteriormente Papa com o nome de Leão X, compareceu ao Mosteiro, a fim de presidir às eleições canônicas, ele chegou a saber que a Madre Maria Madalena durante quinze dias tomara tão somente três refeições. Imediatamente ele lhe deu a proibição de deixar passar 24 horas sem tomar algum alimento. Ela ficou tão bem lembrada desta ordem que, seis meses depois, durante um êxtase de 18 horas, ela disse a Nosso Senhor: “Abreviai o prazo, ó Verbo, por causa da obediência!”. De fato, ela voltou a si antes de terem passado 24 hrs.

Recebendo, durante os seus êxtases, alguma ordem da Superiora, ela obedecia imediatamente, embora fosse insensível a qualquer outra coisa.

Não contente com a obediência prestada aos Superiores, a nossa Santa comprazia-se em obedecer às Religiosas suas iguais. Assim, por exemplo, ela nunca teria feito qualquer trabalho, ainda que obrigatório, sem ter ouvido à sua Madre Priora. Mas, quando estava impedida, Maria Madalena costumava entender-se com qualquer Religiosa e até com uma das suas súditas. Um dia passado sem semelhante ato de sujeição, parecia-lhe um dia perdido. Quando, por ocasião das suas várias doenças, ela se negava a tomar algum alívio ou comestível mais saboroso, por causa de sua grande sede de sofrimento, era bastante pronunciar a palavra obediência para conseguir que ela consentisse. Aos seus olhos, o menor ato praticado por obediência tinha mais valor do que qualquer outro de natureza muito superior.

Se a Santa amava e praticava em tão alto grau a obediência, ela empenhou-se muito também em comunicar este amor às outras, máxime as suas Noviças. E isto por palavras e obras. A uma de suas filhas ela deu o seguinte conselho: “Se desejas angariar muitos merecimentos, com rapidez e sem alarde, não descuide da prática salutar da obediência. Não conheço meio mais eficaz para fazer morrer a natureza e para viver sobrenaturalmente”. Em outra ocasião, ela declarou: “A verdadeira obediência não suporta a vontade própria, em nenhuma coisa, por mais santa que esta seja... o amor próprio, pelo contrário, é incapaz de obedecer”. Para confirmar os seus ensinamentos, ela costumava citar a célebre passagem de São Paulo (Fl 2,8-11) onde o apóstolo ensina que a glorificação celestial do Salvador é proposta como prêmio da sua obediência.

Outros ensinamentos e sentenças da Santa, a respeito desta virtude, encontram-se entre os seus Avisos.

À prática da obediência, Maria Madalena acrescentou uma generosa pobreza. Já desde antes de sua entrada na vida religiosa, ela costumava repetir com o Apóstolo que considerava os bens deste mundo como imundície, a fim de lucrar a Cristo Jesus. Uma vez dentro do Claustro, ela queixava-se amarga e amorosamente dos cuidados que as Superiores lhe dispensavam, com o fim de poder provê-la do necessário, dizendo: “As coisas são arranjadas de tal forma que certamente hei de morrer sem jamais ter praticado e experimentado a pobreza!”. Querendo contentá-la, as Superiores, por vezes, permitiam que lhe faltasse algum alívio realmente necessário. Em tais ocasiões a Santa exaltava de alegria, como naquele dia em que a Irmã dispenseira se esqueceu de fornecer-lhe o pão.

E se ela sacrificava com tanto prazer o necessário, estava muito longe ainda de amar o supérfluo. Embora extremamente caridosa, ela não suportava este defeito em qualquer pessoa religiosa. Quanto à sua própria pessoa, ela examinava com muita regularidade a sua cela para ver se não havia algum objeto desnecessário. Em caso afirmativo, procurava desfazer-se disso imediatamente. Assim, por exemplo, ela procedeu com um pedaço de pano que a própria Priora lhe dera para consertar o hábito.

Por vezes, ela tomava nos seus braços o Crucifixo e chegando aos locais mais pobres do Mosteiro, prostrava-se no chão exclamando: “ó Jesus! Quão ditosa eu seria se, por amor de Vós, faltasse a este corpo o alimento e o agasalho necessários, e se, então, como prêmio e consolação, caísse sobre mim toda a espécie de insultos e exprobrações. Nestas condições, eu seria, dalgum modo, pobre”.

O melhor espelho da sua pobreza era a cela onde a Santa meditava, um enxergão, um crucifixo e um livro contendo o Santo Evangelho. Era todo o seu mobiliário.

Certa ocasião, ela descobriu dentro da cela uma porção de alfinetes. Imediatamente, ela disse: “Olhem é o bastante para mim”, e levou o resto para a rouparia.

Quando se lhe deixava liberdade, ela escolhia entre os alimentos o que havia de pior, ou os restos.

Um dos cuidados mais assíduos desta Madre Mestra consistia em ensinar às suas Noviças o amor e a prática da pobreza. Para este fim, ela examinava, muitas vezes, as celas do

Noviciado, fazendo desaparecer o que lhe parecia supérfluo ou gosto pelo luxo. Assim, por exemplo, ela tirou de uma Noviça um santinho representando os Anjos, porque em redor a jovem havia pintado uma lista dourada. Percebendo que qualquer uma delas gostava muito de roupa nova, a Madre fornecia velha.

Uma outra deixava de usar o véu que a Santa lhe dera. Indagada pelo motivo, a moça respondeu com franqueza que aquele trapo velho não era lá muito de seu gosto. A reação da Mestra foi uma repreensão tremenda por causa desta sensualidade inaudita, e a penitência de, durante determinado prazo, fazer-lhe o pedido diário de um véu ainda mais gasto. E isto na presença de todas as Noviças.

Expedientes semelhantes a Santa tinha à mão quando alguma Noviça ousava queixar-se da comida mal preparada.

Ela ensinava ainda que Religiosas deviam marcar todas as suas ações como sinete da pobreza, assim como os nobres e grandes deste mundo marcam seus bens com o brasão de armas.

Somente para os doentes ela admitia exceções por acusa da caridade que se lhes deve. Ainda assim, a Santa zelava para que os cuidados dispensados às doentes ficassem dentro dos limites do espírito de pobreza.

Mesmo durante os seus êxtases, ela não deixava de recomendar e apregoar a Pobreza Religiosa!

Tendo chegado a saber que certos Religiosos se gloriavam da pobreza do seu estado, enquanto se queixavam dos defeitos da mesma, ela exclamou: “Ó cegueira das criaturas! Ó espírito religioso, como és pouco conhecido!... Aqueles Religiosos pretendem angariar merecimentos, dentro do seu estado de pobreza, mas, de fato, eles não encontrarão outra coisa senão a sua condenação eterna, porque no meio das provações, eles conservam o espírito de propriedade!”

Para ela, estavam seguras da salvação eterna as almas religiosas, às quais, em virtude da obediência e das disposições dos Superiores, nada faltava, enquanto se devia duvidar da salvação daquelas que, embora exteriormente pobres e miseráveis, conservavam o desejo de possuir o espírito de propriedade.

O que ela mais elogiava e recomendava às suas Irmãs era a perfeita vida comum sob este aspecto: o que ela mais recriminava era a prática de particularidade na observância da pobreza.

CAPÍTULO XXIII

Pureza Angélica de Maria Madalena

Como já vimos, nossa Santa fez na idade de dez anos o voto da virgindade perpétua, renovando este voto solenemente no dia da sua Profissão Religiosa. Ela foi tão fiel na observância deste voto que na hora suprema ela pôde declarar: “Eu penso nunca ter cometido qualquer falta contra esta virtude tão delicada, e nem sei mediante que espécie de pecados ela é prejudicada”. Pois bem, esta santa inocência ou ingenuidade é tanto mais admirável porque o demônio, durante dois daqueles anos de lutas e provações tremendas, não cessou de dirigir os seus ataques ou assaltos contra os sentidos da Santa. Como, então, será possível que estas tentações nem sequer lhe deixassem impresso o conhecimento do pecado? Deus permitiu que a própria Santa, no dia de sua morte, nos deixasse a explicação necessária, dizendo: “Quando percebi aquelas tentações humilhantes, entendi imediatamente que estava em luta com um inimigo feito de fogo, porque que sentia que o meu íntimo estava como que incendiado. Nunca, porém, cheguei a compreender qual era o intento do demônio neste particular. Tudo quanto sei é que o meu espírito pouco acostumado a coisas sensíveis e sempre voltado para Deus, repelia estas coisas com prontidão e segurança”. A sua humildade certamente teria encoberto estas lutas tremendas, bem como a vitória milagrosa e final, obtida mediante a intervenção da Virgem Santíssima. A obediência, porém, fez com que ela deixasse o relato deste fato; como já vimos, anteriormente, quando se fez uma descrição rápida da luta de cinco anos, sustentada pela Santa Madre.

Todos quantos tiveram a ventura de conhecer pessoalmente a nossa heroína nos deixaram testemunhos eloquentes da sua pureza virginal. Os seus primeiros biógrafos afirmam que ela parecia menos uma criatura humana, os seus gestos, o seu porte denunciavam a sua pureza. Uma palavrinha sua sobre esta virtude, infundia aos que tiveram a felicidade de conhecer grande amor e afeição à mesma. Mas, quem seria capaz de dar-nos uma ideia pálida dos afetos que ela mesma nutria para com esta virtude angélica? O que transparecia, no seu exterior, deve ser considerado com reflexo fraco e apagado do seu interior. Pois bem, do seu corpo emanava um perfume delicado, não parecido com qualquer outro conhecido, e este perfume espalhava-se por toda a parte onde ela se encontrasse. Assim, por exemplo, o leito da enfermaria sobre o qual ficou deitada os últimos três anos de sua vida, exalava antes um mau cheiro. Depois, porém, deste mesmo leito desprendia-se continuamente um agradabilíssimo perfume sem par!

As suas companheiras de vida claustral sentiam-se confusas quando, na presença dela, e duma maneira impensada, não observavam todo o decoro religioso. E mesmo antes de comparecerem na presença da Santa, elas costumavam examinar a sua consciência. As que se achavam assaltadas por tentações contra esta virtude sentiam-se aliviadas e sossegadas quando tratavam com a Madre Maria Madalena. Algumas chegaram a declarar que bastava tocar no hábito dela ou entrar no compartimento onde a santa se encontrava, ou dirigir o seu olhar sobre a sua pessoa.

Tanto por suas palavras como por suas ações, Maria Madalena recomendava, cultivava e glorificava a prática da pureza ou castidade perfeita. Embora a Santíssima Virgem lhe tivesse assegurada que ela, durante toda a sua vida, havia de conservar intacto o lírio da pureza, não deixava de empregar todos os meios necessários para esta conservação. Assim sendo, ela em primeiro lugar, recebia diariamente a Santíssima Comunhão para este fim. O segundo meio era o desapego de todas as criaturas. Pouco antes de morrer ela pôde declarar, às Religiosas que se

achavam presentes, que sempre tivera um grande amor às criaturas racionais, mas, unicamente, com o fim de cumprir o grande preceito evangélico e de imitar a Jesus, o qual tanto nos amou. E ela acrescentou ainda que o seu coração nunca conhecera qualquer apego desordenado. Da mesma forma, ela cortava dos corações de suas filhas espirituais a mínima afeição natural que estas lhe pudessem ter.

O terceiro meio consistia em manter unicamente conversações espirituais. Ela costumava falar tão somente de Deus e de coisas espirituais, tanto assim que nem permitia que as suas Novças falassem do respectivo lugar de origem ou de parentesco. Muito menos de outras coisas.

O quarto meio consistia em evitar qualquer contato físico com outras pessoas. Ela, da sua parte, não tocava em ninguém. Também não permitia que outras tocassem na sua pessoa; a mão ser quando, por ocasião das suas graves doenças, ela teve que ser tratada por algumas Religiosas. Ainda assim, ela exigia e inspirava sumo respeito.

O quinto meio era a fuga da conversação com pessoas seculares. Ela evitava o locutório o mais possível; porque, naquele lugar, havia só colóquios com seculares, sendo que Sacerdotes e Religiosos eram atendidos em outro local. A única coisa capaz de levar à Santa Madre ao locutório era a obediência. Quanto a ela, teria preferido passar o tempo gasto no locutório, no purgatório. Era este, aliás, o nome que ela costumava dar ao locutório.

Por esta mesma razão, ela evitava qualquer correspondência epistolar com pessoas seculares. Conservam-se umas poucas cartas de Maria Madalena, porque esta escrevia somente por ordem da Madre Priora.

CAPÍTULO XXIV

Maria Madalena conheceu desejos insaciáveis de sofrer – A sua derradeira doença – A sua morte.

Aos olhos de Santa Maria Madalena, o seu pior inimigo era seu próprio corpo. Desde a sua infância ela declarou-lhe guerra, não tomando qualquer alimento fora das horas marcadas, ou privando-se, por ocasião das refeições, dos bocados mais deliciosos. Além disso, ela dormia sobre um enxergão; interrompia o seu repouso noturno para tomar uma disciplina; e inventava muitas outras penitências. Se ela, estando ainda na casa paterna e sob o olhar vigilante da sua mãe, já era tão penitente que dizer das suas santas extravagâncias praticadas na vida claustral quando mais liberdade para estas coisas?

A sua maior penitência certamente não consistiu em realizar, com grande assiduidade, as tarefas impostas pela obediência, ou as que ela mesma se impunha para ajudar as outras irmãs, enquanto o seu cospúsculo diminuto já era quase incapaz de se manter ereto em consequência das suas disciplinas e outras penitências. Deixando de lado aquele jejum extraordinário exigido por Nosso Senhor e durante o qual ela se sustentava unicamente com pão e água, pode-se afirmar que a Santa Madre jejuou durante toda a sua vida. Não se contentando com isto, ela acrescentou outras penitências: disciplinas tremendas que

provocaram a comiseração das suas Irmãs, às quais recorriam à competente autoridade com o fim de conseguirem algum alívio neste particular. A sua roupa interna era feita de crima, a sua cinta era de ferro. Por vezes, feria seu peito com uma pedra. Durante o inverno, usava um só hábito fino. E mesmo quando andava calçada, sabia introduzir nos seus sapatos qualquer coisa dura ou pontiaguda. O seu enxergão parecia-lhe muito macio e, por isso, dormia vestida sobre o duro chão. Isto ela fez durante uns quinze anos, para poder atender mais prontamente às Religiosas doentes, ou chamar à Comunidade para o Ofício noturno. Era este o seu teor de vida se as doenças permitiam.

Tendo chegado ao auge o seu amor da cruz, ela pediu a Nosso Senhor que, doravante, o seu quinhão consistisse unicamente em sofrer. Num êxtase do ano 1602, Nosso Senhor lhe revelou que este pedido seria deferido. Repleta de uma santa alegria, ela foi ter imediatamente com a Madre Evangelista, pessoa muito prudente, experimentada e santa, que havia sido a Mestra da Santa. Temendo que a sua confidente pedisse a Deus a retratação do favor prometido, Maria Madalena, depois de lhe ter contado o fato, arrancou dela a promessa de não pedir nada a Deus, neste sentido. Reconhecida, ela voltou para o coro, a fim de agradecer a Deus por mais esta graça.

Para começar, Nosso Senhor privou-a dos deleites espirituais, por ocasião dos êxtases: estes últimos continuavam sem os primeiros. Quando, em certa ocasião, a Santa percebeu qualquer deleite espiritual, ela exclamou: “Ah! Meu Deus, por que lesaste o contrato que comigo concluístes?!”

Finalmente, Nosso Senhor satisfaz plenamente aos desejos de Maria Madalena, enviando-lhe uma doença prolongada e dolorosa, acompanhada de uma extrema desolação espiritual. Esta desolação, que teve início antes da doença, chegou tão longe que a Santa se via obrigada a inventar e empregar todos os meios possíveis para experimentar alguma devoção. Assim, por exemplo, ela era avistada diante do Santíssimo Sacramento, ora segurando nas suas mãos um terço, ora um devocionário qualquer ou um livro com a narração da paixão de Nosso Senhor ou da vida de santos. Mesmo durante a sua ação de graças, depois da Santa Comunhão, ela tinha que empregar estes meios tão corriqueiros. Por ocasião das suas ocupações mais ordinárias, ela tinha que fazer um grande esforço sobre si mesma, a fim de vencer o desgosto que lhe vinha ao lado da natureza. A uma das suas Irmãs, ela declarou: “Realmente: uma alma que já experimentou quanto o Senhor é suave, deve ter um grande amor à cruz, e ela deve, mediante um grande esforço, ter o domínio sobre si mesma para poder servir a Deus no meio da aridez, assim como ela o fazia no tempo do fervor!”

O último êxtase que a Santa teve na presença das Monjas foi no dia de São João Batista, em 1604. Nesta ocasião, Nosso Senhor lhe revelou que desde aquele momento até a hora da morte não deixaria mais de sofrer. Toda alegre, ela respondeu: “Ó meu Jesus! Vós quereis que eu me torne pequenina? Que eu nasça de novo? – “Sim”. “Sim, eu me devo tornar pequenina a ponto de as minhas Irmãs não serem capazes de me reconhecer” mais tarde ela explicou que, em virtude da cruz prometida e anunciada, a sua vida seria tão diferente de antecedente que ela pareceria nascida de novo, unicamente para sofrer. Foi exatamente o que aconteceu, porque, além dos sofrimentos corporais, ela teve que suportar aridezes espirituais tão tremendas que ela parecia abandonada por Deus. E não obstante isto, ela apegava-se cada

vez mais à Santa Vontade de Deus, não perdia a coragem ou não descuidava dos seus deveres, e com uma prontidão admirável, executava todas as prescrições da obediência. Não obstante a sua fraqueza exterior e a sua desolação interior, ela continuou firme no seu ofício de Mestra até o fim daquele triênio.

Aproximando-se a época do Capítulo (das eleições) a Santa teve um pressentimento de que a Comunidade queria carregar sobre a sua pessoa os votos para o ofício de Priora. Como lhe faltava a idade canônica, seria preciso pedir dispensa neste ponto. Com muita habilidade, ela começou a propalar que iria necessitar de algum repouso por causa de seu estado de saúde, não tanto para fugir aos trabalhos do cargo, como porá se livrar das honrarias a ele anexas. No mês de outubro de 1604, realizou-se o Capítulo. As Capitulares, tendo mais em vista os merecimentos da Madre que a tornava digna da admiração e do respeito de todas do que o seu estado de saúde, elegeram-na para Priora do Mosteiro. A primeira reação da eleita foi uma grande tristeza, porque, com sinceridade, ela julgava-se inábil. A sua sujeição perfeita à Vontade de Deus, porém, fez com que ela sossegasse e não pensasse mais em outra coisa senão no fiel cumprimento dos deveres inerente a este novo ofício. O que Deus queria dela não era nada mais do que este último ato de conformidade. Oito dias depois a Santa sentiu-se atacada de uma febre alta, acompanhada de fortíssimas dores de cabeça que a obrigaram a guardar o leito. Todas as manhãs ela levantava-se para assistir a Santa Missa e comungar. Retornando, porém, a sua cela, vinham desmaios tão violentos que as Monjas julgavam ter chegado a última hora da Madre. A sua devoção eucarística, porém, era mais forte do que a sua doença. Durante mais uns dias ela continuou indo à Capela. Mas, ao fim o corpo não aguentou mais. As Monjas suplicavam-lhe que sacrificasse este prazer do coração em benefício da saúde. A Santa Madre respondeu: “Se fordes de opinião de que não sou digna de receber diariamente o meu Divino Mestre, certamente privar-me-ei desta visita. Mas se o vosso conselho for inspirado por outros motivos, não seguirei o vosso conselho, ainda que me custasse a vida, a não ser que o Padre Confessor me ordene o mesmo em virtude da Santa Obediência. Porque estou convencida de que, sem a Santa Comunhão, eu não seria capaz de suportar as dores desta febre contínua, e ainda menos as penas interiores. Pelo contrário, eu sinto que, depois da Santa Comunhão, este Pão de vida me comunica novas forças para suportar aquelas provações”.

Uma coisa lhe parecia insuportável: a inação à qual se via condenada. Nada era mais contrário à sua índole e aos seus costumes. Frequentemente ela repetia que Deus não lhe podia ter imposto uma penitência mais contrária à sua natureza do que esta. Mas, com quanta alegria e paciência ela suportou esta pena, porque era conforme a vontade de Deus.

Certo dia uma das Monjas perguntou à Santa Madre se aquelas provações quinquenais lhe haviam sido uma cruz penosa. Ao que ela respondeu que os mencionados cinco anos nunca haviam sido um prazo de puro sofrimento, porque, de vez em quando, algumas delícias celestiais lhe haviam sido concedidas como alívio. Em seguida, ela acrescentou: “Mas, o que peço a Deus no dia de hoje é o estado de puro sofrer, sem a mistura de qualquer deleite espiritual. A confiança que tenho na bondade de Deus me assegura que Ele finalmente me concederá este favor, antes que eu morra. Ó, com que prazer eu sacrificaria as consolações espirituais, tão apreciadas neste mundo, porque sei que elas não produzem frutos para a Pátria Celestial”.

Um desejo tão grande de sofrer não podia deixar de ser atendido. E por isso, apenas estendia sobre a cruz, ela qual estamos falando, a Santa Madre tornou-se participante do horrível martírio de Jesus. Embora as suas filhas lhe dedicassem todos os cuidados possíveis, ela não experimentava o menor alívio. Isto fez com que ela dissesse que o seu corpo já não prestava senão para sofrer, e que aquilo mesmo que anteriormente lhe trazia algum alívio, agora somente servia para lhe causar dores e sofrimentos.

Os seus males iam aumentando incessantemente. O seu desejo de sofrer, porém, não diminuía, antes tornava-se mais intenso. No meio de suas dores, ela levantava-se de vez em quando os seus olhos ao céu, agradecendo a Deus o grande benefício de poder sofrer sem qualquer alívio. Outras vezes, contemplando os seus membros exaustos e extenuados pelas dores contínuas, ela exclamava: “Reconheço ó Senhor que esta penitência não equivale ao número e ao tamanho dos meus pecados”

A todos estes males sobreveio durante um período de dois anos uma tão tremenda dor de dentes que ela, apesar da sua grande coragem, não era capaz de conter as suas lágrimas e os seus gemidos. Estas dores não vinham com intervalos como geralmente acontece. Elas eram contínuas e duravam dia e noite, resistindo a qualquer medicamento. Não lhe era possível apertar a dentadura e quando tinha que tomar algum alimento as dores da Santa aumentavam ainda mais. Finalmente, quando o mal tinha acabado de carcomer toda a gengiva, os dentes começaram a cair, um por um, mas, não sem antes terem causado uma dor à parte.

A tudo isto acrescentou-se um nojo invencível de tudo quanto era comida. De outro lado, as suas necessidades corporais lhe provocavam a apetência de certos alimentos. Mas, a Santa considerava como uma falta sua a manifestação dum tal desejo. Uma senhora nobre que lhe dedicava um grande afeto e respeito, enviou alguns manjares mais delicados. Estes, porém, lhe causavam escrúpulos tão grandes que ela não ousou provar deles. O Padre Confessor, informado por algumas Monjas, deu-lhe ordens de comer aquelas coisas com o fim de sustentar sua vida, já que não era possível tomar os alimentos comuns. Ela obedeceu, mas não sem fazer um grande esforço e sem declarar que o tempo da doença é o tempo em que se deve tornar mais manifesta a pobreza religiosa. Enquanto estava tomando aquela comida mais delicada, a Santa procurou lembrar-se de nosso Senhor e Salvador.

Além de tudo isto, continuava as dores de cabeça, particularmente em dias de 6ª feira. As dores intestinais pareciam-lhe agulhadas ininterruptas. Os médicos, esperando causar-lhe algum alívio, resolveram aplicar cauterizações. O efeito foi exatamente o contrário. Nestas ocasiões, todo o consolo da Santa consistia em contemplar a imagem do Crucificado e dizer-lhe: “Senhor! Impossível que o meu corpo aguente ainda estas dores, se Vós não me derdes as forças e a coragem necessária”.

Uma coisa lhe causava preocupação. Ela receava ofender a Deus por causa dos gemidos que as dores lhe arrancavam. Isto fez com que ela pedisse às suas Irmãs orações, a fim de ser capaz de suportar os seus males sem ofender a Deus. O mesmo receio a impeliu a perguntar ao Confessor se ele era da opinião que ela poderia salvar a sua alma assim mesmo. Vendo que o Padre se mostrava muito admirado, ela explicou: “Não é coisa de somenos, meu Padre, para uma criatura que durante a sua vida não fez nada de bom, ter que comparecer na presença de um Deus que é a própria Pureza”.

No meio de tudo isto, ela não se esqueceu do seu próprio pedido, feito a Deus, de unicamente sofrer. Confessor declarou-lhe um dia que ela antes de morrer, provavelmente ia ser inundada de grandes consolações. Ao que a Santa respondeu: “Meu Padre, estas coisas eu não peço a Deus, mas unicamente que ele me dê a paciência necessária para suportar as dores”.

Ainda que completamente consumida pelos sofrimentos, ela não deixava de cumprir, na medida do possível os seus deveres de Priora. Ela recebia as Monjas consolando, fortificando e animando-as nas respectivas dificuldades. Ninguém saía de junto dela sem se sentir consolada. Quando se tratava das necessidades alheias, ela se esquecia de si mesma algumas Monjas, tendo percebido este efeito nas visitas, encaminhavam para a Santa Madre as necessidades das Religiosas quando elas ouviam os gemidos da doente. Esta, esquecendo-se de si mesma, ia-se ocupar unicamente com as dificuldades das Religiosas.

Embora as dores aumentassem sempre mais, Maria Madalena não manifestava a mínima impaciência, seja nas suas atitudes, seja nas suas palavras. Pelo contrário, ela continuava a repetir os seus atos de sujeição e de oferecimento, lembrando-se da sua grande honra e glória que há de sofrer por amor de Jesus. Uma das suas filhas espirituais que bem sabia quanto a Santa estava sofrendo, disse-lhe uma vez: “é coisa maravilhosa Madre, como Nosso Senhor vai aumentando, diariamente, os seus sofrimentos!”. Ao que ela respondeu: “Eu acho este modo de agir da Providência tanto melhor, porque este tem sido o meu desejo desde a minha infância, e porque, nas minhas Comunhões, nunca tenho pedido outra graça. Ah! Minha filha, se soubesses que grande ventura é o sofrimento! A prática da paciência é coisa tão excelente que o Verbo Eterno veio procurá-la”.

Uma outra Religiosa, presenciando um assalto muito veemente da doença, chegou a dizer-lhe: “Minha Madre, custa-me muito ver que Nosso Senhor a faz sofrer tanto!”. Esta palavra tão contrária à conformidade com a Vontade de Deus, entristeceu à Madre, que respondeu: “Ah! Minha filha, o que está dizendo. Esta palavra me dói mais do que todos os meus sofrimentos. Caso Deus te enviar alguns contratempos, cuide bem de não te afastar da sua Santa Vontade, porque, então, transforma-se-ão em peso insuportável!”.

E, no entanto, era coisa acabrunhadora verificar-se que o corpo da Santa se achava tão descarnado, que todos os ossos deixavam marcas na cama e que as Irmãs enfermeiras não podiam tocá-la sem lhe causar as mais vivas dores. Os médicos, vendo o estado de extrema fraqueza e as terríveis dores, não podiam compreender como se prolongava aquela vida. As Religiosas, entre si, sempre diziam que a Madre devia morrer dentro de poucos dias. E não obstante, os dias sucediam outros, às semanas outras e os meses outros meses. E a doente continuava a viver. O seu corpo estava transformado num esqueleto, cujo aspecto doía ao coração. As visitas custavam muito às Monjas, que eram incapazes de reterem as suas lágrimas ou mesmo de dirigirem uma palavrinha à Madre. Quando o Confessor, de manhã cedo, lhe levava a Santa Comunhão, ele costumava, primeiro, lançar um olhar atento sobre a doente, porque temia que esta não fosse mais capaz de engolir a Sangrada Partícula. O amor, porém, vencia a fraqueza.

Ela fazia mais. Por determinação sua, duas Religiosas recitavam, diariamente, na sua presença, o Divino Ofício: ao qual ela prestava muito atenção chegando a repetir, com muita

devoção, alguns versículos. Não cessava de rezar pelos pecadores, pelas almas do purgatório e pelas causas que lhe eram recomendadas.

Finalmente, decorridos cinco anos de sofrimentos extraordinários, os médicos lhe declararam que era chegada a hora de receber a Extrema Unção. Porque eles julgavam que aquela vida devia terminar dentro de dois ou três dias. Maria Madalena, toda alegre, ouvia a notícia da sua morte próxima. Ela preparou-se à recepção daquele sacramento, mediante uma humilde redobrada. Depois de ter recebido a Santa Comunhão, ela recomendou aos cuidados da Confessor a sua Comunidade, prometendo-lhe que, uma vez no céu, ela havia de implorar para o padre e as suas Irmãs em reencontro em breve. Em seguida, ela pediu às Monjas perdão pelos seus maus exemplos dados, suplicando que as mesmas procurassem proceder sempre como dignas e verdadeiras esposas de Jesus Cristo. Agradeceu-lhes ainda, o favor de tê-la suportado, naquela comunidade, não obstante a sua indignidade. Dirigindo-se particularmente à Madre Evangelista, manifestou os seus profundos sentimentos de gratidão pelos grandes cuidados que ela lhe dispensou pedindo-lhe, ainda, perdão pela sua falta de correspondência. Garantiu a esta Madre que, chegada ao céu, ela havia de pedir para ela uma idade avançada, como a do seu Santo Padroeiro, a fim de poder zelar pelo bem comum do Mosteiro. Esta promessa realizou-se, pois a Madre teve uma morte santa, no ano de 1626, quando tinha alcançado 92 anos de idade.

Para todas as Monjas, Maria Madalena deixou, na forma de três conselhos muito salutareis, o seguinte testamento espiritual:

“1ª Minhas caras Irmãs: tende sempre um grande zelo pela observância da Regra e das Constituições. Em caso de necessidade, preferi sacrificar a vossa vida a permitir que se introduza algum relaxamento na mesma. E não percais de vista este ponto quando for chegada a hora de eleger uma Superiora para o Mosteiro.

2ª Em todas as coisas procurai e amai a Pobreza religiosa e a simplicidade, sem, no entanto, procurar qualquer singularidade. É verdade que eu mesma não vos dei um exemplo neste particular, porque, no meu modo de trajar e alimentar, afastei-me das mesmas normas. Peço-vos que me perdoeis, por amor de Deus, cuja vontade eu cumpria unicamente.

3ª Permanecei sempre docemente unidas pelos laços suaves da caridade, procurando ser um só coração e uma só alma. Cada uma de vós procure alegrar-se mais com o bem das suas Irmãs do que com o seu próprio bem, certas de que elas são mais aptas para promover a glória do Senhor”.

Em seguida, ela pediu que se cantassem em sua presença os símbolos ou profissões de fé de Niceia e de Santo Atanásio, bem como o Prefácio da Santíssima Trindade. Depois de tudo isto, ela recebeu das mãos do Confessor o Santo Sacramento da Extrema Unção. Sem desviar um instante sequer os seus olhares do Crucifixo, que segurava entre as mãos, ela respondeu a todas as invocações da Ladainha e das orações. As Monjas, que estavam a redor, prorrompiam num grande choro, demonstrando o seu desconsolo, enquanto a própria Santa recebeu deste sacramento um conforto tão grande que o seu rosto recuperou a serenidade interior e que as suas dores desapareceram.

Acabadas as cerimônias, ela disse ao Confessor: “Eu sei, meu Padre, que o senhor pretende no dia de amanhã fazer uma visita aos Eremitas de Monte Senuco. O senhor pode ir sem receio, porque, voltando de lá, ainda me encontrará viva. Peço-lhe que me recomende às orações deles, porque confio que eles me alcançarão da parte de Deus a graça da salvação”. Tendo o Confessor respondido que enquanto a santa se achasse em perigo ele não poderia ir, Maria Madalena retrucou: “O Senhor pode ir sossegadamente meu Padre. Prometo-lhe que esperarei até à sua volta”. Confiante nesta promessa, o Confessor foi. Voltando-se três dias depois e encontrando a doente nas mesmas condições.

Durante os treze dias que seguiram à recepção do Sacramento, a Madre teve que suportar as dores mais terríveis. Em consequência, o seu pobre corpo descarnado derramava um suor tão copioso que o seu leito ficava como que inundado e que duas Monjas tinham que permanecer junto dela, a fim de enxugá-la constantemente.

A Santa pensava exclusivamente na sua salvação eterna, recomendando-se ininterruptamente nas orações das suas Irmãs. Estas, por sua vez, não deixavam de apresentar-lhe os seus desejos e os seus interesses espirituais para quando a Santa Madre chegado ao céu. Ao que ela respondia: “Se durante esta vida mortal eu teria sacrificado tudo com muito prazer, a fim de ver-vos adiantadas em perfeição, porque conhecia o grande amor que Jesus vos tem, quanto mais procurarei ser-vos útil depois de ter sedo recebida no céu por este Divino Esposo”.

Todas tinham alguma coisa especial e a todas a Santa atendia e consolava. Falava-lhes exclusivamente de Deus, de morte, do céu, dos conselhos evangélicos, do estado religioso, da perfeição, da observância regular, da caridade fraterna. Enquanto isto, entrou de repente uma Religiosa e, para grande espanto das presentes, começou a insultar a moribunda. Maria Madalena recebeu a ofensa com uma paciência admirável, dirigindo à aquela Religiosa palavras de mais terna amizade. Tendo notado que uma das presentes ficara sumamente admirada com tanta mansidão, a Santa lhe disse: “Esta Irmã veio prestar-me um grande obséquio. Eu tive que mostrar-me grata para com ela. E alegro-me sumamente por não ter morrido antes que chegasse esta pequena cruz”.

Embora sobrenaturalmente assegurada da veracidade das revelações recebidas, a sua humildade fazia com que ela receasse algum engano diabólico. Tendo exposto a sua dúvida ao Confessor, este lhe respondeu que, se ela nunca se afastara das normas da obediência, não se preocupasse com nada. Ao que a Santa respondeu que não se lembrava ter feito qualquer coisa contra a obediência e sem a obediência devida aos seus Superiores, procurando, assim unicamente agradar a Deus.

Da morte ela não tinha medo. As Monjas podiam tocar neste assunto com toda a liberdade. Parecia dar contentamento à Santa, que só estava à espera do seu desenlace. As Religiosas, que passaram com ela à última noite, notaram no seu rosto a mais profunda tranquilidade. Dois dias antes de morrer, ela mesmo declarou ao seu Confessor: “Posso assegurar-lhe que no meu corpo não há qualquer parcela que não tenha sido sobrecarregada de dores. No meio de tudo isto, porém, o meu coração goza duma paz inalterável”.

Não obstante o aumento das dores nos últimos dias, ela recusava-se a aceitar qualquer alívio oferecido ou prescrito, dizendo: “Na cruz, o meu Jesus estava privado de qualquer auxílio. Como Ele, quero morrer sem procurar alívio para as minhas dores, e na extrema desolação da minha alma”. Com o único intuito de encontrar alguma devoção exterior, ela pediu que se recitasse continuamente, na sua presença, as Ladainhas, os Salmos penitenciais, as profissões de fé, e outras orações. Além disso, ela recebia diariamente a Santa Comunhão.

No dia 24 de maio de 1607, quando a Igreja estava celebrando a Festa da Ascensão do senhor, a Santa sentiu-se muito pior. Tudo parecia indicar o seu passamento próximo. No meio dos soluços das suas Irmãs, que se achavam em redor do leito, foram recitadas as orações dos moribundos. A uma pergunta sua, o Padre Confessor respondeu que ia dar-lhe o sagrado Viático, logo depois da meia noite. Depois disto, ela falou com suprema unção, na presença de toda a Comunidade. Parecia que a união com seu Amado Ihe ia restituir as forças. Logo depois, porém, a doença chegou ao seu ponto culminante, tanto assim que se avisou ao Confessor que viesse assistir aos momentos derradeiros. Passaram-se mais duas horas, e o sino estava convocando a Comunidade para a Santa Missa de Comunhão. O Confessor retirou-se para a Celebração. Apenas revestido dos paramentos, recebeu a notícia de que a Madre Maria Madalena estava para entregar a sua alma. Não sabendo o que fazer, recorreu ao seguinte expediente. “Ide dizer à Madre Maria Madalena que, em virtude da Santa Obediência, eu Ihe proibio que morra antes de terminar a Santa Missa e a Comunhão das Irmãs”.

E, ó milagre! Apenas Maria Madalena acabou de ouvir esta ordem, ela voltou a si! Fez mais, interrompeu o silêncio a que se vira obrigada durante as últimas horas e, com voz clara e alegre, ela disse: “Deo Gratias”. Em seguida, pediu que Ihe dessem o que beber. Dirigindo a palavra à Madre Pacífica, ela disse ainda: “Dou graças a Deus, porque ele me deixa em estado de desolação, até o fim. Basta-me que eu cumpra a sua vontade e me salve. Pelo menos, renuncio prazerosamente a qualquer consolo espiritual”.

Tendo ela completado mediante estes atos de renúncia a aniquilação da natureza, tornou a entrar o Confessor acompanhado de todas as Religiosas. Estas, querendo dar à Madre a consolação de morrer em meio a louvores divinos, recomeçaram a recitação das orações já mencionadas. A agonia prolongou-se por uma grande parte daquele dia que era uma sexta feira. Maria Madalena qual uma imagem viva do seu Divino Mestre, estava lá estendida sobre a sua cruz, sujeita a toda espécie de dores corporais e espirituais.

Finalmente, na mesma hora a que Jesus entregou a sua alma ao Pai, a alma da Madre Maria Madalena de Pazzi abandonou esta terra, refugiando-se no seio de Deus.

Esta morte preciosa ocorreu quando ela tinha completado a idade de 41 anos, 2 meses e 24 dias; no dia 25 de Maio de 1607, depois de ter passado 24 anos, 5 meses e 25 dias na vida religiosa.

Acontecimentos que sucederam à morte de Maria Madalena de Pazzi; - A sua Beatificação e Canonização

Logo após a morte, o corpo de Maria Madalena, tão extenuado e diminuído pela doença e pela penitência, recuperou o aspecto dum corpo sadio. O rosto assumiu cores vivas e começou a espalhar um certo brilho. Ninguém tinha mede de se aproximar. A Monja que ofendera tão gravemente a Santa Madre no leito de morte foi a primeira beneficiada. Ela que não pudera suportar nem as virtudes, nem os dons sobrenaturais da Madre, reconheceu, de repente, os seus erros, proclamando que Maria Madalena devia estar na glória celeste.

As outras Religiosas, considerando a grande perda e lembrando-se dos exemplos edificantes e das instruções salutareis que agora deixariam de receber, entregaram-se a um grande pranto. De outro lado, não puderam deixar de alegrar-se com o triunfo final daquela cuja lembrança seria para elas motivo de contínuo conforto e consolo. Sem demora, tomaram as providências necessárias para o enterro. Depois de terem revestido o corpo do hábito religioso, colocaram-no na sala do Capítulo e recitaram o Ofício e os Salmos.

Às dez horas da manhã, do dia seguinte, o corpo foi transportado para a capela e colocado frente às grades. Os fiéis, informados do ocorrido, começaram a afluir em grande número para prestarem as suas homenagens àquela cuja fama de santidade se espalhara pela cidade, já em vida. Uns depositavam flores, retirando-as logo em seguida. Outros começaram a cortar e arrancar pedacinhos do hábito. Com o fim de evitar desordens, postaram-se guardas em redor do esquife. Às cair da noite, juntaram-se aos habitantes da cidade os camponeses. Todos proclamavam a santidade da Madre Maria Madalena. Havendo surgido um início de tumulto e desordem, resolveu-se evacuar e fechar a Igreja. Poucas pessoas puderam permanecer lá dentro. Entre estas estava um Padre Jesuíta, a cujo lado se encontrava um moço, cuja vida dissoluta era de conhecimento de todos. Quando este último procurou aproximar-se mais do esquife, a fim de contemplar melhor aquele sagrada depósito, virou-se o rosto da Santa Madre para o lado oposto. Isto causou grande espanto no moço. O Padre Jesuíta, que havia notado tudo isto, disse ao moço: “Está vendo meu rapaz, que esta pessoa virginal não é capaz de suportar os teus olhares, porque estes se acham manchados de um vício, no qual ela tem horror?”. O pobre moço reconheceu o seu passado pecaminoso e, no mesmo instante, fez o propósito de emenda completa e definitiva. De fato, poucos dias fez uma confissão sincera e humilde, a qual foi o início de uma vida exemplar que terminou com uma santa morte.

Entrementes, continuava do lado de fora a afluência de fiéis que, com grande insistência e impaciência, pediam que se lhes desse oportunidade para venerar os despojos da Santa. À vista disto, resolveu-se proceder ao enterro, durante aquela mesma noite.

Depois de terem revestido o corpo de um hábito duplo, as Religiosas depositaram-no dentro do caixão, o qual foi enterrado por detrás do altar-mor.

Desde o dia seguinte, o povo fiel, incitado por motivos não de curiosidade, mas de piedade e devoção, começou a fazer as suas romarias. Todo o mundo pedia relíquias. As Monjas negaram-se a atender estes pedidos, até que o Arcebispo de Florença, Alexandre de Medici, que tinha uma grande veneração para com a Madre Madalena, desse licença. Desde

então, foram repartidos e retalhados os vários objetos usados pela Santa. O número de devotos ia crescendo e já não eram somente habitantes de Florença ou Itália que recorriam a poderosa intercessão da serva de Deus. A fama da sua santidade ia-se espalhando por toda a parte, particularmente depois da publicação de algumas biografias.

Muitos milagres atribuídos à intercessão da Madre tornaram-se públicos. Somente na cidade de Florença foram feitos os atos Oficiais de dezenove.

Um ano depois da morte, deu-se um fato que chamou novamente a atenção de todos para a nossa Santa. O Confessor havia notado que o lugar da sepultura estava sempre húmido e queria que arranjasse um outro mais decente. Com licença do Arcebispo, procedeu-se, no dia 27 de maio de 1608, aniversário de enterro, à abertura do caixão. Para grande admiração das Monjas, encontrou-se o corpo intacto, num estado de perfeita conservação. E, no entanto, todas elas sabiam que não haviam sido tomadas providências de embalsamento. De outro lado, o lugar da sepultura deveria ter contribuído ainda mais para uma decomposição rápida. Bastava observar o estado de putrefação ao qual ficara reduzido o caixão, bem como o hábito duplo que encobria o corpo. O toque em qualquer um destes objetos fazia que eles caíssem em pedaços. Daquele corpo virginal, porém, não se desprendia qualquer odor desagradável. Pelo contrário, ele exalava um perfume agradabilíssimo. Os vários membros apresentavam-se não somente intactos, como, ainda, flexíveis. A única mudança consistia na cor do rosto que havia assumido um matiz escuro. O nariz e o lábio inferior pareciam indicar algum início de decomposição.

O corpo de Maria Madalena foi transportado processionalmente para o aposento, (Já transformado em oratório), onde ela havia passado os seus cinco anos de doença. Uma semana mais tarde, as Monjas foram testemunhas de um novo milagre que provocou a sua admiração. Dos dois joelhos começou a escorrer um líquido oleoso, perfumoso, que humedecia o hábito. Não sabendo o que fazer, começaram elas a colher aquele óleo pondo panos debaixo dos joelhos. Estando saturados aqueles panos, retiravam-nos, substituindo-os por outros limpos. Formaram estes panos, distribuídos entre os devotos, as relíquias mais preciosas e milagrosas da Santa, pois que, mediante os mesmos se realizaram curas estupendas. O escorrimento teve a duração de doze anos. Durante todo este tempo, o corpo conservou a flexibilidade e o seu aspecto majestoso. De tudo isto os médicos fizeram uma declaração, da qual consta que estas coisas não admitem qualquer explicação natural, mas, devem ser atribuídas a uma intervenção divina. Esta declaração, feita sob juramento, foi acrescentada aos documentos necessários para Beatificação e entregue à Sagrada Congregação dos Ritos, em Roma.

O Excelentíssimo Cardeal Gonzaga de Mântua, tendo lido a biografia da Santa Madre, quis prestar as suas homenagens a ela e satisfazer à sua devoção particular. De passagem por Florença, numa viagem para Roma, demorou-se bastante tempo na capital toscana.

De comum acordo com o Arcebispo, mandou confeccionar um relicário artístico, no qual ficaria conservado e simultaneamente exposto o corpo intacto da Santa. Terminada a execução desta obra, o Senhor Cardeal foi avisado e, em companhia do Grão-Duque de Toscana, foi mais uma vez prestar as suas homenagens à Madre e satisfazer às suas devoções

particulares. Além de milagres ocorrerem certas desordens. Em consequência destas, resolveu-se guardar o corpo dentro da clausura.

A fama da santidade ia se espalhando por todos os países. Prelados e príncipes interessaram-se, cada vez mais, pela causa e pediram à Santa Sé que se abrisse o Processo de Beatificação.

Feito os exames canônicos relativos à vida, às virtudes da Madre Maria Madalena e aos milagres que lhe eram atribuídos, o Papa Urbano VIII mandou publicar, no dia 08 de maio de 1626, o decreto que atribui à mesma as prerrogativas de Bem Aventurada.

Com esta glorificação não permitiu o culto prestado à grande filha do Carmelo. Antes, pelo contrário, foi tomado maior vulto. De todos os lados vinham pedidos de informações e relíquias, comunicações de favores e milagres alcançados, acompanhados de insistência junto à Santa Sé para que se dignasse proceder à Canonização. O Sumo Pontífice Clemente IX nomeou uma comissão de Cardeais à qual foi entregue a causa. Tendo obtido um parecer favorável, o mesmo Papa procedeu à cerimônia de Canonização de Maria Madalena de Pazzi, na Basílica do Vaticano, no dia 28 de abril de 1669.

A Bula Pontifícia, relativa a esta canonização, foi publicada no dia 08 de maio de 1670, pelo Papa Clemente X.

Ensinados pela nossa Santa Fé, sabemos que a alma desta grande Carmelita está no céu, gozando o prêmio das suas virtudes e obras heroicas, enquanto o seu corpo, continuando incorrupto, em sinal da sua grande pureza de vida, se conserva na Capela do Mosteiro de nossa Senhora dos Anjos de Florença, onde recebe, até aos nossos dias, as homenagens e venerações dos seus devotos.